



JOGOS MENTAIS

DAVID MCGLONE



JOGOS MENTAIS

DAVID MCGLONE

Traduzido por

ROMULO SILVA

Direitos autorais (C) 2022 David McGlone

Design de layout e Direitos reservados (C) 2023 Next Chapter

Publicado em 2023 por Next Chapter

Arte da capa por CoverMint

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou foram usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão do autor.

CONTEÚDOS

[Prólogo](#)

[O Hotel](#)

[O Ambassador](#)

[A Ideia](#)

[A Realidade](#)

[Hôtel De Rêves](#)

[Projetos Grandiosos](#)

[Quarto 24](#)

[Quarto 12](#)

[Quarto 6](#)

[Quarto 2](#)

[Os Envolvidos](#)

[Andrew](#)

[À Deriva](#)

[Ellen](#)

[O Bem Maior](#)

[Maria](#)

[História](#)

[Vício](#)

[Imagem Refletida](#)

[Fato e Ficção](#)

[Sr. Steele](#)

[Sr. Paul](#)

[O Cassino de Steele](#)

[Stephanie Steele](#)

[Uma Chance](#)

[Propriedade Intelectual](#)

[Sem Canção de Ninar](#)

[A Perseguição](#)

[Encurralado](#)

[Puro Desejo](#)

[Sem Convite, Sem Impressão](#)

[Talentos Ocultos](#)

[Fazendo Contato](#)

[Lealdades Divididas](#)

[Fazendo a Limpeza](#)

[Fuga](#)

[Destino](#)

[O Amanhecer da Verdade](#)

[Voto de Sangue](#)

[Consequências](#)

[Ausente](#)

[Caçada; caçado](#)

[Verdade Nua e Crua](#)

[Invasão de Domicílio](#)

[Gerenciamento](#)

[Santuário](#)

[Serviço de Quarto](#)

[Boas Maneiras](#)

[Morto Para o Mundo](#)

[Pontas Soltas](#)

[Epilogue](#)

[Caro leitor](#)

[Sobre o autor](#)

Para Joanne

PRÓLOGO

TUDO NA MENTE

As pernas de Andrew estavam firmes, a corrida podia ser feita sem esforço e sua respiração era profunda, ainda que seu peito estivesse apertado. A desenvoltura atlética lutava contra a tensão da ansiedade enquanto ele avançava pela grama alta. Parando repentinamente quando a estrada despencou abruptamente para nada mais do que pedras irregulares abaixo, ele buscou outra rota de fuga.

— Parado! Fique onde está!

A voz vinha de longe, mas estava ficando mais próxima. Andrew se virou e olhou para a grama pisoteada e para a figura cambaleante que se aproximava, fixando a bolsa no ombro, inclinando-se para a frente na direção do homem. Agachado e sem perder tempo, ele fechou as mãos e enrijeceu os ombros, antecipando o contato, ansiando por isso. A adrenalina corria por ele, uma descarga estimulante que aumentava à medida que ele se aproximava de seu perseguidor, que agora estava virado para um dos lados e confuso. "Ele está com medo", pensou Andrew. "Posso fazer isso rápido".

A perseguição pode ter feito sentido para o policial de rosto vermelho no momento em que ele sentou-se ao volante de sua viatura, mas enfrentar o meliante de frente não estava nos planos. Orgulhoso demais para correr, ele ficou parado, virado para um dos lados, esperançoso de enfrentar o homem, mas com a certeza de não querer provocar uma colisão direta. Andrew era muito rápido, muito forte, seu empenho era absoluto. Ele reuniu ombro com ombro, gritando enquanto saltava para o impacto. O policial voou para trás, com sua dor sendo expressa somente através do breve momento em que o ar foi forçado a sair de seu corpo. Andrew não perdeu o passo, seguindo em frente e reduzindo apenas um pouco

a velocidade enquanto verificava se sua bolsa ainda estava segura. Ele sorriu largamente ao sentir a bolsa de lona áspera e abarrotada de dinheiro pressionando suas costas. Seu corpo inteiro pulsava com vida e ele gritava de alegria à medida que acelerava os passos mais uma vez.

Ele logo chegou ao carro do policial, cuja porta aberta servia como um indicativo de pressa descuidada, e parou para recuperar o fôlego. Esticando o pescoço, ele observou os arredores, deleitando-se com o vazio silencioso. Ele jogou a bolsa no banco do passageiro e sentou-se ao volante, sorrindo para as chaves penduradas.

— Este é um veículo oficial, então não se esqueça do cinto de segurança. — Mais uma vez, ele sorriu enquanto colocava o cinto no lugar e girava a chave na ignição. Com o pé no acelerador, o motor rugiu e os pneus cuspiram terra e cascalho em seu rastro. — Vamos, Andy, garoto!

À medida que o carro acelerava pela estrada de terra e saía para a autoestrada, os sentidos de Andrew ficavam mais aguçados, com suas emoções vivas e revigoradas. Esta era uma euforia que ele desejava que nunca terminasse. Subindo as marchas, ele empurrava o carro cada vez mais rápido, desesperado para fazer o veículo acompanhar o ritmo frenético da sua mente. Observando o mundo se dissolver em um borrão de cor, ele gritou em êxtase, um grito agudo que parecia quase inumano. Som e visão se fundiram, culminando em um turbilhão profano. Então, havia apenas escuridão.

O corpo de Maria ainda estava pulsando e suando quando ela abriu os olhos. Sua cabeça girava e levou algum tempo até que ela pudesse tomar conhecimento do quarto de hotel. Estendendo as mãos para os lados, ela arqueou as costas em um alongamento exagerado enquanto pegava sua água e bebia avidamente. Gradualmente, sua respiração foi desacelerando, juntamente com seu coração.

— Jesus, que sensação! Que lugar!

O lugar em questão era o Hôtel de Rêves, um lugar de grandiosidade desvanecida e estranhos encantos. Uma fonte de falsa mitologia, sua realidade era ainda mais estranha que a ficção.

Sua clientela era tanto seleta quanto aleatória. Alguns vieram saciar sua estranha curiosidade e foram embora, discretos e perturbados para nunca mais voltar. Alguns ficaram imersos na experiência e voltaram para casa revigorados e entusiasmados. Outros acabaram sendo dominados por esse opiáceo orgânico, ainda que não natural, retornando ao local como viciados de olhos fundos, várias e várias vezes.

Para Maria foi algo novo e inesperado. Uma experimentação nos moldes do tabuleiro Ouija, mas que se conectava com Deus sabe quem? O fato de ter funcionado já foi uma surpresa, mas experimentar uma sensação tão profunda foi ainda mais impressionante. Alcançando a mesa de cabeceira novamente, ela pegou o cartão preto brilhante, lendo as letras em vermelho mais uma vez.

BOAS-VINDAS AO HOTEL DE RÊVES.

ESQUEÇA O QUE VOCÊ PODE TER OUVIDO OU LIDO.

ESTA É UMA EXPERIÊNCIA QUE É TODA SUA.

***RELAXE E PERMITA-SE ADORMECER, POIS O RESTO
CUIDARÁ DE SI MESMO.***

***É PROIBIDO CONTATAR OUTROS HÓSPEDES E TENTAR
FAZER ISSO RESULTARÁ EM BANIMENTO IMEDIATO E
PERMANENTE.***

APROVEITE ESTA JORNADA ÚNICA.

Foi realmente algo único e surpreendente. Maria não havia assistido ao sonho do estranho; ela havia se tornado o sonhador, sentindo cada movimento e emoção dele. Ela não sabia como aquilo funcionava, ou por quê, mas certamente sabia que funcionava. Balançando a cabeça, ela saiu da cama alisando para trás seus longos cabelos escuros enquanto esticava o pescoço mais uma vez.

— Quem imaginaria que eu seria um cara por uma noite?

Ela riu para si mesma e posou para o espelho, tentando flexionar seus músculos. Enquanto se observava, ela focou em seus olhos castanhos, objetos de tanta lisonja, e se concentrou, olhando como se pudesse vê-la retribuir o olhar.

— Foi um sonho, supere isso. — Seus pensamentos a arrastaram para o chuveiro, uma refrescante rajada de água para restaurar a realidade. Pegando suas roupas, ela se vestiu com certa urgência, checando o relógio duas vezes sem necessariamente registrar as horas. Então, pegando sua bolsa, ela se dirigiu para bater na porta. Depois de um curto período de tempo, a porta do quarto se abriu e uma loira de aparência séria entrou.

— Acredito que você teve uma boa estadia, Srta. Roman, não acha?

— Bem... sim, sim, obrigada. Foi, digamos... foi diferente.

— Sim, Srta. Roman. Agora você pode me seguir, por favor?

A loira pegou sua mão, o que a surpreendeu, embora o processo já tivesse sido explicado antes.

— Ah, certo. Sim, a escolta, é claro. — Ela tentou dar risada, mas ficou nervosa.

— Está tudo bem, Srta. Roman; é apenas uma medida de segurança para novos hóspedes. Isso protege você tanto quanto qualquer outra pessoa. Vou levá-la ao seu carro.

Maria pegou a mão da mulher e, sentindo-se um pouco constrangida, foi conduzida pelos corredores até o estacionamento. Piscando enquanto bocejava, seus olhos se ajustaram à luz e a senhora soltou sua mão quando se voltou para a porta escura.

Uma vez no carro, ela ligou o rádio e saiu para a estrada, inconscientemente aumentando o volume enquanto uma música do Afghan Whigs explodia nos alto-falantes. Ela sorriu abertamente e seu pé empurrou o acelerador para baixo até tudo ao redor se transformar em um borrão.

Ela estava consciente de si mesma mais do que o normal, ciente dos pequenos detalhes. Os movimentos de suas pernas pareciam delicados enquanto ela pisava nos pedais, bem mais suaves em comparação com sua experiência de direção mais recente. Os músculos do pescoço estavam muito mais relaxados, o ato de dirigir

se mostrava simples e automático. Era como se a noite anterior não tivesse sido um sonho, mas uma experiência ultra-real. Trazendo sua mente totalmente para o presente, ela viu a agulha do velocímetro emperrar para a direita e aliviou o acelerador. Ela precisava se certificar de que aquilo não iria terminar em uma escuridão total.

O HOTEL

O AMBASSADOR

O hotel era um edifício impressionante que ficava bem ao lado da estrada principal, com sua fachada branca ainda bonita, mas já mostrando sinais de envelhecimento. Sua grandiosidade desbotada e seus luxos antiquados não o permitiam ser classificado como 'top de linha', mas estava longe de ser uma hospedagem barata, pois tinha personalidade e aconchego reais. Cercado por vegetação exuberante e um pequeno, mas belo jardim, era distinto e discreto, exatamente o que os sócios do local buscavam.

Após um período de sucesso no ramo de administração de propriedades e no comando de um cassino lucrativo em seu nome, Charles Steele decidiu que poderia fazer o mesmo com outro estabelecimento. Seu braço direito, o Sr. Paul, encontrou esta propriedade por acaso enquanto usava o percurso de entrada do local para fazer uma curva.

Ele viu o potencial e sentiu a atmosfera do lugar. Ele queria que os ricos se sentissem em casa, mas sem anunciar o hotel como sendo um local exclusivamente para ricos.

— Posso ajudá-lo, senhor? Vai dar entrada hoje? — As palavras eram educadas, mas o tom transmitia outra mensagem. O orador permaneceu à distância, firme e sério, mas com os olhos ocupados.

— E você é? — perguntou o Sr. Paul, um pouco mais enfaticamente do que gostaria.

— Sou o Sr. Carter e faço questão de que os hóspedes sejam bem tratados.

— Bem, seu tom está longe de ser acolhedor — disse o Sr. Paul enquanto fechava a porta e caminhava em direção a Carter. — Nada amigável.

Carter se manteve firme quando o Sr. Paul se aproximou, observando o estranho, sentindo sua ameaça. — E você não é um hóspede — falou com um sorriso que abrandou o Sr. Paul, que sorriu para si mesmo e balançou lentamente a cabeça.

— Que atitude você tem, Sr. Carter.

— Isso vem com o trabalho, Senhor....

— Senhor Paul, e você faria bem em se lembrar. — Tirando os óculos escuros, o Sr. Paul fixou o olhar em Carter.

— Tenho boa memória para nomes, mas nunca esqueço um rosto. Porém, acho que ambos serão válidos para o seu caso, Sr. Paul. Agora, voltando à minha pergunta original, posso ajudá-lo?

— Gosto da aparência deste lugar. Quanto você acha que custaria? — O Sr. Paul passou por Carter e começou a caminhar ao longo da propriedade. Carter se virou e o seguiu em um ritmo constante.

— Não estamos à venda, Sr. Paul. Então, qualquer preço seria irrelevante.

— Ora, Sr. Carter, é aí que você se engana. — O Sr. Paul sorriu quando se virou para Carter. — Tudo tem um preço, todo mundo. Veja, assim como é seu trabalho cuidar deste hotel e dos hóspedes dentro dele, é meu trabalho comprar tais lugares.

— Bem, ele não está à venda e acho que você descobrirá que há muitos outros hotéis no mercado. — Carter falou com confiança, mas sem nenhuma convicção real.

— Talvez, mas eu quero este, e eu, nós, vamos comprá-lo. — O Sr. Paul recolocou os óculos escuros e voltou para o carro. Entrando no veículo, ele ligou o motor e abaixou a janela. Carter ainda estava lá parado, observando enquanto o Sr. Paul falava. — Você é sempre tão... vigilante? — Ele acelerou o carro enquanto observava Carter assentir. — Bem, você pode continuar trabalhando no hotel. Você tem bons olhos.

Enquanto o carro acelerava para a estrada, Carter permaneceu preso ao chão. Ele acreditou no homem e isso o deixou assustado. Ele resolveu telefonar para o proprietário e avaliá-lo sobre a situação; entretanto, ele sabia que isso não mudaria nada. Enquanto isso, o Sr. Paul pisava fundo enquanto voltava para o escritório, contente por saber que o lugar ideal havia sido encontrado.

A IDEIA

O chefe de Paul era Charles Steele, embora Paul o visse mais como um colaborador. Ele acatava ordens com as quais concordava, considerava outras das quais não tinha certeza e recusava categoricamente aquelas que realmente não gostava. No entanto, se isso ajudasse Steele a acreditar que havia uma hierarquia, que assim fosse. Contanto que estivesse indo na direção que queria, ele ficaria satisfeito. Além disso, ficar em segundo plano combinava com o estilo dele.

O hotel, ou um hotel, era algo que ambos concordavam plenamente. Era um novo conceito com novos objetivos para além do mero negócio. Algo que contaria com a experiência do Dr. Thomas Pearce, que havia surgido com a ideia; Ellen St Peters, uma poderosa mente intuitiva; e os outros que ela recrutaria. O objetivo seria conquistar o poder através da informação, escondida atrás de um véu de sigilo, e a parapsicologia aproveitada pela ciência. Era algo difícil de descrever e esse era um dos seus pontos fortes.

— Voltou cedo. — Steele não conseguia esconder sua decepção com o rápido retorno do Sr. Paul.

— Cedo? Foi o tempo suficiente para realizar o trabalho, por que eu demoraria mais? — A execução monótona do Sr. Paul dificultava a leitura de seu humor, sem falar que sua expressão impassível não acrescentava nada. Às vezes, incomodava Steele não saber dizer se as palavras do Sr. Paul eram práticas ou sarcásticas, zombeteiras ou sinceras. Felizmente, ele raramente falava.

— O trabalho está feito? — Steele não escondeu seu ceticismo.

— Você, nós, queríamos um hotel. Eu tenho um hotel que é perfeito. Portanto, minha parte do acordo está feita. Você só precisa persuadir o proprietário a vender. — O Sr. Paul parou e bateu com um dedo na cabeça. — Melhor ainda, eu vou persuadi-lo a vender, você fornece o talão de cheques.

— Deixe a persuasão comigo, não quero que os custos do funeral sejam adicionados ao preço. Pelo menos, não por enquanto.

— Steele sorriu, embora suas palavras estivessem longe de ser uma piada. — Então, onde fica?

— Uns dois ou três quilômetros fora da cidade, acessível, mas não tão óbvio, boas razões. Eles têm um cara, Carter, que fica de olho em tudo; mantenha-o. Será perfeito para nossas necessidades.

— O Sr. Paul fez uma pausa para ver a reação de Steele; sua falta de entusiasmo o irritava. — Estou te aborrecendo?

Agora, Steele estava irritado. — Pedi que fizesse um trabalho, você fez. O que você espera que eu faça? Ficar de pé e aplaudir?

— Aqui está o endereço e o nome do dono. O resto é com você. — O Sr. Paul jogou uma folha de papel com os detalhes na mesa de Steele. Seus olhos se encontraram por um momento e Steele sabia que não era hora de forçar as coisas. Ele era o chefe, mas não tinha controle sobre aquele homem. Enquanto Steele olhava para sua mesa, o Sr. Paul se virou e saiu, fechando a porta suavemente, como sempre, o que fazia Steele pensar que ele ficava parado do lado de fora da porta. O silêncio do homem era enervante.

Voltando sua atenção para o papel sobre a mesa, ele leu o nome, Joseph Stander, e olhou para o endereço e o número. Será que ele deveria verificar o lugar primeiro? Não, o Sr. Paul era bom no que fazia, senão por qual outro motivo ele manteria esse psicopata por perto? Steele sorriu e pegou seu telefone, ficando ainda mais satisfeito ao ser atendido ao segundo toque.

— Joe Stander, como posso ajudá-lo? — a voz rouca perguntou.

— Sr. Stander, boa tarde, espero que esteja bem. Meu nome é Charles Steele e estou comprando seu hotel.

— Ah, eu estava aguardando essa ligação. Será que o seu homem não recebeu a mensagem? O Ambassador não está à venda. Agradecemos seu interesse, mas...

— Isto não é um inquérito ou uma negociação — interrompeu Steele. — Estou comprando o hotel e só preciso saber como você quer ser pago e o valor. — As palavras fortes foram recebidas com silêncio enquanto Stander tentava descobrir quem era esse interlocutor e por que ele era tão insistente.

— Bem, Senhor, Steele, talvez eu não tenha sido claro... — Mais uma vez, Stander foi cortado, desta vez o tom foi ainda mais alto e áspero.

— Você foi claro como cristal, mas talvez eu não tenha sido. Eu vou comprar o seu hotel. Não há nada mais certo do que isso. Vou manter as coisas educadas por enquanto, já que você obviamente não sabe quem eu sou, mas saiba que fecharemos um acordo amanhã. Esta noite, você vai perguntar por aí sobre mim, fazer algumas pesquisas, compreender o que isso significa e chegar a um preço. Você não quer que o Sr. Paul retorne para visitá-lo, mas tenho certeza de que isso não será necessário.



A ligação foi encerrada, deixando Stander ouvindo o som de discagem, com a mente girando. Com o canto do olho, ele viu Ted Carter parado na porta.

Aquele homem, o pessoal dele, eles ligaram, como você disse. A audácia. — Ele fez uma pausa e balançou a cabeça. — A grosseria. Eu... preciso que você investigue um tal Sr. Charles Steele.

— Charles Steele? O dono do cassino? — Os olhos de Carter estavam arregalados.

— Você o conhece? — Stander ficou surpreso e preocupado com a expressão do gerente.

— Ah, se for o mesmo homem, eu o conheço. Meu namorado trabalhou para ele, em seu cassino, não por um longo período, mas por tempo suficiente. O que ele disse?

— Ele disse que está comprando o hotel... sem negociação... apenas comprando, mesmo que eu não esteja vendendo. — Stander riu, mas com um riso vazio.

— Pegue o dinheiro, você não pode dizer não a esse homem.



Steele colocou o telefone na mesa e pegou o documento preparado pelo Dr. Thomas Pearce. Agora, o planejamento poderia começar para valer. O hotel havia sido selecionado, ele tinha certeza, então só faltava organizar os detalhes. Pearce tinha as substâncias químicas e a pesquisa, os outros forneceriam sonhos, enquanto ele providenciava aqueles que se alimentariam deles. Sonhar o sonho dos outros? Ser eles? Essa era a grande ideia, que agora parecia tangível.

No verso do documento, ele leu mais uma vez o termo aditivo:

Testes iniciais mostraram que algumas pessoas foram muito mais receptivas aos sonhos de outras. Elas também pareceram ter mais controle e consciência. Isto foi validado por Ellen. Na verdade, foi ela quem trouxe o conceito à minha atenção. Acredito que, com as pessoas certas e o posicionamento correto, podemos atingir ativamente os 'adormecidos'. Isso leva nosso planejamento e as possibilidades para outro nível. O nível que você queria, mas achava impossível. Com as pessoas certas e as condições ideais, se conseguirmos fazer com que tomem ambas as pílulas, poderemos realmente escolher uma cabeça para invadir. Os níveis de lucidez pós-sono são notáveis, há algo na experiência que fica nas pessoas, até nos pequenos detalhes. Se fizermos nosso pessoal anotar os sonhos imediatamente, teremos um registro. Poderemos, talvez, enviar pessoas para procurar informações. Inserir pessoas no subconsciente e esperar encontrar algo que os indivíduos queriam manter escondido.

Steele riu alto e deu três tapas na mesa enquanto gritava de alegria. A porta se abriu e o Sr. Paul entrou, com um olhar de preocupação no rosto.

— Está tudo bem? Pensei ter ouvido um alvoroço.

— Tudo, Sr. Paul, está absolutamente maravilhoso. Tiramos a sorte grande. — A alegria de Steele não tinha limites. — Eu queria ter acesso ao banco e acabei de receber a combinação do cofre. Todo esse tempo eu pensei que estava sendo ambicioso e, na verdade, estava sendo modesto. — Steele apontou para o documento aberto e o Sr. Paul o pegou, fazendo um pequeno sorriso aparecer gradualmente. Depois, mais sério, ele falou.

— Isso tem relação com a Ellen? Nunca a vi como sendo tão importante. Nem um pouco importante. Isso muda as coisas.

— Concordo. — Steele riu; entretanto, ele não percebeu que o Sr. Paul já havia passado pelas informações, por mais bem-vindas que fossem, e por Ellen. Pessoas com esse tipo de importância para Steele precisavam ser vigiadas, observadas com muito cuidado.

A REALIDADE

Joe Stander passou de hoteleiro a viajante em menos de uma semana. Ele conseguiu um bom preço pelo Ambassador, nada muito lucrativo, mas o suficiente para fazer as malas e partir. Com os filhos crescidos e morando fora, ele levou sua esposa, Maude, no cruzeiro dos seus sonhos. Um longo cruzeiro. Ele sempre havia prometido que ambos fariam isso, e sempre mentiu, mas e agora? Agora, ele tinha muito tempo e dinheiro. Agora, ele precisava de espaço entre ele e os novos proprietários do Ambassador, um hotel que ele amava demais para ver nos braços de outro.

Steele deu aos hóspedes permanentes algum tempo para considerar suas opções. Eles poderiam fazer planos para sair... ou partir imediatamente. E eles não ficaram lá por muito tempo. Agora, Steele poderia chamar seu cara da tecnologia, Gorman. Havia muito trabalho a ser feito.

Em todos os locais de trabalho e agrupamentos de funcionários ele tinha olhos plantados, espiões para tudo e qualquer coisa que pudesse ser útil. Os humanos eram, e são, falíveis e propensos a problemas de lealdade, então eles também precisavam ser observados. Para isso, ele tinha Gorman, mestre das câmeras e confiável guru da tecnologia. Cada cômodo, quer fosse para hóspedes ou funcionários, foi equipado com pelo menos uma câmera, mas esse número era muitas vezes maior. Todos os corredores e depósitos tinham olhos eletrônicos, todas as entradas e saídas. Tudo ligado a uma sala de controle com várias telas capazes de observar qualquer coisa a qualquer momento. Em certos locais, as câmeras estavam claramente à mostra, um sinal de segurança ou um aviso para se comportar, mas muitos dos dispositivos eram indetectáveis. Este era o forte de Gorman.

Uma aquisição anterior de Steele era um clube chamado Diamonds. Dirigido por Gorman, era um lugar degradado, com um bar, alguns quartos e espaços para partidas de pôquer tarde da

noite. Foi um investimento para Steele devido à sua proximidade com um novo empreendimento residencial em perspectiva; dessa forma, qualquer preço de compra compulsória poderia ser manipulado. No entanto, o lugar provou ser uma surpresa quando Steele viu o que Gorman havia feito no interior. Decidindo usar o local como depósito até a venda, as paredes foram removidas e os fios e sistemas de câmeras expostos. Todos os cômodos e, mais importante para Gorman, todos os banheiros foram equipados com câmeras que mostravam vários ângulos de tudo. Ele era um homem de negócios de segunda classe, mas um pervertido de primeira.

Juntamente com as câmeras, os homens de Steele encontraram a desprezível coleção de filmes de Gorman e ele foi trazido de volta à ação. Um homem cuja lealdade poderia ser garantida devido à montanha de evidências incriminatórias e cujas habilidades duvidosas seriam inestimáveis. Steele queria o mesmo tipo de acesso, mas não para autogratificação; isso seria baixo demais. Ele queria segredos e informações para adicionar poder ao seu dinheiro. Gorman mais do que pagou sua passagem pelos trabalhos realizados no cassino, mas esta seria sua obra-prima de vigilância. Enquanto ele cobriria todos os movimentos de vigília, Pearce se esforçaria para entrar na cabeça dos hóspedes enquanto dormiam. O que parecia uma ideia fantasiosa estava se aproximando da realidade.

Ted Carter havia administrado bem o Ambassador. Ele tinha excelentes habilidades de gestão de pessoas e era bom com as finanças, que nos últimos tempos vinham se tornando sobrecarregadas. O Sr. Paul deixou claro que gostaria que ele continuasse, mas Ellen St Peters seria a gerente. Ted tornou-se subgerente, mas manteve seu salário. Seus olhos eram importantes para o Sr. Paul e seria bom para a continuidade dos negócios, pois os hóspedes que retornassem veriam um rosto familiar. Ellen reconhecia a importância dele.

— Fico feliz que tenha concordado em ficar, Ted. — Ellen sorriu enquanto falava, ansiosa para manter seu primeiro encontro amigável.

— O Ambassadeur tem sido minha vida desde que me lembro. Não consigo me imaginar não estando aqui. — O compromisso de Ted era claro, mas era com o edifício.

— Você obviamente tem uma conexão, muito próxima, por sinal, mas e quando o Ambassadeur se tornar outra coisa? O nome vai mudar, assim como as pessoas, então como vai ficar a sua função?

— Ellen parou e olhou Ted nos olhos. — No que me diz respeito, Ted, você é o gerente daqui. Você fez isso bem e continuará fazendo como antes. A diferença sou eu. Vou trabalhar com você, ajudá-lo e apoiá-lo; terei também a palavra final, de forma inequívoca. O dia a dia não vai mudar, mas as grandes decisões caberão a mim. É uma espécie de veto para garantir que os interesses de Steele sejam primordiais. Consegue viver com isso?

Ted sorriu. Ellen era genuinamente legal, muito profissional, mas havia um certo gelo naquele olhar. A posição de Ted Carter havia sido clara desde quando ele falou pela primeira vez com o Sr. Paul. Ele queria continuar trabalhando em seu amado hotel, mas não foi convidado a ficar, foi informado do que estava acontecendo. E quanto à posição dele? Bem, isso foi tudo o que eles disseram. O salário parecia bom, e ele sabia o que estava fazendo. Ellen observou seu rosto, sentindo suas dúvidas.

— Para cada membro da equipe, você é o gerente. Para os hóspedes, você é o rosto do hotel. É simplesmente uma questão de política em que sua decisão é menos final e mais penúltima. — Mais uma vez, aquele sorriso desarmante.

— Srta. Peters, estou ciente da minha posição aqui. Você terá o meu melhor. — Carter não tinha certeza das mudanças que viriam, mas foi sincero em suas palavras.

— Pretendo ganhar sua confiança, Sr. Carter. Vou cuidar de você e da equipe, ficarei do seu lado contra qualquer um se eu achar que é justificado. E lembre-se de como isso é importante, sua lealdade é com relação ao hotel e a mim. Ninguém mais. O resto é comigo.

— Nem mesmo o Senhor S... — Carter foi interrompido.

— Ninguém mais. — Ellen manteve um tom calmo, mas não havia como duvidar da mensagem. — Agora, se estiver tudo esclarecido, acho que terminamos por aqui.

HÔTEL DE RÊVES

As estruturas estavam no lugar. As pessoas haviam sido empregadas sob a orientação do Sr. Carter. Nem todos eram novos, mas o Sr. Steele nunca gostou de herdar muitas pessoas de um antigo regime. Sangue fresco era melhor para ideias novas. Os fios, como veias, espalharam-se pelas paredes e tetos, dando vida ao hotel. As alimentações de áudio em todos os cômodos ajudavam a controlar o ambiente e a receptividade. Mil olhos eletrônicos inspecionavam a propriedade, os espelhos eram falsos e os monitores de TV eram pouco melhores que as janelas da sala. Ellen achava isso um exagero, mas sabia que Steele era inflexível nessa questão. Ela, no entanto, conseguiu obter uma garantia de que os banheiros não seriam observados. Foi uma pequena concessão, mas algo a ser apreciado.

O nome foi escolhido por Ellen como um duplo significado, Hotel dos Sonhos; foi Steele quem decidiu que o nome soaria mais elegante em francês, dando origem ao Hôtel des Rêves. Isso entristeceu Carter, mas ele não tinha nenhuma ilusão de que sua opinião importaria. A opinião de Steele importava muito e ele estava incrivelmente satisfeito com o projeto. Suas mudanças foram feitas, os interiores foram enfeitados, sua sala de vigilância concluída e, portanto, era hora da abertura.

— Aberto para quem, senhor? — Ted Carter perguntou.

— Velho dinheiro e novo poder, os influentes e aqueles que gostariam de ser. Alguns dos seus antigos clientes e muitos dos meus. Aqui, Sr. Carter, é onde eu me sobressaio. Então, não fique preocupado, caso esteja, vou encher este lugar. — Steele sorriu ante sua genialidade aparente; Carter fez o mesmo porque tinha que fazê-lo. E assim, começou.

Thomas Pearce tinha a ciência, o ruído branco, as substâncias químicas e a inovação para literalmente invadir a mente das pessoas. No entanto, Steele e Ellen concordavam que isso era

excessivamente clínico por si só e abria margem para muitos questionamentos. A melhor aposta, portanto, era cercar a ciência com alguma narrativa mística, espiritual ou sobrenatural. Steele divulgou através de seus amigos e contatos que ali havia um lugar capaz de proporcionar uma experiência única. Era como uma sessão espírita, exceto que os médiuns daqui colocam você em contato com os vivos, uma ligação direta com as mentes dos outros. Você já quis caminhar um quilômetro com os sapatos de outra pessoa? Então, que tal percorrer mil quilômetros na pele de outro homem? De outra mulher?

Isso se transformou em uma atração nunca vista. Ser outra pessoa soava emocionante, ser do sexo oposto soava totalmente sedutor para alguns e totalmente viciante para outros. Steele ofereceu um jantar beneficente para os grandes e influentes a fim de espalhar a mensagem. Ele tinha muitos contatos, mas nada atraía tanto os ricos e poderosos quanto eventos beneficentes, desde que a ganância fosse mantida em segredo. Aqui ele manteve a corte, passando de grupo em grupo, enquanto Ellen confirmava suas afirmações ousadas.

— Então, é uma coisa de realidade virtual? — Tom Stevens, o banqueiro de Steele, perguntou.

— Ah, não, isso é uma realidade mais real mesmo, ou quase. — Steele sorriu para sua perplexa audiência enquanto Ellen assumia.

— A realidade virtual é bastante impressionante. Tecnologia brilhante. Mas você está experimentando um mundo fabricado, vendo um ponto de vista gerado por computador. Essa nova experiência coloca você dentro de um indivíduo, uma pessoa real, e você sente o que acontece, pode até mesmo provar e cheirar. E os pensamentos são os pensamentos dessa pessoa. — Ellen percebeu as dúvidas e continuou. — Um convidado habitou a mente de um homem com medo de aranhas. Ele próprio não tem problemas com aracnídeos, mas naquele momento sentiu o terror tão intensamente quanto qualquer medo em sua própria vida.

— E isso realmente funciona? — Mike Lewis, um político em ascensão, perguntou.

— Não para todos, mas para muitos sim, na maioria das vezes — Steele acrescentou brilhantemente. Estamos lidando com humanos, não com microchips, no fim das contas.

— E sexo? Você poderia experimentar sexo através dos olhos e do corpo de outra pessoa? Entende o que quero dizer? — Lewis foi o primeiro a fazer a pergunta inevitável. Os olhos de Steeles brilharam; ele sabia que os tinha.

— Claro, se eles estão sonhando com sexo, você experimenta cada segundo.

— Então, é um sonho? — Julia Sommers, dona de uma grande empresa de relações públicas, questionou.

— É assim que funciona. Você dorme e, ao fazê-lo, habita os sonhos de outro hóspede. Nós fornecemos o ambiente, alguns relaxantes e deixamos a mágica fazer o resto. — Steele estava sorrindo agora.

— Mágica? — Stevens perguntou com uma sobrancelha levantada.

— Experimente e depois conte para mim como você descreveria isso. — Ellen riu sabendo que eles tinham pelo menos um novo cliente. Lewis soltou um leve sorriso, mas enquanto acariciava o braço de sua esposa, sua mente estava em outro lugar.

— Eu poderia sonhar os sonhos dela? Da Lisa? Quer dizer, minha esposa?

— É possível, embora tenhamos a tendência de não tentar atingir pessoas específicas. Isso acarretaria problemas éticos. E nem todos são receptíveis. — Steele ficou satisfeito em parecer sincero sobre ética.

— Mas, teoricamente, eu poderia ser ela, fazendo sexo comigo? — Lewis riu enquanto sua esposa corava com seu desconforto escondendo a raiva mais profunda. Ellen respondeu.

— Talvez, em seus sonhos, mas e se ela não estiver fazendo sexo com você? — Ellen riu alto enquanto o grupo se juntava. Embora ela tenha visto o desconforto ser transferido para Tom, ficou claro que ele estava viciado na ideia de qualquer maneira e logo os outros iriam querer mais informações. A noite foi um sucesso.

No dia seguinte, Ellen se reuniu com Steele para pensar em como aproveitar a noite anterior. Steele estava radiante de orgulho e satisfação, com seu ego bem e verdadeiramente acariciado pelos participantes; suas únicas dúvidas diziam respeito à capacidade do Hotel e das pessoas quanto a entregar o que ele desejava.

— Você se saiu bem, Ellen, muito bem. Agora, como você vai garantir que eu seja um homem de palavra? — Como sempre, havia um coice em qualquer elogio que ele fizesse.

— Os testes mostram que Pearce tem a ciência certa. Conexões aleatórias ocorrem cerca de 80% do tempo. Percebemos que a proximidade ajuda a vincular, então se você deseja um sonhador específico, quanto mais próximo dele, melhor... — Steele vivia impaciente e gostava de interromper, o que Ellen odiava.

— Eu sei, eu sei. Onde estamos com os sonhos direcionados? As pessoas?

— Há um núcleo da equipe agora que é receptível, de boa memória e eloquente. Paula, Jack e Angela são particularmente bons. Recrutarei mais quando encontrar os candidatos adequados. Ah, e todos eles são muito discretos. — Ellen sorriu para se tranquilizar e tentar se convencer de que não estava irritada.

— Um pensamento me ocorreu. E se conseguirmos a pessoa que queremos, na sala, ao lado de quem quer que seja, e tudo o que ela sonhar se resumir a transar com uma garçonete. — O pensamento realmente ocorreu naquele segundo, mas Steele gostava de parecer mais pensativo. Ellen ficou novamente irritada com sua grosseria e sua obsessão por sexo e, no caso dele, por garçonetes. Ela sorriu e manteve seu verniz de calma.

— É aqui que eu entro.

— Você? — Apesar das intervenções cruciais de Ellen em muitos estágios do processo, Steele ainda se surpreendia com ela. Agora, sua irritação era mais difícil de esconder.

— Sim, eu. Existe uma técnica psicológica chamada sugestão, não muito diferente da hipnose, embora seja muito mais sutil. Você a verá sendo usada por artistas para influenciar suas marcas e obter os resultados que desejam. Sou particularmente adepta dessa habilidade; só preciso ter uma breve conversa com a pessoa para

poder orientar seus pensamentos rumo a um assunto que certamente surgirá em seu sonho.

— Você consegue fazer isso? — Steele ficou genuinamente surpreso.

— Sim, consigo. E muito bem feito. — Ellen sorriu largamente, sabendo que Steele agora questionaria se ela havia usado a técnica nele. Antes que ele pudesse perguntar, ela continuou. — Não uso em amigos e colegas, não se preocupe. Agora, a grande questão é: quando teremos um evento?

— Um evento? Acabamos de ter o jantar de caridade. — Steele não gostava que fizessem perguntas.

— Fizemos e foi um grande sucesso, então agora é aproveitar a oportunidade. Sugiro que convidemos uma seleção dos grandes e influentes, muitos da noite passada, e vejamos como isso pode funcionar. — Ellen aguardou enquanto Steele pensava.

— Você acha que estamos prontos?

— Sabemos que as pessoas querem experimentar isso, como também estamos cientes de que precisamos ver como isso funciona, então sim, acho que estamos prontos. — Mais do que tudo, Ellen queria saber o que poderia ser feito com este projeto, o quanto ela poderia aprender. Isso abria a psique humana. Ela sabia que Steele tinha outros planos. Ideias sujas e sórdidas que ele e o Sr. Paul compartilhavam, mas ela se convenceu de que os benefícios para a ciência superavam isso. Steele estava inseguro, mas animado.

— Certo, elabore os planos e eu decidirei quem convidar. — Ambos sorriram neste momento, embora suas mentes estivessem se movendo em direções distintas.

PROJETOS GRANDIOSOS

Ellen elaborou planos para um evento apenas para convidados, um evento com visitantes não pagantes que tivessem influência e poder. Ela tinha uma lista de pessoas que considerava importantes, uma mistura de pessoas do evento beneficente e outras que talvez devessem ter sido convidadas. Ela sabia que Steele também estava elaborando uma lista, mas algumas novas ideias só poderiam ajudar. Eles tiveram algumas semanas de hóspedes pagantes, aqueles que estavam lá para fins de experimentação e cujos próprios sonhos não eram importantes, embora todos os detalhes fossem mantidos 'por precaução' por ordem do Sr. Steele. Isso permitiu que Ellen e a equipe resolvessem quaisquer problemas. Ela também identificou alguns candidatos para o recrutamento. As coisas estavam indo bem.

Steele entrou no escritório de Ellen com uma lista e a colocou sobre a mesa na frente dela, sem bater na porta ou demonstrar sutilezas. Ele se afastou sorrindo.

— Isso deve bastar.

— Chefe de Polícia? — Ellen não conseguiu esconder sua surpresa.

— Por que não? Queremos pessoas com poder e influência, pessoas úteis para nós. — Steele ficou surpreso com a reticência de Ellen.

— Este... este empreendimento pode ser visto como questionável em termos legais, não importa quão boa seja nossa equipe jurídica. Não gostaria que fosse fechado antes mesmo de ser aberto. — O raciocínio de Ellen era sólido e agora fazia sentido para Steele; isso o fez sorrir novamente, uma expressão bastante presunçosa que irritou Ellen.

— Entendo suas preocupações; no entanto, você não conhece o Sr. Wilkinson, conhece? — Steele esperou Ellen balançar a cabeça. — Ora, foi o que pensei. Agora, o que você precisa saber é que o

Sr. Wilkinson é um homem profundamente falho. Ele aposta em meus cassinos, bebe em meus clubes e dorme com minhas garotas de programa. — Ao fazer mais uma pausa, ele observou com deleite o olhar de desgosto no rosto de Ellen, sabendo que ela o odiava falando assim, sabendo que ele poderia aborrecê-la ainda mais. — E sobre esse tema, Ellen, esteja ciente de que terei algumas de minhas putas no bar esta noite.

— Por favor, pare de usar essa palavra. E o Sr. Carter não vai aceitar garotas de programa em seu bar. — Ellen falou com os dentes cerrados.

— Não sei quem é o Sr. Carter, nem me importo. É o MEU bar e se ele tiver algum problema com quem eu leve para beber lá, pode pedir pra sair ou falar com o Sr. Paul...

— Chega, não precisamos disso. Vou falar com ele. — O coração de Ellen se afundou em meio a tudo aquilo.

— De qualquer forma, estou me desviando do assunto. George, ou melhor, Wilkinson, vai querer estar aqui para receber algumas bebidas grátis e uma mulher. Só precisamos que ele tome um comprimido e durma. Se, e espero que realmente aconteça, entrarmos em sua cabeça, seus pensamentos sobre o hotel não farão diferença. Se as pílulas falharem, terei as câmeras.

— Se você tem as câmeras, por que precisa entrar na cabeça dele? — Ellen não sabia onde isso poderia levar.

— Há rumores de que ele é profundamente corrupto, tem problemas de temperamento e, como posso dizer, problemas de assassinato. Até mesmo os relatórios e desculpas públicas apontam para isso. — Steele riu ao ver o rosto de Ellen. — Use sua habilidade ou qualquer outra coisa para fazê-lo pensar em interrogatórios, mortes sob custódia, algo assim.

— Vou tentar. — Embora Ellen não quisesse o homem perto do hotel, ela sabia que não estava tomando nenhuma decisão ali. Ela voltou para a lista dele. Ela queria questionar o convite de uma editora de jornal por motivos semelhantes, mas tinha certeza de que já sabia a resposta. Um advogado, um político, alguns empresários e mulheres que ela havia reconhecido e até o Bispo de Londres.

— O bispo, certo — disse Ellen, surpresa no bom sentido desta vez.

— Você aprova? — Steele, como sempre, ansiava por validação e elogios.

— Aprovo. Ele estava na minha lista como alguém respeitável para validar a ética. Eu sei que ele também é um animal político, então certamente vai gostar do convite. Eu também tinha um rabino proeminente e um imame. Seus nomes são... — Steele interrompeu bruscamente.

— Não! Eu não quero seus nomes ou qualquer convite para eles.

— Por quê? — Ellen ficou surpresa com a raiva na voz dele. Steele se recompôs.

— Se você convida qualquer uma dessas... dessas pessoas... o chefe de polícia não virá. Ele é o mais importante.

— Mas ele está de boa com o bispo? — Ellen perguntou.

— Ele é um bom cristão... bem, um cristão... e vamos apenas dizer que ele não está muito interessado em outras religiões. — Steele riu e novamente Ellen suspirou com desgosto. Respirando fundo, ela continuou.

— Tenho outros na minha lista que podem...

Steele interrompeu. — Você tem minha lista. Pegue os convites e decida sobre o que você vai falar com eles. Quero que esta seja uma noite especial. Os nomes com um asterisco ao lado são aqueles com os quais eu quero os melhores leitores, é assim que você os chama? Relatórios detalhados, nada pode ficar de fora, inclua tudo. O Sr. Paul vai querer ser informado sobre algumas pessoas imediatamente.

— Eu tenho a sua lista. — Ellen estava totalmente profissional agora, tentando fazer sua raiva transparecer como eficiência. — Há quatro nomes aqui que você destacou, esse número não será um problema, nós temos os leitores. E sim, esse é o termo que estamos usando. Quanto aos roteiros que usarei para falar com esses indivíduos, agora que conheço seus objetivos, não será um problema. Mas esteja ciente de que pode haver alguns que não têm segredos, pelo menos não do tipo que você espera, assim como pode haver alguns inacessíveis. No trabalho feito até agora, eu

esperaria uma boa conexão com três deles; todos os quatro seria uma possibilidade, mas um tanto improvável.

— Não é uma noite para ter azar. — Steele sabia o que queria e não se importava com uma chance de fracasso como ele a via.

— Vou começar o planejamento hoje, falar com a equipe e enviar os convites. Preciso ficar por dentro do que o Sr. Paul quer saber e quando. — Ellen queria discutir com o desejo de Steele pela certeza, mas sabia que não adiantaria.

No dia do evento, ela escolheu os cômodos para as quatro pessoas importantes indicadas na lista. O Quarto 24 foi o escolhido por ela para abrigar Stephen Dixon, um promotor público especializado em fraude criminal. Ela o conheceu na festa anterior, onde seu ego revelou o suficiente para Steele colocar seu nome na lista. Ele era um bom jurista, mas a descrição não era um de seus pontos fortes. Com Ellen, ele havia mostrado o outro lado de sua personalidade, dando em cima dela de uma forma que mostrava por si só que isso não era algo novo para ele. A aliança de casamento e sua misoginia casual deixaram uma marca em Ellen, deixando-a com poucas dúvidas sobre os segredos que ele podia esconder. Ellen decidiu que ela mesma iria lê-lo.

O Quarto 12 foi para o Chefe de Polícia Wilkinson. Para a leitura dele, ela selecionou Jack, um intuído talentoso com uma notável memorização do conteúdo dos sonhos. O Quarto 6 foi para o bispo, que seria lido por Angela, outra leitora talentosa. Ela era extremamente sensível, captando sutilezas de emoção que demonstravam sua forte empatia. Por fim, o Quarto 2 foi reservado para a editora do jornal, Michelle Saunders, que seria lida por Paula, uma talentosa leitora com memória fotográfica e uma grande intuição para separar o joio do trigo no que dizia respeito a detalhes importantes. Michelle escrevia ótimos artigos com rapidez e precisão, e Ellen não pôde deixar de notar que ela era uma ótima repórter. Esta era a vítima sobre a qual o Sr. Paul queria um relatório... e rápido. Ele também pediu para ver a filmagem dela ao vivo no monitor.

Planos postos em prática, Ellen instruiu a todos, pedindo a Ted que ficasse vigilante enquanto se desculpava por alguns convidados

e se preparava. Ela optou por glamour e sensualidade, uma camuflagem contra a expectativa e um defletor contra suas verdadeiras intenções. Ela queria mentes em outro lugar enquanto fizesse sugestionamentos e os guiasse por caminhos que poderiam ter sido fechados há algum tempo. Ela confiava em si mesma nessa tarefa, mais do que nas pílulas, pois seu registro era comprovado, sua confiança absoluta.

QUARTO 24

Hóspede: Stephen
Profissão: Jurista
Lendo o sonho de Nicole
Sonho lido por Ellen

Tendo experimentado um dia na vida de uma stripper e, às vezes, acompanhante, ou mais realisticamente, vendo o outro lado da atividade que muitas vezes participava, Stephen se sentiu tão emocionado quanto horrorizado. Ele havia chegado cético, sem vontade de acreditar que alguém pudesse ter tal acesso ao corpo e à mente de outra pessoa. Ele foi rapidamente convencido, embora ainda houvesse o choque do pouco controle que ele tinha após o início da viagem. Seus pensamentos estavam inundados com os de Nicole, e as considerações dela sobre os homens não eram muito elevadas. Consequentemente, ele compartilhou sua repulsa com sua excitação pela situação; não foi uma divisão igualitária, pois seus sentimentos se tornaram pouco mais que notas de rodapé. Sentado na cama, ele se lembrava disso como um filme, uma história vívida impressa em seu cérebro, uma aventura ainda armazenada em seus músculos enquanto voltava para seu próprio corpo e vida. Ele suspirou, desejando poder conhecer Nicole, embora, na realidade, já soubesse a opinião dela sobre ele. Teve que se contentar com a memória dela e como ele havia levado seu voyeurismo um passo adiante.

Outra lição que aprendeu foi ouvir Charles Steele ao fazer uma promessa. Inclinando-se para o lado, ele pegou a garrafa de água fornecida e tomou um longo gole. Ao lado da garrafa havia um cartão preto e uma pequena caixa de plástico. Ele os pegou e leu.

“Bem-vindo ao Hôtel des Rêves

Por favor, fique à vontade e, quando estiver pronto, tome a pílula verde fornecida e procure se acomodar para dormir. Cuidaremos do resto.

Assim que acordar, beba um pouco de água e, em seguida, tome a pílula branca, pois ela o ajudará a relaxar e ter um sono reparador pelo resto da noite.

Obrigado.”

Stephen verificou a hora, quatro da manhã, e decidiu que um bom sono lhe faria bem. Talvez Nicole se juntaria a ele? Sorrindo, ele jogou a pílula na boca e a engoliu com água. Era seu sonho desta vez que estava sendo reproduzido. E Ellen estava lá para analisá-lo.

A partir do momento em que foi sinalizado que estava sonhando, ele teve uma sensação de ansiedade. Um sentimento de culpa com o qual ele estava muito familiarizado. Seria o tempo que havia passado com Nicole... ou outra mulher? Uma das muitas outras mulheres. Ele começou a preparar suas mentiras, as histórias que contava com tanta facilidade, e isso o irritou. Ele estava com raiva porque Jill, sua esposa, fazia perguntas, com raiva porque ele não seria deixado em paz. Principalmente, ele estava zangado com a culpa que se devia à sua própria fraqueza. Ele começou a imaginar a discussão até que se viu repentinamente dentro dela.

— Onde você esteve? Saiu do trabalho horas atrás, não foi? — Jill perguntou, já exasperada.

— Então você está bisbilhotando meu trabalho de novo? Isso é vergonhoso. — Stephen partiu para a ofensiva como sempre.

— Outra pergunta sem resposta, previsível.

— Você percebe como é humilhante ter sua esposa ligando para o seu local de trabalho para saber onde você está? Sabe o quão paranoico isso faz você parecer? Quão ruim isso me faz parecer? — Ele estava confortável em um ritmo familiar.

— Tá, então vamos nos poupar do constrangimento. No futuro, volte para casa. Ou, se tiver uma necessidade desesperada de ir a

outro lugar, ligue para mim. É fácil de fazer e não faz mal a ninguém.
— Jill sorria enquanto seus olhos o perfuravam.

— Não foi minha intenção... — Sua desculpa familiar foi rapidamente interrompida.

— Nunca é. Agora, para essa pergunta que você está evitando. Onde é que você se meteu? E, talvez mais importante, com quem? Você se lembra do nome dela? — Jill deu um passo à frente, com os olhos brilhando. — Diga!

Tudo isso era muito familiar, muito doloroso, uma memória presente e um sentimento muito real. Como um ator bem ensaiado em seu papel, ele deu um passo na direção de Jill e a golpeou. Observando enquanto ela cambaleava para trás, segurando-se na parede. Tocando a boca, ela balançou a cabeça enquanto se virava. Stephen entrou em cena, sentindo de novo aquele horror, aquela vergonha.

— Sinto muito, não sei o que... por favor, Jill, não era minha intenção... sinto muito. — Suas palavras saíram como pedaços desconstruídos de um pedido de desculpas. Quando ele estendeu a mão e tocou seu ombro, ela congelou. Ele sabia que ela ficaria assim, tantas vezes ele havia revivido esse momento; então, ele despertou. Ou será que não?

“Você pode muito bem dizer a ela. Você não poderia na vida real, mas e aqui...? Por que não?” A voz proferindo pensamentos em sua mente não era nova, mas não soava como a dele. No entanto, fazia algum sentido. Como um filme pausado, ele deixou o sonho reproduzir novamente e observou enquanto ela se virava, com a raiva palpável.

— Sinto muito, e você está certa. Eu te traí. É como você disse que foi, meses atrás, com Jane, minha secretária. Não significou nada, de verdade. — Ele sentiu que estava sendo honesto, então surgiu aquela voz. “Vá em frente, conte tudo, por que se conter agora? A confissão faz bem à alma.” Stephen fez uma pausa enquanto sussurrava para si mesmo. “Bom para a alma, hein? Quando foi que me tornei tão sábio... ou tão religioso.” Ele deixou seu sonho ser reproduzido novamente.

— Tive alguns casos durante viagens de negócios, e depois, é claro, com Karen, a esposa do chefe. Ah, e aquela alegação que sua irmã fez contra mim era verdade. Eu diria mais, mas minha memória é tão ruim quanto minha capacidade de permanecer fiel. — Ele riu, agora se divertindo. Ele imaginava se Nicole havia feito as contas enquanto o sonho se desvanecia. Num quarto ao lado, Ellen acordou e começou a registrar tudo.

QUARTO 12

Hóspede: George
Profissão: Chefe de Polícia
Lendo o sonho de uma pessoa não divulgada
Sonho lido por Jack

George Wilkinson gostava de pensar em si mesmo como um homem sensato, fundamentado na realidade e direto ao ponto. Ele não tinha tempo para bobagens sobrenaturais ou qualquer coisa do tipo. Ele gostava de esportes, dos maçons e de ganhar dinheiro, embora não necessariamente nessa ordem. Sua esposa e família não figuravam entre as três, ou mesmo entre as dez prioridades de sua vida. Elas eram necessárias para sua imagem, mas um dreno constante do seu amado dinheiro. Ele veio ao hotel simplesmente porque foi convidado como uma pessoa de importância, algo que acariciou bastante seu ego, e porque era grátis. As pílulas e as 'experiências' dos sonhos não significavam nada para ele, e as substâncias químicas foram devidamente descartadas no vaso sanitário enquanto ele se dirigia ao bar gratuito. Aqui, ele procurou experimentar seu charme com as jovens bonitas, sem sucesso, exceto aquelas com interesse financeiro. Nos dias seguintes, ele se encontraria e dormiria com Nicole, alheio às câmeras, mas, no caso dele, a mera infidelidade e a legalidade da prostituição não eram suficientes.

Sua acompanhante durante a noite foi abordada com sua ideia de relação sexual; suada, repleta de apalpões e misericordiosamente rápida. Então, quando ela saiu, ele dormiu. Com ou sem pílula, foi fácil para Jack se conectar a ele.



Os imobilizadores cortavam sua pele enquanto ele tentava se livrar da cadeira, com pernas amarradas da mesma forma, de modo que ele não chegava a lugar nenhum, suando e ofegante através da mordaça esfarrapada que foi empurrada para trás quando um soco pousou, girando seus sentidos. Sua respiração estava ofegante e rápida quando ele sentiu o gosto de sangue junto com a gasolina no pano oleoso. Outro soco o acertou e seu agressor ficou à vista. E depois outro, e mais outro. Rostos faziam caretas enquanto desferiam socos em seu corpo. Ele avistava suas faces a cada golpe, mas não precisava vê-las para saber de quem eram.

Todos os arquivos que ele havia lido e encerrado com 'Morte sob Custódia' na frente. Cada 'tragédia' inexplicável estava aqui para responsabilizá-lo. Seu registro, com nenhum policial jamais processado, era uma fonte de orgulho, uma medalha de honra, mas dentro desses arquivos estava a verdade em cada caso, a verdade que ele sabia e escondia. Dessa forma, esses rostos, borrados e em movimento, foram reconhecidos e imediatamente ligados à causa real. Johnson foi morto por sufocamento. Healy foi espancado até a morte. Simmons teve o pescoço quebrado. Charles sofreu um aneurisma como resultado de um espancamento. Todos eles negros.

Ainda assim, os golpes vieram, e ele queria fosse assim, mesmo soluçando de dor, sabendo que não era o suficiente, e nunca seria. E ele sabia que não era real, com sua penitência adormecida. Como todas as coisas em sua vida, era a opção mais fácil, mas ele soluçava, como se isso importasse. Seus pensamentos vinham em blocos de compreensão. Ele reconhecia as pessoas, os crimes, as razões, tudo ao mesmo tempo. No entanto, no centro desse turbilhão estava sua convicção de que este era seu martírio, um sacrifício virtual por seus ideais. Dor e glória imaginadas, já que o perpetrador foi reescrito como a vítima.

Jack acordou antes do sonhador; ele já tinha visto o suficiente e os nomes ainda estavam frescos. Enquanto registrava tudo por escrito, adicionou uma nota de rodapé: "O homem é racista, um facilitador de assassinatos. Ele chora e soluça, mas não sente

remorso. A surra, como ele imagina, acho que ele gosta.” Ele escreveu tudo rápido, um gosto ruim para se livrar o quanto antes, e fez uma anotação para lembrar desse homem e de seus crimes além de seu relatório. Não havia jornada típica, ainda mais quando era um alvo a habitar, então foi uma surpresa se sentir tão afetado pelo sonho, pelo homem. Houve algumas pessoas igualmente vis com uma variedade de segredos vergonhosos e repugnantes, pessoas que ele achava difícil de esquecer. Mas Wilkinson era diferente porque sua negação assumiu uma reviravolta sinistra.

O masoquismo que ele havia experimentado em sonhos anteriores, por outro lado, estava em um cenário sexual, alguma fantasia para o subconsciente. Este chefe de polícia levou isso a níveis quase espirituais, embora não sem alguma ardência sexual, apesar de isso por si só falar de algo mais sombrio escondido. Ele tomou seu sacrifício virtual como uma justificativa para ações da vida real, uma filosofia ‘através do espelho’ que era tão doentia quanto absurda. A esperteza do homem se infiltrava em tudo que ele pensava e fazia. Seu egocentrismo era absolutamente inquestionável. Andrew achou difícil escolher as palavras certas para resumir esse personagem; ele não carecia de vocabulário, pois toda linguagem falhava em explicar tal pessoa.

Os pensamentos vinham em blocos porque toda a sua essência estava mergulhada em contradições e certezas. Nenhum processo de pensamento único poderia dar apoio ao próximo, então eles se entrelaçaram até que todas as informações foram mantidas em um só lugar. Crime e punição se fundiram com vingança e meios necessários. Vítima e assassino se tornaram um estado de espírito e uma questão de opinião, sua opinião. A autogratificação se transformou em uma religião e foi adorada de todo o coração.

O bloco final sobre o qual tudo isso foi construído foi a convicção de que ninguém poderia, ou iria, descobrir nada disso. Mesmo que o fizessem, não poderiam ter esperança de compreendê-lo. Ele não percebeu que simplesmente expor o mais grosseiro de seus segredos serviria para derrubá-lo. Havia o suficiente sem compreensão ou contexto para aterrorizar as pessoas se apenas seus segredos fossem desvendados. Jack riu ao pensar "nunca em

seus sonhos mais loucos ele poderia ter imaginado isso, mas seus sonhos mais loucos são exatamente o que destrancou os esqueletos escondidos em seu armário".

Wilkinson acordou bem descansado, ainda que ligeiramente de ressaca, embora não achasse que tivesse bebido tanto. Despreocupado, ele ficou satisfeito com sua estadia gratuita e decidiu que se hospedaria novamente, desde que não tivesse que bancar, apesar de que, se as meninas continuassem tão bonitas, ele mesmo poderia pagar a conta.

QUARTO 6

Hóspede: Peter

Profissão: Bispo

Lendo o sonho do convidado Simon

Sonho lido por Angela

Antes de chegar, Peter, o Bispo de Londres, havia conversado com membros de sua diocese sobre o hotel. As pessoas em quem ele confiava em várias paróquias eram fortemente contra sua visita, especialmente o padre John Simpson, um velho amigo de confiança.

— Você está dando crédito ao que é pouco mais do que um absurdo sobrenatural — alertou o padre John.

— É possível que você esteja certo, e eu considere isso; no entanto, parece uma boa oportunidade para mostrar a força da igreja. Não temos medo de forças sobrenaturais que sabemos que não existem e de uma nova ciência, se é que é isso mesmo. — Peter esperava ter convencido seu amigo, mas John foi rápido em responder.

— E se a ameaça estiver em outro lugar? E quanto às coisas malignas, demônios? Certamente você reconhece esse medo, não?

— John foi surpreendentemente franco. Peter escondeu sua surpresa com um encolher de ombros e um sorriso enquanto falava.

— Não duvido que haja mal a ser temido, entretanto, não acho que vou encontrá-lo naquele hotel. Talvez camas muito macias e ar-condicionado ruim, mas é pelas minhas costas que eu temo, não pela minha alma. — Peter observou John sorrir, mas sabia que ele desaprovava. — Olha, John, o prefeito estará lá, então podemos apresentar nossos planos como membros respeitados da comunidade. É uma boa oportunidade e, quanto aos truques de salão de Steele, é um compromisso... — John interrompeu.

— Diabólico?

— Necessário, eu diria. — Com o sorriso irônico, Peter estava decidido e garantiu que John soubesse.

O hotel era muito maior do que o bispo esperava, especialmente porque a fachada estava um pouco desgastada. Ele serviu-se de um pequeno vinho no bar e procurou se misturar com alguns dos outros convidados, satisfeito por conhecer o prefeito e surpreendido por ver o delegado, embora considerasse isso um sinal tranquilizador da legitimidade do projeto. Houve um bate-papo interessante com a gerente, Ellen, que parecia fascinada com a vida e os pensamentos dele; então, chegou a hora da experiência. Ele se sentia confortável em ir para o quarto e tomar a pílula. O sono veio rapidamente.

O sonho que ele teve, ou melhor, o sonho que ele tomou emprestado, era de um jovem chamado Simon. Não era nada extremo, mas naquele momento ele era outra pessoa. Simon jogava futebol na frente de torcedores apaixonados, com habilidade e capacidade atlética. Peter sentia a adrenalina e a emoção, a dor de cada desarme, a alegria de marcar um gol. Acima de tudo, ele sentia a alegria de ser jovem novamente, em forma e com um corpo atlético, sem dores. Mais do que tudo, ele estava sendo invadido por uma sensação de certeza; esse homem sabia o que queria e como conseguir. Era uma sensação libertadora e energizante. Ele pagaria por isso e queria mais. Ciência ou magia, ele realmente não se importava.

Ao acordar dessa jornada maravilhosa, ele tomou um gole d'água e sorriu, preocupando-se logo depois com o quanto se sentia alegre. "As drogas funcionam dessa forma? Corro o risco de me tornar um viciado?" Não era algo que ele queria pensar, pois só iria arruinar seu sentimento. Mais um gole para tomar a segunda pílula sem medo. Mais uma vez, o sono não tardou a chegar.



Ele sentiu uma brisa fria na igreja inatingível pelo sol, um monumento de pedra fria com vitrais escurecidos. Ele mal precisa

prestar atenção, já que havia estado no local mil vezes antes, então ele se deslocou em direção ao altar, uma mesa suja e empoeirada encimada por um crucifixo enferrujado e coberto de teias de aranha. Ele foi se ajoelhar, mas seus joelhos rígidos se recusaram a dobrar. De pé, ele esperou como um noivo nervoso. Na verdade, seus votos foram proferidos há muito tempo, mas o 'sim' não foi recíproco. Depois do que pareceu uma eternidade, ele falou.

— Então, Deus? — Ele sorriu ao ouvir sua voz ecoar, mas ainda havia medo em seu coração. — Então, nos encontramos de novo... ou não. Dizem que esta é a sua casa, mas não tenho certeza se é mesmo uma casa de férias. Não sei o motivo, como poderia, mas sei que você não está aqui. Não agora, comigo. Não por algum tempo. — Aquele eco familiar o encheu de desespero, e ele começou a andar. Passando os dedos pelas costas dos bancos, ele ergueu a mão e soprou a poeira. — Eu pude sentir hoje a certeza e a alegria de saber. Eu vi claramente um caminho através dos olhos de um homem não prejudicado pela dúvida. Quanto a mim? Tudo o que peço é um sinal, uma palavra, alguma direção. Se eu posso ver na mente de outro homem, o que Deus poderia fazer? A menos, é claro, que você...

Mais uma vez, ele andou, com medo de terminar a frase, receoso de que isso confirmasse seus medos. Se não fosse dito, talvez não fosse verdade. Ele se sentia sobrecarregado e totalmente sem esperança, um homem vivendo a mentira suprema. Seguindo em frente, ele se aproximou do altar e subiu por trás dele. Olhando para os bancos escuros e vazios, ele sentiu que era uma paisagem adequada, sua alma sendo ilustrada. Estendendo a mão, ele tentou afastar as teias de aranha, mas, como sempre acontecia neste sonho, não importava quantas ele afastasse, o crucifixo permanecia coberto. Freneticamente, ele escovou até sentir que ia chorar, mas nada mudou. E esse era o ponto, nada mudava. Ele usava as vestes de bispo, mas não passava de um explorador da fé alheia, fazendo promessas nas quais não acreditava, dando conselhos em nome de uma divindade que ele nem sequer acreditava mais existir. Com as mãos entrelaçadas nas teias de aranha, ele atacou a cruz e

acordou suando, mas despreocupado. Foi uma experiência muito comum.

Angela acordou e começou a escrever.

“O bispo Peter não tem segredos obscuros ou perversões; na verdade, ele é atencioso e bem ajustado. No entanto, ele perdeu completamente sua fé e é atormentado por isso. Além do mais, e definitivamente para sua vantagem, ele adorou a experiência dos sonhos e quase certamente está viciado.” Lágrimas rolaram pelo rosto de Angela enquanto ela continuava. “Sempre tive uma fé sólida e uma verdadeira admiração pelo bispo. Não é justo para ele, ou para mim, saber o que eu sei. Não posso mais fazer isso, então este será meu último relatório.

Angela”

Foi o último relatório da Angela. Ela recebeu uma visita do Sr. Paul, de quem se afastou, sabendo que nunca mais falaria sobre o bispo ou o hotel. Seus sonhos recorrentes com o bispo foram substituídos pelas lembranças daquela visita e pela mensagem do Sr. Paul. Aqueles olhos escuros e intensos, sua boca retorcida enquanto falava ao se inclinar para ela. — Se eu ouvir seu nome novamente em uma conversa, independentemente do motivo, eu vou te matar.

Uma jovem incrivelmente sensível, sua empatia provou ser um trunfo real quando ela foi recrutada. Sua fé, ou de qualquer outro, não tinha importância. Certamente nunca foi previsto por ela, ou qualquer um dos talentosos leitores, que empatia e fé pudessem coincidir em qualquer caso. Angela estava apavorada com o Sr. Paul, com razão, mas não sabia o quão zeloso ele poderia ser ou o quanto ele protegeria os negócios do hotel. Ela ingenuamente pensou que o anonimato a protegeria. Foi assim que a carta teve origem. A carta ao Bispo de Londres.

“Sua Excelência, Reverendo Peter Session, Bispo de Londres.

O senhor não me conhece, mas tenho conhecimento da sua visita recente ao Hôtel de Rêves. O senhor pensou que esta era uma oferta generosa para desfrutar da hospitalidade e da experiência única do sonho de outra pessoa. Embora isso seja parcialmente verdade, o senhor também estava lá para ter seus próprios sonhos analisados. Lamento dizer que fiz isso e vi sua turbulência interior, seu segredo obscuro, sua perda da fé. Lamento dizer que documentei e relatei isso aos meus empregadores.

O senhor precisa estar ciente de que essas informações podem e serão usadas contra si, caso eles precisem de sua ajuda ou influência. Portanto, tenha cuidado e, mais uma vez, sinto muito.

Uma crente que espera restaurar a sua fé.”

A carta causou alguma ansiedade ao bispo, mas ele resolveu permanecer como estava até o momento em que não pudesse continuar. Se eles divulgassem sua falta de fé, embora difícil de provar, ele poderia negar ou renunciar. Homem perspicaz, ele percebeu imediatamente do que se tratava aquele lugar. Ele viu muito mais claramente do que Angela. Steele não daria a mínima para sua fé; na verdade, ele estava procurando uma namorada, um namorado, um filho. Ele queria descobrir um clero caído em desgraça, um pedófilo, um ladrão. Todavia, ele tinha um homem com dúvidas e isso não era algo que pudesse ser usado. Ele sentiu pena da autora da carta.

O Sr. Paul previu a fragilidade e, embora não tivesse lido a carta, sabia que havia uma. Ele não consultou o Sr. Steele, não precisava, era tudo uma questão de atuação agora. Ângela foi ficar com seu irmão, mal escondida, mas fora da cidade. Ela conseguiu um emprego temporário e, por cerca de uma semana, relaxou em uma nova vida, sem angústia mental.

Era uma tarde de quarta-feira, um dia em que o expediente do corpo de auxiliares do escritório já havia terminado e, embora o trabalho fosse tedioso, as pessoas eram legais. Angela combinou de encontrar as colegas para tomar um drinque e saiu para comprar

comida para mais tarde e sacar algum dinheiro no caixa eletrônico. Tarefas concluídas, ela cortou caminho pelo parque, passando a caminhar rapidamente ao sentir alguém atrás dela, sem pegadas, mas ela podia sentir. Ao chegar à saída, ouviu aquela voz, baixa e quase monótona.

— Nem pense em virar, apenas diminua a velocidade e caminhe em direção ao estacionamento. — Instintivamente, a aterrorizada Angela se virou para ver o Sr. Paul; ele balançava a cabeça enquanto falava. — Você realmente não é particularmente boa em fazer o que lhe dizem, né? Até porque, se você fosse, eu não estaria aqui.

— Sinto muito, eu não queria... — Antes que ela pudesse continuar, o Sr. Paul levou um dedo enluvado aos lábios dela para fazê-la calar a boca.

Angela olhou para a arma saindo do casaco. Virando-se, ela começou a caminhar em direção ao estacionamento, com lágrimas caindo enquanto o fazia. O Sr. Paul não queria que ela chamasse a atenção.

— Olha só, Angela, não precisa chorar. Só precisamos ter uma palavrinha. O bispo não tem importância para nós, só queremos saber o que havia na carta e por que você a enviou. Olhe, estou guardando a arma. Na verdade, esqueça o estacionamento, vamos nos afastar de todas essas pessoas e conversar. — Foi a primeira vez que ela ouviu o Sr. Paul soar humano e simpático e, estranhamente, isso a acalmou. Ele a guiou do parque até o caminho do canal para um banco pouco antes da ponte ferroviária.

— Por favor, sente-se, veja... — O Sr. Paul esperou que ela se sentasse primeiro para ficar ao seu lado. — Isso não tem nada a ver comigo, não me importo, é apenas o Sr. Steele, ele é um pouco paranoico com o que as pessoas sabem ou dizem. Eu disse a ele que não era nada, mas ele queria que eu me certificasse. Então, diga para mim o que você escreveu e podemos ir para casa. — Angela odiou a tentativa dele de sorrir, mas ela queria que isso acabasse.

— Por favor, diga ao Sr. Steele que sinto muito, é que sou uma mulher de fé e admiro o bispo. Parecia tão errado tê-lo exposto

porque ele tinha dúvidas sobre sua fé. contei a ele sobre o meu relatório e disse para ter cuidado.

— Isso é tudo? — O Sr. Paul parecia sério novamente.

— Sim, a fé de uma pessoa não deve ser usada contra ela. — Angela tentou sorrir, procurando a humanidade do Sr. Paul novamente. Tudo o que ela viu foram olhos negros e nenhuma emoção enquanto ele falava.

— Fé? Você fez isso por Deus? Um Deus que nem ele mesmo acredita? Bem, essa é a primeira vez para mim. Há uma lição aqui. Sua fé nele, sua fé em Deus e agora sua fé em mim, você acha que foram bem colocadas? — Então ele sorriu e balançou a cabeça. Um sorriso que a deixou arrepiada. Erguendo o braço, ele sussurrou — Diga olá a Deus por mim. — Um único estampido abafado foi o último som que ela ouviu. Enquanto ela caía no banco, o Sr. Paul já estava se movendo. Vendo ninguém ao redor, ele rapidamente juntou alguns tijolos e os enfiou nos bolsos do casaco dela. Outro rápido olhar enquanto ele colocava o corpo dela suavemente no canal. Ele observou por um momento enquanto a água envolvia seu corpo e seu rosto num enterro silencioso. Ele foi tão delicado quanto jamais fora com ela. Com qualquer mulher.

Virando-se, ele puxou a gola do casaco para cima e abaixou a cabeça, escondendo o rosto, embora não houvesse olhos sobre ele. Ao voltar para a rua principal, feliz por se esconder no meio da agitação da rua, ele murmurou para si mesmo. — Fé? O que é fé?

QUARTO 2

Hóspede: Michelle
Profissão: Editora de jornal
Lendo o sonho de Samuel
Sonho lido por Paula

Ela poderia ter enviado um repórter se aquela não fosse uma boa oportunidade. Steele era famoso por sua reputação, embora fosse notoriamente recluso. O convite também havia deixado claro que valeria a pena conhecer os outros convidados, então Michelle decidiu não delegar a tarefa. Sua carta-convite, redigida pessoalmente por Ellen, deixava claro que não era uma oportunidade para uma entrevista exclusiva, ou qualquer história digna de reportagem, mas uma experiência, e isso era tudo. Michelle tomou isso com uma certa desconfiança. Se não havia história, por que convidá-la?

Steele aguardava sua reação e esperava que ela comparecesse pessoalmente. Não faria sentido de outra forma. Ele a cumprimentou e explicou o motivo de não haver histórias, esperando que ela entendesse sua relutância em ter publicidade tão cedo no empreendimento. Ele fez tudo parecer um espetáculo paralelo que poderia servir como uma fonte de constrangimento se fosse amplamente compartilhado. — Aproveite o hotel, nossa hospitalidade, a diversão da jornada, se houver, e curta como uma experiência pessoal, não profissional. O Sr. Paul falará com você antes de partir. — Michelle sorriu educadamente e passou a se misturar com os outros, certa de que agora havia uma história. Por fim, ela se retirou para o quarto.

Michelle dedicou seu tempo para explorar o quarto a partir de uma perspectiva estética, fazendo anotações enquanto analisava o local. Ela não notou nenhuma câmera, como não deveria, mas sempre bom testar uma repórter quando se trata desse aspecto.

Mostrou que o design funcionou bem. Ela estava nervosa por tomar pílulas que desconhecia, especialmente com a reputação de Steele, então ela fez sua pesquisa sobre a equipe médica associada ao projeto e ficou satisfeita com sua ética e experiência. Sua única dúvida era quanto ao discurso dubio de algo que prometia ser quase sobrenatural, mas que se sustentava com ciência séria. O que diabos era esse lugar?

Colocando a pílula na língua, ela abriu a garrafa de água, sorriu e pensou consigo mesma. "Você fez coisas ainda piores na faculdade sem fazer muitas perguntas". Tomando um gole de água, ela engoliu a pílula e deitou seu corpo enquanto adormecia gradualmente.



Com um solavanco, uma onda de adrenalina tomou conta dela enquanto as cores piscavam em ambos os lados. Uma estrada quase imperceptível serpenteava à frente, com as marcações de faixas brancas na rodovia passando a um ritmo contínuo que parecia arrastá-la para frente a uma velocidade insana. Era o videogame de condução mais radical, exceto... a aderência, a força enquanto acelerava, o barulho e o cheiro; ela estava em uma moto, pilotando-a. Era ela, mas ao mesmo tempo parecia não ser.

À medida que a jornada continuava, ela passou a tomar consciência da voz interna. — Curva fechada a 200 metros, vire à esquerda após a colina, atentando-se à parede perto da ponte. — Era a voz de um homem falando durante o que obviamente era uma corrida de rua. — Mantenha-se firme, Sam, depois pegue a Estrada Norte. — Então, uma corrida de estrada, uma voz masculina e um sotaque de Manchester? Agora estava claro que não havia ninguém à frente, sugerindo que ela/ele estava vencendo esta corrida. Este era Sam Johnson, o desacreditado, mas brilhante ex-campeão mundial de superbike. Ela o conhecia e havia contado a história dele

sobre seu envolvimento com drogas, seu casamento desfeito, suas dívidas.

Sam Johnson a ajudou a vender muitos jornais, muito mesmo. Antes de sua queda, eles ganharam dinheiro com ele, uma história de sucesso, um menino mau que se tornou bom. Como pessoa, ela sempre gostou dele, mas agora ela era ele. Isso foi surpreendente. Ela relaxou no passeio, sentindo a moto entre as coxas, braços e mãos fortes, os músculos tensos como cabos em suas costas. A sensação de estar viva e ao mesmo tempo tão perto da morte. Um passeio? Eles não estavam errados, este foi 'o' passeio.

Michele não queria acordar, mas em algum momento ela teve que fazer isso. Ela ditou alguns pensamentos em seu telefone e resolveu descobrir mais sobre esta operação. Ela não tinha certeza sobre a segunda pílula, mas a tomou quase sem pensar, rindo de como ela era complacente com as exigências de um pedaço de cartão. O sono veio muito mais rápido desta vez.

A primeira coisa que ela viu foi a familiar fotografia de Sally Vine, uma menina de nove anos que foi tragicamente assassinada. Seu rosto sorridente e inocente em uma foto ensolarada promovia um grande contraste em relação ao seu fim brutal. Ela olhava para a foto enquanto ouvia um homem falando. Ela estava em seu escritório e de repente ficou evidente a ocasião e o assunto da conversa. Era algo que ela havia tentado enterrar e, estranhamente, enquanto repassava essa cena, ela assistia como se fosse um filme, desligada de sua própria conversa. Não era um filme e a mulher não era nenhuma atriz, era simplesmente ela, que conversava com seu investigador, Sean Mason, o 'Máquina de Fazer Dinheiro', como ela o chamava, sobre os antecedentes e detalhes surpreendentes que ele havia encontrado para ela. As informações que ela publicava dia após dia conforme a tragédia se desenrolava.

A conversa entre os dois continuou, mas ela não ouviu mais nenhuma palavra, e nem precisava, pois tudo veio em uma enxurrada de conhecimento e vergonha. Eles continuaram conversando no que parecia um filme mudo de terror enquanto o cérebro dela preenchia as lacunas. Ele havia grampeado o telefone de uma garota morta, o telefone de sua mãe também. As

informações, secretas, preciosas e vitais foram colhidas sem cuidado, e ela publicou sem questionar. Mas por que ela não havia perguntado? Ela não precisou perguntar porque, no fundo, ela sabia. De que outra forma essas informações seriam encontradas? E a reputação de Mason não era impecável. "Você empregou o homem por uma razão", ela pensou.

Quando foram feitas perguntas e outros documentos implicados, ela o chamou e pediu a confirmação de seus delitos. Essa foi a mesma conversa, uma em que ela tentou parecer chocada, embora não enganasse Mason, então tentou implorar por seu silêncio. No final, ela pagou a ele um valor para desaparecer definitivamente. Provavelmente, era muito dinheiro, pois seu silêncio o manteria fora da prisão e ele estava mais do que pronto para desaparecer. Ela apenas garantiu que fosse para São Paulo, no Brasil, e não para a Espanha, onde ele se estabeleceu. Ele não era o único investigador trabalhando dessa forma para os jornais, e muitos foram expostos, mas ele era o investigador deles, então a sujeira e as alegações não colaram. Depois disso, ela poderia relaxar e até escrever editoriais criticando a depravação moral de seus rivais. Tudo isso era conhecido e reproduzido como legendas em sua memória. Ela gostaria de ter deixado aquilo enterrado, mas a gerente Ellen havia discutido o assunto, embora ela não conseguisse se lembrar de como o tema havia surgido.

Paula acordou antes de Michelle. Era um talento que ela tinha de permanecer incrivelmente consciente durante o sonho de outra pessoa. Desconectada da emoção para ser capaz de enxergar o que era necessário. O nome, o local, a culpabilidade de Michelle, enfim, foi tudo confirmado, então ela conseguiu se desprender e voltar à consciência. Paula seria a pessoa certa para Ellen ainda que ela não pudesse ler os sonhos, pois era uma mulher talentosa e confiável que se mantinha quieta, mas ainda assim conseguia as melhores informações possíveis. Ela anotou os detalhes em minutos, tomou um banho e saiu do quarto em meia hora. O Sr. Paul estava esperando no corredor. Sem dizer uma palavra, ele pegou as anotações dela e se afastou. Ela sabia que era melhor não questioná-lo.

Michele dormiu mais tarde do que esperava, até porque os contrastes em seu sonho não representam uma barreira para uma boa noite de sono. Era a viagem da qual ela se lembrava e que energizava seu humor. Ela cantava enquanto tomava banho, ansiosa pelo dia e pela história que tinha para contar. Saindo do banheiro, ela amarrou a toalha e parou de repente quando viu uma figura de terno na cadeira.

— Não se assuste, Michelle. Meu nome é Sr. Paul, trabalho em estreita colaboração com o Sr. Steele e gostaria de falar com você antes de partir.

— Não me importa quem você é, você não tem o direito de estar aqui. Vá embora, seu pervertido, ou eu vou... — A raiva de Michelle foi interrompida pelo tom calmo, mas ameaçador do homem.

— Você não fará nada, então procure se acalmar e pare com seus insultos sórdidos. — O Sr. Paul ergueu o telefone. — Você fez anotações para uma matéria, mas foi especificamente solicitada a não fazer isso. Eu te ajudei a apagar isso. Mas tenho uma história para você. É uma história sobre telefones, o Máquina de Fazer Dinheiro, e você. Tem interesse?

— Meu telefone... como você pode... como você sabe... o que é isso? — Michelle se deixou cair na cama, agarrando-se à toalha com força enquanto a cabeça e as pernas cediam. Ela olhou para os olhos escuros e penetrantes do homem e sentiu um calafrio. Suas palavras eram como um soco no corpo e, de repente, nada disso fazia sentido.

— Você não vai escrever nenhuma história, está claro? — O Sr. Paul aguardou até Michelle assentir com a cabeça. — Ótimo, acho que nos entendemos agora. No entanto, esteja ciente de que podemos pedir que você coloque algo em seu jornal de tempos em tempos, nada muito controverso, mas que possa nos ajudar. — O Sr. Paul se levantou ao ver a realidade surgindo no rosto de Michelle. Ele sorriu quando ela balançou a cabeça.

— Ah, essa coisa toda não passa de um esquema de chantagem. Um assalto mental. Agora o envolvimento de Steele faz sentido.

— Por favor, Michelle, não seja tão cínica ou tão ofensiva com o Sr. Steele. Este é um empreendimento divertido, oferecendo uma experiência única aos nossos valiosos hóspedes. Você, entretanto, está sendo realmente chantageada, embora deva saber agora que o dano à sua reputação não é nada em comparação ao dano que eu poderia e, se necessário, faria a você. — O Sr. Paul jogou o celular dela na cama e caminhou até a porta. Fazendo uma pausa, ele olhou para trás, com os dentes à mostra em um sorriso grotesco. — Não gosto de insultos como 'pervertido', mas saiba que, se eu quisesse algo de você, se eu quisesse que aquela toalha sumisse, isso aconteceria. Consigo o que quero e não preciso de perversão ou espionagem. Se eu decidir que quero você, você é minha.

Quando a porta se fechou, Michelle chorou incontrolavelmente. A impotente humilhação aliada ao terror evidente era demais. O canalha estava certo, isso não era apenas chantagem, era uma ameaça existencial ao seu bem-estar, à sua vida. Limpando os olhos, ela se vestiu e tentou se recompor, verificando o telefone com as mãos trêmulas. As anotações foram realmente apagadas, mas ela não precisava delas agora. Sua mente vagava para os outros hóspedes. O prefeito, o chefe de polícia, ela mesma como editora de jornal, o Bispo de Londres. Ela tinha visto juristas, médicos, políticos e líderes empresariais. Estavam todos aqui como parte desse esquema de chantagem, ou talvez um termo melhor, esquema de proteção. Neste caso, isso daria uma enorme quantidade de poder a Steele e seus colegas. Será que todos eles tinham segredos?

Com o surgimento da verdade, ela começou a procurar motivações. O que ele queria com tanto poder? Não era como se seus planos até agora tivessem sido frustrados. Suas propriedades, cassinos, este hotel. Sua ascensão parecia carregar desconfianças e havia sido, honestamente, bem despercebida. Até onde ele queria ir? Mais uma vez, ela suspirou enquanto considerava a coisa toda. A noite, seus sonhos, sua nova posição e essa consideração de motivos era a melhor história que ela já havia encontrado. Ela queria explorar muitos ângulos disso, mas sabia que, mesmo como um projeto pessoal, isso poderia causar problemas reais. Não somente

problemas, mas isso poderia levar à sua morte. Disso ela não tinha dúvidas. Era seu karma por pecados passados. Sua maior história se tornou impossível por causa dela mesma. Ela sabia que agora era hora de partir.

OS ENVOLVIDOS

ANDREW

Os efeitos do sedativo passaram rapidamente, mas Andrew ainda odiava a nebulosidade diante de seus olhos e a dor de cabeça que estava sentindo. Sem olhar, ele estendeu a mão para a mesa. Pegando um frasco plástico de aspirina, ele abriu a tampa e colocou dois comprimidos na boca. Desenroscando a tampa de uma garrafa de água, ele tomou um longo gole, engolindo ruidosamente até o recipiente ser esvaziado. Ele sempre se surpreendia por não se sentir nem cansado nem totalmente descansado. As horas eram apenas tempo perdido. Tempo de trabalho, por falta de uma frase melhor.

Andrew era frequentador assíduo do hotel há dois anos. A emoção da troca de papéis tinha desafiado seus pontos de vista e ele havia percebido coisas que nunca poderia ter imaginado. Era uma coisa sedutora, talvez sedutora demais, e ele não resistia ao seu apelo único. Suas estadias se tornavam mais longas e frequentes à medida que suas finanças diminuía, e foi assim que ele se tornou um visitante passivo e passou a habitar os pensamentos de Maria.

Seis meses antes, quando suas finanças haviam reduzido a quase nada, Andrew se viu forçado a tomar uma decisão. Ele poderia se afastar do hotel para sempre ou encontrar uma nova maneira de financiar seus desejos. Acreditar que havia qualquer decisão real era uma ideia absurda; as noites no hotel eram as únicas ocasiões em que ele se sentia vivo. Ele poderia muito bem ter desistido de respirar.

Através dos sonhos, ele viveu uma miríade de vidas e experimentou uma ampla gama de novas emoções. Ele agora sabia como era ser um ladrão de colarinho branco, sentindo a culpa inquietante que pulsava sob a alegria de permanecer indetectável. Ele conhecia a excitação vertiginosa de ter muito dinheiro; tê-lo, vê-lo, gastá-lo. No entanto, ele também vivenciou o tumulto interior de

um padre travando uma batalha diária entre os princípios de sua fé e os desejos palpavelmente reais de sua carne; sentiu a fúria assassina de um sociopata escondido atrás de uma máscara de mundanidade. Nessa montanha-russa emocional, ele havia se sentido eufórico e derrotado, agonizado e eufórico, enojado e fascinado. Como ele poderia retornar ao vazio entorpecente da realidade, como ele poderia pôr um fim em tudo aquilo?

A falta de opções serviu para concentrar sua mente em como conseguir dinheiro extra. Em termos legais, isso soaria difícil, pois conseguir dinheiro rápido de forma lícita seria quase impossível, então sua decisão estava longe de ser a mais original e certamente não a mais brilhante. Ainda assim, ele sabia que com mais de 1,80 metro de altura e pesando 100 quilos poderia ser visto como uma presença intimidadora. Adicionando a isso uma máscara e alguma atitude, ele tinha certeza de que poderia evitar muitas perguntas. Sua única ressalva, por uma questão de respeito próprio, era não usar armas.

Mantendo uma rotina insignificante, ele provou estar correto em sua suposição de que poderia seguir esse estilo de vida. Mais importante, suas visitas ao hotel continuaram ininterruptas, tornando mais fácil evitar questões de moralidade. Ainda assim, ele não era nativo dessa linha de trabalho e havia escapado por pouco em diversas situações. Ao longo das semanas e meses, isso levou a uma denúncia de seus atos juntamente com uma descrição grosseira sendo relatada. Ele estava confiante de que era tudo muito vago para se preocupar, mas era algo que ele não havia previsto, o que o deixou nervoso. Não era nada que pudesse ser visto em detalhes, a menos que você fosse um observador experiente de pessoas. A menos que você pudesse ver por trás dos olhos. A menos que você fosse Ellen.

À DERIVA

Por que isso era tão viciante para Andrew, tão necessário? Na verdade, poderia ter sido o álcool, poderia ter sido a heroína; qualquer coisa que o afastasse de sua própria vida e pensamentos.

Nascido e criado em um pequeno vilarejo, sua família era proveniente de uma classe trabalhadora que vivia uma boa vida, ou pelo menos razoavelmente boa. Eles tinham uma boa casa, um carro, curtiam as férias no exterior e ele definitivamente não passava fome. Seus pais, Bill e Wendy, não podiam dizer que isso sempre foi verdade para ambos, pois os primeiros anos de seu casamento foram uma luta. Wendy conseguiu um emprego como recepcionista no consultório médico local e, enquanto Bill procurava trabalho no ramo da construção, o salário dela era o que mantinha a casa. Com o tempo, ele conseguiu trabalho e uma boa reputação, então as coisas melhoraram e seus horizontes se ampliaram.

De extrema importância foi a educação de Andrew. Eles acreditavam na tese de deixá-lo escolher seu próprio caminho, mas somente depois que ele terminasse os estudos com qualificações. Ele tinha cérebro para isso, mas faltava aplicação. Ele compreendia as coisas rapidamente, aprendia conceitos e fórmulas, mas não conseguia entender por que precisava provar isso num pedaço de papel. Bastava que ele soubesse. Essa atitude, e o fato de ele não poder explicá-la, frustrava igualmente seus pais e professores.

Enquanto Andrew sobrevivia, o trabalho de Bill se tornava um negócio. Ele passou a empregar pessoas e procurar contratos maiores, muitos dos quais foram ganhos à medida que sua reputação crescia. Com o tempo, eles compraram uma casa e a vida se acalmou; duas rendas estáveis sugeriam que agora eles poderiam expandir a família. Bill queria uma ninhada, enquanto Wendy queria apenas uma filha, mas ambos estavam felizes por terem possibilidades e tempo.

O tempo, porém, não foi suficiente, pois a biologia atrapalhou. Apesar das tentativas, Wendy não conseguia engravidar novamente e foi descoberto que Bill tinha uma baixa contagem de espermatozoides. Não faltaram livros sobre o assunto, coisas para experimentar, ideias cada vez mais mirabolantes e práticas humilhantes para tentar reverter o quadro. Mas nenhuma delas funcionou e Bill culpou a si mesmo.

Wendy não atribuiu nenhuma culpa, mas uma atmosfera de decepção foi sentida e ficou aparente até mesmo para o jovem Andrew. Não era uma casa infeliz, mas era uma casa onde a infelicidade agora podia ser encontrada, onde silêncios melancólicos podiam tomar conta do ambiente de maneira inesperada por horas. A vida, entretanto, prosseguiu. Andrew continuou a progredir, não em grande estilo, mas bem o suficiente sem realmente tentar, e o negócio continuou a se expandir, enquanto Wendy foi promovida.

Isso deu foco à família e, como cristãos devotos, eles decidiram deixar o destino nas mãos de um poder superior. Bill estava particularmente convencido de que suas orações trariam resultados, enquanto Wendy gostava de dizer — Nossas orações foram respondidas muitas vezes, veja o que temos.

Bill não podia discordar, mas ele ainda sentia que mais uma oração não estava fora de questão, não uma sobre amor e família. Assim, eles navegaram, em meio às águas muitas vezes agitadas, mas com um vento bom direcionando suas velas. Esta era a analogia de Bill. Ele gostava de ver a família como um navio em que todos embarcaram tendo ele como o capitão que navegava em uma rota segura. Ele falava assim quando estava mais feliz, e Wendy adorava essa conversa por esse motivo. — Estamos em equilíbrio, capitão? É um vento favorável que nos leva hoje, capitão?

Andrew achava constrangedor esse tipo de conversa, mas ele também sabia que as coisas iam bem quando seus pais falavam bobagens. Ele se concentrava mais na confusão que era a vida de adolescente. Os hormônios, as garotas e os temperamentos sombrios mais predominantes que habitavam sua mente. Nenhum deles estava sob seu controle, mas os temperamentos eram desgastantes e assustadores. Ele se lembrou de como, muito mais

jovem, nadava com seus pais no rio quando pisou fundo demais e uma corrente o pegou, arrastando-o com facilidade. Enquanto seu nariz e boca se enchiam de água, um braço forte o agarrou e o puxou para a margem.

— Tenha cuidado para não ir muito longe, Andrew, essa corrente pode matá-lo — disse Bill austeramente, embora seu rosto demonstrasse alívio. — Cuidado com a correnteza.

Ele passou a ser mais cuidadoso desde então, mas não percebeu que havia correnteza na mente. Enquanto ele afundava no desespero sombrio, fatigado e sem esperança, a corrente o arrastava cada vez mais para o fundo. Sem nada para se agarrar, sem mãos para levá-lo para a margem, ele foi puxado de um lado para o outro, jogado pela correnteza até que ela pudesse levá-lo à superfície em algum momento no futuro. Até a próxima vez. Até o dia em que poderia mantê-lo.

Wendy o levou para ver o Dr. Evans, mas o homem, ainda que bem-intencionado, não tinha nada além de pílulas para oferecer. Ele já tinha ouvido várias histórias em muitas consultas de cinco minutos e só tinha olhos para sua aposentadoria no horizonte. De qualquer forma, as pílulas eram a base do sistema de saúde mental, uma solução fácil quando as alternativas eram muito raras para serem confiáveis. Andrew as pegou, mas descobriu que sua mente estava entorpecida demais para funcionar e escolheu confiar nas águas abertas mais uma vez.

Foi neste contexto que a família enfrentou uma grande tempestade.

— Estamos em equilíbrio, capitão? — Wendy perguntou alegremente quando Bill voltou do banco. Ela sabia que os negócios iam bem. Bill entrou e se sentou, com o rosto pálido, permanecendo em silêncio. Eventualmente, ele olhou para cima, com lágrimas brotando de seus olhos enquanto falava.

— Acabou, a poupança, a empresa, tudo. Os bancos entraram em colapso. Meus investimentos... eles disseram que era o caminho mais seguro. Estamos afundados, Wendy.

A crise bancária acabou com eles. Levou tudo, menos a casa, que estava no nome de Wendy, pois Bill tinha certeza de que ela

viveria muito mais que ele e porque era o dinheiro dela que os mantinha vivos. A intenção era mostrar gratidão, mas serviu para manter um teto sobre suas cabeças. Wendy permaneceu calma, trabalhando e tentando isolar Andrew do pior. Bill entrou em colapso. Ele odiava que tantas pessoas haviam perdido seus empregos, mesmo sabendo que não era culpa dele. Ele odiava que seu negócio tivesse acabado em um piscar de olhos, após tanta demora para ser criado. Ele começou a odiar a si mesmo, odiar sua fé cega e amaldiçoar sua má sorte. O tempo não foi suficiente para cicatrizar a ferida.

Wendy foi a primeira a encontrar a carta.

“Wendy, meu amor, minha inspiração, minha companheira de bordo e minha melhor amiga.

Dizem que um capitão deve afundar com seu navio, mas é esse capitão que está nos arrastando para o fundo. Tentei o meu melhor para ver de outra forma, mas é hora de aceitar os fatos, minhas orações não serão atendidas. Não acho que alguém está lá para respondê-las. Saiba o quanto eu amo você e o Andrew. Saiba que se houvesse outra maneira, bem, não há outra maneira. Continue com sua vida, ame novamente e lembre-se de mim como um homem que deu o seu melhor.

Eu sinto muito.

Bill”

Ele dirigiu o carro até a ponte principal à beira do rio. Sem alarde ou aviso, ele escalou a barreira e se permitiu cair. Assim como seu negócio, ele se foi em um piscar de olhos. Ele havia deixado mais um bilhete e um documento de identificação no carro, então não havia dúvidas sobre seu paradeiro, nem perda de tempo para procurá-lo. Ele pediu garantias de que nem sua esposa nem seu filho fossem solicitados a identificá-lo quando seu corpo fosse

encontrado. Ele esperava que isso a poupasse, mas eles estavam devastados.

Wendy seguiu com sua vida. Ela se esforçou para cuidar de Andrew e trabalhar duro para os dois. Ela se manteve o mais ocupada possível e tentou parecer alegre, mas o brilho havia desaparecido de seus olhos e ela entendia muito bem os lugares obscuros que seu filho muitas vezes visitava. Ela vivia para ele, mas só existia como ela mesma. Quando pouco depois do aniversário de dezoito anos de Andrew ela foi diagnosticada com câncer, foi quase um alívio. Ela sabia que lutaria contra isso o máximo que pudesse; no entanto, uma data final para essa dor estava à vista. A dor que sua vida havia se tornado.

Andrew obteve suas qualificações e cresceu muito rapidamente. Mais forte e mais sério, ele aceitava qualquer trabalho que encontrava enquanto cuidava de Wendy, certificando-se de que ela sabia que ele ficaria bem. Que ele estava feliz, que ela tinha feito um trabalho tão bom como sua mãe, a melhor mãe possível. Ele a segurava e a confortava enquanto ela se desvanecia, até que um dia ela se foi. Ele viu o funeral como um ponto final para o primeiro ato de sua vida. Agora era hora de vender tudo e mudar, começar de novo em outra cidade, como outro Andrew.

Assim, outras vidas, outros pensamentos, eram mais do que bem-vindos, e ele estava disposto a fazer qualquer coisa para manter essa parte de sua vida. Nada mais despojava seus pensamentos tão completamente. Nada mais o deixava tão descansado. Sem isso, ele sentia muita dor.

ELLEN

Em seu escritório, cercada por telas, Ellen era a imagem perfeita de uma confiança relaxada. Alta e esbelta, ela se movia deliberadamente com uma calma que sugeria um cuidado particular em tudo o que fazia. Longos cabelos loiros emolduravam um rosto bonito, adornado por um sorriso brilhante e belos olhos. Azuis penetrantes, eles pareciam transcender a mera cor; quase brilhando, enquanto atraíam a atenção de quem os observava. Era impossível não olhar para eles, mas eles podiam ser tão assustadores e frios quanto sedutores. Elegante em um vestido branco e jaqueta, Ellen poderia combinar negócios e sensualidade sem esforço. Ela sabia que isso só aumentava seu perigoso fascínio.

Nunca perdendo tempo falando sobre si mesma, Ellen revelava detalhes apenas para aqueles preparados para olhar de perto o suficiente. As pistas estavam lá, mas sutis o suficiente para serem camufladas por sua beleza e descartadas por seu olhar. Escondido à vista de todos estava seu sobrenome, St Peters, uma fabricação e ainda assim um aceno para sua herança. Um reconhecimento de que apenas o ouvido treinado poderia captar de seu sotaque impecável. Dicção clara e precisa sem definição; europeia, sim, mas geograficamente neutra.

Ellen cresceu em São Petersburgo. Nem rica nem pobre, ela foi criada pela avó, uma russa tradicional com ambições modernas para sua neta. Ellen trabalhava bastante; muitas vezes sozinha, mas nunca solitária. Amada e, ainda assim, pressionada, ela era academicamente excelente e socialmente observadora em alto grau, tanto que terminou a faculdade muito antes de se sentir realmente testada. O talento para idiomas abriu portas para oportunidades no exterior e ela abraçou uma vida de viagens com alegria.

Diversão e conhecimento, bebida e homens, ela percebeu que algumas dessas coisas tinham um custo, mas aprendeu a lição. Seus diplomas de psicologia se tornavam redundantes à medida que ela avançava mentalmente, mas por trás da fachada confiante havia inseguranças e dúvidas. E se os outros pudessem ver nela o que ela podia ver neles? Foi o pensamento que primeiro a incomodou e depois a perseguiu, enquanto ela se refugiava atrás de um olhar fixo. Por mais bem-sucedida que fosse, a oferta de emprego do Sr. Steele parecia uma dádiva de Deus para a jovem de vinte e quatro anos. Uma chance de explorar sua experiência estando totalmente protegida. Não é de admirar que ela tenha agarrado a oportunidade.

O escritório de Ellen ficava nos fundos do Hôtel de Rêves, um local reservado e silencioso, longe dos quartos. Ela havia sido gerente por quatro anos e era tanto a palavra final quanto o ponto final. Agora com vinte e oito anos, ela estava confiante em suas habilidades e segura com relação às pessoas, desde seus movimentos e falas até suas roupas, ou até mesmo as assinaturas em um cheque. Ela sempre soube que poderia melhorar sua habilidade inata, mas nos últimos quatro anos ela aperfeiçoou isso como uma arte, superando todas as expectativas.

As telas ao redor eram uma ferramenta útil, alimentando um fluxo de imagens das câmeras de circuito fechado embutidas em todos os cômodos. Todos os hóspedes foram informados e tranquilizados sobre as câmeras. Ninguém jamais iria vê-los ou espioná-los. Elas eram puramente para fins de segurança. A afirmação era quase completamente verdadeira e, na mente de Ellen, verdadeira o suficiente para não ser motivo de preocupação. Apenas ela assistia ao fluxo de imagens diretamente. Afinal, ela era a gerente e precisava saber o que estava acontecendo; ela tinha que estudar para aperfeiçoar suas habilidades.

Steele, o proprietário, havia formulado o plano, que dificilmente poderia ter funcionado tão bem sem Ellen. Ele tinha visto que os formulários de avaliação indicavam certo desapontamento de algumas pessoas, mas era Ellen quem identificava os motivos. Principalmente, isso se devia à falta de entusiasmo em muitos dos

sonhos. Para muitos, não era suficiente habitar a cabeça de outra pessoa, tinha que ser uma mente interessante. Ellen fazia questão de procurar pessoas com mentes interessantes, fossem elas danificadas ou perversas, não importava. Ela tinha a capacidade de olhar por trás de seus olhos e quase ler sua alma. Ela olhou para Andrew e enxergou tudo o que precisava ver dentro daquelas sombras.

O BEM MAIOR

O negócio do hotel e aqueles que o conduziam levantaram muitas questões éticas. Ellen era uma pessoa para quem a ética era importante, tanto pessoal quanto profissionalmente, mas de alguma forma ela acabou trabalhando para o Sr. Steele. Ao lado do Sr. Paul. Instalada num escritório repleto de telas de espionagem. Essa contradição, essa dissonância cognitiva que ela reconhecia, não podia ser facilmente explicada, mas havia uma explicação.

Depois de deixar a faculdade, uma época de honras e distinções, Ellen se viu em meio a uma situação complicada. Embora cheia de conhecimento e ansiosa por novos aprendizados, a essa altura ela tinha apenas uma ambição limitada porque não sabia o que fazer da vida. Em muitos aspectos, ela tinha escolhas demais. Então, quando sua avó morreu repentinamente, ela não conseguiu sentir mais nenhum vínculo com outra pessoa, de modo que um novo começo em uma nova cidade passou a fazer sentido.

Sua mãe havia sofrido para lidar com Ellen quando criança. Ela havia sofrido com a vida em geral, mas essa criança forte e brilhante parecia de outro mundo e ela estava sobrecarregada. Sua avó tinha visto tantas mudanças em sua vida que a maioria das coisas pareciam de outro mundo agora, mas esta linda jovem não era uma delas. Ela interveio quando sua própria filha viajou em busca de trabalho e amor, garantindo que a criança fosse amada e educada. Ellen aprendeu muito com essa mulher de pouca educação, mas de grande sabedoria; ela a adorava. Sua morte a deixou devastada.

A primeira parada foi em Praga, uma bela cidade onde ela pôde recuperar o fôlego e olhar para o futuro. Ela trabalhou em bares e hotéis, ambientes sociais para observar pessoas sem outras pressões, e foi aqui onde conheceu Tomáš. Ele era dez anos mais velho, um rosto conhecido nos bares e um mulherengo de certa reputação. Ele tinha uma autoconfiança inquebrantável que soaria como pura arrogância se não fosse por seu charme. Ele era

inteligente, engraçado, um guitarrista mais do que aceitável e, por último, mas não menos importante, extremamente bonito.

Ele foi atraído por Ellen imediatamente e, apesar de tudo, ela rapidamente se apaixonou por ele. Ele a levava para sair depois do trabalho, bebendo, dançando, conversando por horas. Tudo isso enquanto fazia parecer muito casual e natural. Embora Ellen sempre tivesse atraído a atenção masculina, Tomáš parecia estar interessado nela como pessoa, a personalidade por trás da aparência. Ele era fascinado por sua vida e ouvia seus pensamentos. Além disso, em uma cidade onde os russos nem sempre eram bem-vindos, ele a defendia ferozmente.

Seu verão em Praga se tornou uma estação repleta de amor, algo que ela nunca esqueceria, e algo que ajudou a aliviar sua sensação de perda. Quando via a cidade através dos olhos dele, ela era desarmada por Tomáš, que garantia que não estava tentando levá-la para a cama; não a menos que ela realmente quisesse. Com pouca luz, vinho e um belo sorriso, esse comentário foi reconfortante a princípio e tentador depois. Por fim, foi inevitável. Ela não se arrependeu, não naquele momento, mas seu coração se foi, sua mente foi posta de lado. Os dias e as noites quentes de verão nunca pareceram melhores.

Na verdade, embora ele fosse bem versado em sedução, em algum momento Tomáš realmente se apaixonou por Ellen, até certo ponto. Ele normalmente era muito perspicaz para deixar suas emoções escaparem, mas ela tinha uma beleza e honestidade que ele não podia resistir. O que não havia mudado era sua falta de autocontrole com as mulheres, então ele continuava com seus flertes instintivos quando Ellen não estava por perto. Sabendo que estava errado, ele confiava em seus artifícios para evitar ser pego. Foi assim que ele diluiu a extensão do efeito de Ellen sobre ele.

Ao longo das semanas, Tomáš relaxou em um padrão de intenso amor e construção de relacionamento com Ellen, enquanto fazia sexo casual com quem quer que encontrasse; ele via isso como seu direito. O ciúme, no entanto, mostrou sua cara feia quando ele escolheu usar e descartar muitas garotas perto de si. Colegas o viram com Ellen e sabiam o que haviam compartilhado, então por

que elas foram deixadas de lado? A maioria atribuía isso à experiência, mas Molly, uma estudante de intercâmbio dos Estados Unidos, não gostava muito de enganos e rejeição. Ela combinou de se encontrar com Tomáš e Ellen dez minutos depois no mesmo local.

Quando Ellen dobrou a esquina para a praça da cidade velha, ela os viu no arco, com as luzes do restaurante iluminando seu beijo perfeitamente contra a escuridão da noite. Molly havia escolhido um local para satisfazer seus talentos artísticos ao mesmo tempo. Ellen não gostou da armação, muito menos do ato. Ela parou e sentiu o ar deixando seu corpo como se tivesse recebido um soco. Ela levou um minuto, depois outro, para se acalmar e reprimir as lágrimas. Então, respirando profundamente, ela caminhou em direção a eles.

— Obrigada, Molly, só posso supor que isso foi planejado — disse Ellen ao se aproximar dos dois.

— Sinto muito, Ellen, achei que deveria saber. Saiba quem e o que ele é. — Molly se afastou de Tomáš. Ele ficou chocado, com sua mente correndo atrás de algum tipo de explicação. Ellen falou primeiro com Molly.

— Você não poderia simplesmente ter me contado?

— Você teria acreditado em mim? — Molly foi honesta e Ellen sabia que ela estava certa.

— Não, provavelmente não. Dessa forma, porém, você pareceu se divertir um pouco demais da conta — Ellen tentou sorrir, mas era impossível.

— Confie em mim, não houve prazer. Eu sou uma boa atriz e ele é venenoso; seus beijos são ácidos para mim agora. — Molly passou a manga da camisa nos lábios.

— E você? O que tem a dizer em sua defesa? — Ela cutucou o ombro de Tomáš. Ele falou discretamente.

— Eu não queria...

Ellen o interrompeu com outra cutucada afiada. — Não se atreva! Não se atreva a tentar me comprar com banalidades e mentiras. Tenha a coragem de aceitar a culpa disso. A única coisa que você não queria era ser pego.

— Sinto muito — ele novamente falou baixinho.

— Por que está tão discreto agora? Tão tímido? Onde está o presunçoso Tomáš que todas conhecemos, e que muitas amaram? Eu realmente pensei que você fosse... — Ellen estava com raiva de si mesma por tentar fazer daquilo um debate. Era preto no branco. Ele era o traidor e ela a pessoa traída. Quando ela parou de falar, ele ergueu os olhos, tentando lê-la para ver o que estava por vir, esperando que ela tivesse terminado. Ela percebeu isso e ficou ainda mais irritada ao saber que ele só queria ir embora. Sem aviso, ela levou sua mão ao rosto dele com muita força. POF!

— Você não merece palavras. Isso, nós, acabou. — Ellen se virou quando os curiosos viram a briga e caminhou decididamente para casa.

Ela não estava calma nem segura, mas estava profundamente magoada e chateada. Ela reservou um voo saindo de Praga para o dia seguinte e resolveu não olhar para trás. Isso exigia um dinheiro que ela não havia planejado gastar, principalmente porque estava indo para os Estados Unidos e, embora isso a deixasse um pouco sem economias quando chegasse, era importante que ela seguisse em frente. Se a América era antes vista como um plano para o futuro, ela transformou isso no plano do momento.

Alguns empregos temporários em Boston levaram a um trabalho de tradução mais sólido em Nova York, e logo Ellen pôde olhar para o futuro novamente. Um teto sobre sua cabeça e uma renda regular eram muito bem-vindos. Ela trabalhou muito e jogou duro, embora em ambos os aspectos sua atitude tenha mudado. A confiança foi conquistada com muito esforço e raramente concedida, pois ela acrescentou arestas duras ao seu exterior suave. A prioridade, por enquanto, era ela mesma, um egoísmo concentrado para garantir um futuro.

Havia algo de satisfatório em se jogar no trabalho e se esforçar que a tirava de sua zona de conforto; porém, apenas brevemente. Ela era muito rápida na absorção para viver com desconforto por muito tempo. Foi assim que ela aceitou um emprego em uma prestigiosa empresa de recrutamento, a Spenser Appointments, apesar de nunca ter demonstrado nenhum interesse nessa área de trabalho. Na verdade, eles a contrataram como tradutora, mas sua

notória inteligência sugeria que ela podia oferecer muito mais. Ela podia e ofereceu.

Ela estava com eles há menos de um ano quando abriram um novo escritório em Londres e queriam alguém para montá-lo. Ela não teve nenhum problema em fazer as malas e se mudar, nenhum problema em assumir o cargo e, mais importante, nenhum problema em ser, de longe, a melhor candidata. Seus colegas em Nova York não podiam reclamar e muitos receberam bem sua mudança; era difícil mirar voos mais altos com Ellen à frente. No Reino Unido, sua reputação como caçadora de talentos cresceu e esse sucesso coincidiu com a expansão do império de Steele.

Da sala de reuniões ao crupiê, ela encontrava os indicados certos com sua capacidade de ler as pessoas além do currículo. Steele percebeu que poderia usar alguém assim. Ele estava despreparado para sua prontidão.

— Senhorita St Peters, sua capacidade de identificar as pessoas certas para o meu negócio tem sido excelente.

— Estou apenas fazendo meu trabalho — Ellen respondeu modestamente.

— Se fosse tão simples quanto você sugere, outros teriam sido tão bem-sucedidos. Eles claramente não foram. Tenho uma proposta para você. — Steele sorriu, mas foi Ellen quem falou.

— Deixe-me ver se posso ajudá-lo aqui. O senhor gosta do meu trabalho, das pessoas que disponibilizei para sua empresa. Está pensando ‘por que eu deveria pagar mais pela Spenser Appointments quando ela poderia estar trabalhando diretamente para mim?’ — Ellen sorriu enquanto continuava. — Entendo a lógica, mas conheço sua empresa e não é de um chefe de recrutamento que o senhor precisa, embora precise de alguém para fazer esse aspecto do trabalho. O que precisa é de um gerente geral, alguém para supervisionar isso e todos os outros assuntos do dia a dia.

Steele arqueou uma sobrancelha, então balançou a cabeça lentamente.

— Esta é a segunda vez num período recente que alguém me diz quem e o que eu preciso. Presumo que você esteja se

apresentando para o papel? — Steele continuou enquanto Ellen assentia. — Achei que fosse uma situação única, mas talvez não seja. — Ele riu.

— Talvez não, mas sou a única pessoa adequada para esse papel — disse Ellen incisivamente.

— Foi o que ele disse — Steele respondeu.

— E ele estava certo? — Ellen perguntou.

— Ainda é cedo, mas acho que ele é muito adequado. — Steele ficou surpreso com sua própria avaliação positiva.

— Então o senhor tem muita sorte de ser atingido por raios em duas oportunidades. — Ellen sorriu amplamente.

— Você está assumindo que eu aceito o que você diz.

— Mas você realmente aceita. É por isso que sou tão boa nisso, sei do que você precisa e o que está disposto a aceitar. Você administra tudo agora, mas seu coração não está nos pequenos detalhes. Você realmente não queria estar aqui hoje, mas não confiava em mais ninguém para fazer o trabalho. — Ellen observou enquanto Steele demonstrava surpresa por sua precisão. Ela sabia agora que o acordo estava feito.

Os anos que se seguiram foram longos para Ellen, especialmente com o novo hotel e as possibilidades que ele oferecia para seu desenvolvimento. Todavia, tendo inicialmente temido que Steele tivesse outras ideias, ela descobriu que já estava muito envolvida quando seus medos foram confirmados. Não havia mais um ponto de retorno. Ela decidiu que, trabalhando internamente, poderia influenciar a direção da viagem e ser uma força para o bem. Melhor ela do que outra pessoa, não? Bem, ela não gostava de pensar nisso.

MARIA

Maria estava deitada na banheira, com a cabeça para trás enquanto fechava os olhos. Ela tentou relaxar e se concentrar intensamente, procurando um caminho de volta para aquela outra pessoa. Não era bom, no entanto; a lembrança nada mais era do que isso e ela não poderia ser outra pessoa hoje. Não por conta própria. Ela tentou deixar sua mente vagar e aproveitar a memória pelo que era, mas seus pensamentos eram insistentes. "Você tem que voltar, Maria. Você deve descobrir se é sempre tão estimulante. Não é como se você não pudesse pagar, não é?" O banho agora deixou de ser relaxante e ela sentiu ansiedade, como se estivesse atrasada para alguma coisa. "Você está atrasada", Maria pensou. "Você está atrasada para um encontro que ainda não marcou."

Maria tinha uma cabeça madura sobre os ombros de uma jovem de vinte e três anos, embora não fosse imune aos erros tolos da juventude ou às situações que deles poderiam surgir. Esbelta e incrivelmente bonita, ela poderia ter virado modelo facilmente se fosse um pouco mais alta, mas, novamente, seria improvável que isso fosse suficiente para ela.

Seus primeiros anos foram passados em Bucareste com sua mãe e avó. Seu pai sofreu para encontrar quaisquer benefícios para a vida de casado; ele sentiu como se sua juventude tivesse sido tirada dele muito cedo, e a responsabilidade pesava sobre seus ombros. O trabalho entorpecia a mente, então algumas cervejas depois deveriam ser aceitáveis, ou assim ele pensava, mas sua esposa Nadia discordava. Os filhos, Maria e Adrian, ele achava emocionalmente desgastantes, pois sempre queriam alguma coisa. Isso era especialmente verdadeiro para Adrian, cuja saúde era ruim, então cada vez mais ele preferia evitar o filho doente e a filha amorosa até parar de voltar para casa de uma vez por todas. Inicialmente, ele sentiu falta de Nadia, mas achou difícil lembrar por que havia se apaixonado por ela, então optou por não se lembrar de

nada enquanto apagava sua vida anterior com uma combinação de vodka e crack, desaparecendo de sua família e de si mesmo.

Maria era feliz o suficiente e adorava seu irmão mais novo, passando longas horas ao lado dele em sua cama. Eles inventaram jogos com regras que só eles esperavam entender, rindo de piadas que não faziam sentido para ninguém. Era como se eles tivessem um entendimento compartilhado de modo que apenas o mínimo de palavras fosse necessário para preencher as lacunas. Adrian sentia falta do pai, embora mal conseguisse se lembrar de como ele era, então, com o tempo, era a ideia de um pai que ele queria de volta, e não daquele homem. Embora amasse a mãe e a irmã de todo o coração, seus pulmões falhavam. Maria conhecia a profundidade de sua doença, provavelmente mais do que sua mãe, sentindo que o tempo não estava a seu favor. Ela se tornou seu ombro, sua melhor amiga e seus olhos para o mundo exterior. Ela cresceu rapidamente.

Nadia era uma eterna otimista e viu a partida do marido como um movimento positivo. Ela rapidamente percebeu que estava mais feliz com a partida dele, assim como as crianças. Tudo o que ele havia roubado deles era uma figura taciturna e raivosa, matando o tempo entre as bebidas. Ele não era uma perda. Ela viu a lacuna que ele deixou como um espaço extra para crescer, e ela notou que eles cresceram, emocional e espiritualmente. Sua mãe, avó de Maria, se mudou para esta família feliz e trouxe calma, segurança e sabedoria nascidas de tempos difíceis na história do país. Ela também havia perdido o marido jovem; no entanto, isso foi devido a Ceausescu e seus homens que vieram e o levaram durante a noite, para nunca mais voltar. Uma presença tranquila, ela era, porém, um dínamo criativo, cortando e costurando tecidos para produzir vestidos e blusas, tricotando e costurando com habilidade notória. Suas mãos, sempre ocupadas, revelavam também uma aptidão natural para as artes, competências que gostava de partilhar. Maria estava ansiosa para aprender.

Amor e felicidade podem nutrir uma família, mas não curar uma doença, e Adrian estava extremamente doente. A tuberculose havia se instalado e, apesar das melhores tentativas dos médicos, a doença saiu do controle. Em muitos lugares, a tuberculose está

praticamente obliterada, mas não aqui e não no pobre Adrian. Aos onze anos, ele fechou os olhos pela última vez e, embora Maria soubesse que esse dia estava chegando, foi um choque de partir o coração. A família ficou devastada. Maria nunca pensou que sentiria falta daquela respiração ruidosa, da tosse constante que poderia fazê-la estremecer, da luta que ela sentia fisicamente, mas ela sentia falta disso tudo agora. Ela sentia falta da Adrian.

A dor de Nadia se transformou em raiva contra o sistema. Como uma criança pode morrer de tuberculose na era moderna? Por que as autoridades pareciam achar que isso era aceitável? Juntando suas coisas, ela levou a família para Londres, esperando um futuro melhor e algo para preencher o vazio que Adrian havia deixado. Foi uma luta, mas o que restava da família era forte. O trabalho árduo e o amor bruto os ajudariam.

Maria era estudiosa e curiosa, rápida para aprender e lenta para esquecer, e embora sentisse desesperadamente a falta do vínculo com seu irmão, ela entendia que não havia como o tempo ser revertido e a vida poderia ser curta. Ela tinha a ética de trabalho de sua mãe e passou a entender que uma mente ocupada tem menos tempo para pensar nas coisas, já que, mais uma vez, as mulheres em sua vida haviam mostrado o caminho. Ela nunca esqueceu que quando sua avó morreu, após uma doença misericordiosamente rápida, provavelmente foi a primeira vez que ela viu suas mãos imóveis.

O mercado era bom para o emprego, então Maria trabalhou desde cedo, passando do ramo de seguros para bancos ao de gerenciamento de eventos. O sucesso para ela não foi fácil, mas ela fez com que parecesse assim enquanto seguia em frente e progredia. No entanto, embora aumentasse sua conta bancária, isso não a satisfazia, então suas mudanças de carreira eram frequentes e inesperadas. Foi um hobby que finalmente se tornou seu foco.

A arte, em forma de pintura e cerâmica, foi uma paixão que nasceu na infância em Bucareste e nos dias passados com a avó, pintando à mesa da cozinha. O que ela não havia considerado era a extensão de seu talento ou a apreciação de outras pessoas por ele. A insistência de uma amiga em expor seu trabalho levou a ofertas

além de sua crença e das expectativas mais ousadas. O dinheiro inicialmente era modesto, mas uma decisão foi tomada e logo seu hobby se tornou sua vida. Com o tempo extra dedicado, veio uma remuneração extra e uma satisfação serena com a vida. Tudo o que ela precisava era de alguém com quem compartilhar, ou pelo menos a emoção de encontrá-lo.

Banhada e vestida, ela preparou uma tigela de macarrão com molho de tomate, distraída demais para se concentrar em cozinhar algo substancial. Enquanto comia, tinha aberto à sua frente o folheto do Hôtel de Rêves. Seus olhos percorreram as palavras, ansiosa demais para pegar o número de telefone novamente. Ela balançou a cabeça, frustrada consigo mesma e com sua fraqueza. Espere pelo menos mais um dia, "Você pode estar desesperada, mas não olhe para ele."

Decidida, ela arrumou os pratos e colocou uma música para tocar. Movendo-se para o cavalete de pintura, ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo enquanto cantava junto com a banda. Pegando o pincel, ela deslizou pela tela, traçando formas com facilidade. Foi tudo quase impensado, pois ela continuou a preencher a cor entre os contornos pretos, surpreendendo-se quando a imagem tomou forma. E lá estava. Um par de pernas fortes e definidas envoltas em jeans azul. A perspectiva era de cima, como se estivesse vendo as próprias pernas ao sentar-se em uma cadeira. Essas coxas grossas e musculosas não eram dela; eram de Andy. Uma ilustração perfeita. Maria recuou e fechou os olhos com força, como se sentisse dor. "Não adianta", ela pensou. Largando o pincel, ela pegou o telefone.

HISTÓRIA

Apesar das recompensas associadas, a vida de ladrão não combinava com Andrew. Ele odiava sua ocupação diurna de taxista e chofer ocasional, mas pelo menos não era forçado a intimidar e ameaçar. Além disso, no que diz respeito à direção, ele era um profissional confiante que mantinha o controle absoluto. A intimidação física não vinha naturalmente de forma alguma, e a ameaça de ser pego agora era motivo de intensa ansiedade. Ele estava começando a se perguntar se tudo valia a pena, embora suas frequentes visitas ao hotel sugerissem que sim.

Tenso e cada vez mais perturbado, ele chamou a atenção de Ellen. Ela teve certeza de seu potencial imediatamente e também estava convencida de que ele poderia ser tentado. Ela sabia que ele gostava de tomar uma ou duas doses antes do início da noite, então ela o abordou no bar. Confiante em sua capacidade de atrair atenção, ela se sentou e sorriu, esperando enquanto seus olhos azuis o hipnotizavam. Segurando seu olhar, ela sinalizou para dois drinques sabendo que o barman só tinha olhos para ela.

— Você vai querer outro?

— Sim, er...

— Ellen. Meu nome é Ellen. — Ainda fixa em seus olhos, ela sorriu novamente, luminosamente, e estendeu a mão.

— Olá, Ellen, sou o...

— Andrew. Sim, eu sei. Prazer em conhecê-lo pessoalmente, Andrew.

— O que você quer dizer com ‘pessoalmente’ e como você sabe...

— O seu nome? Sei o seu nome e sei muito mais do que isso.

— Olha, obrigado pela sua oferta de bebida, mas isso é um pouco assustador. Não sei quem diabos você é, ou quem diabos você pensa que é, mas estou indo embora agora. — Andrew desceu

do banquinho do bar com uma expressão de perplexidade e raiva estampada em seu rosto.

— Espere, Senhor Green. Senhor Andrew Green. — As palavras foram suficientes para deixar Andrew parado no meio caminho. — Por favor, sente-se e tome sua bebida. — Andrew se sentou sem pensar, com a boca aberta, mas sem palavras.

— Ótimo, ótimo. Assim é melhor, não é? Agora, então, meu nome é Ellen St Peters e eu sou a gerente aqui. É da minha conta conhecer os visitantes. Quem são, de onde vem e, mais importante, o que fazem?

— Olha, Ellen, eu pago minhas contas aqui então...

— Por favor, Sr. Green, deixe-me terminar. Eu sei que você paga suas contas e, na verdade, isso me leva de volta ao que eu estava dizendo. O que as pessoas fazem. — Ellen fez uma pausa e fixou Andrew com um de seus olhares característicos, frio e penetrante. — Você, por exemplo, é um motorista, mas eu sei que não é esse ramo de trabalho que o traz de volta para mim repetidas vezes. Não é mesmo, Sr. Green?

— Eu não sei do que você está falando. — Andrew balançou a cabeça e desviou o olhar, feliz por escapar dos olhos dela por um segundo. Ele se sentiu exposto e profundamente desconfortável.

— Não é? Acho que você há de concordar comigo, Andrew. Digo, olhe, você está suando agora e está tenso. Você parece pensar que a polícia está aqui. — Agora Andrew olhou para cima, o pânico em seu rosto era evidente enquanto ele examinava a sala.

— Relaxe, não há polícia. A menos que você queira que eu ligue para eles?

— Não, você já mostrou o que queria.

— Ótimo. Lamento se te aborreci, é que não gosto de fazer joguinhos. Então, posso continuar? — Ela esperou por seu consentimento silencioso. — Sei como você paga sua passagem aqui e não desejo vê-lo preso. Tenho uma proposta para você.

— Por que isso não me surpreende?

— Ora, Sr. Green, não seja tão negativo. Eu realmente posso ajudá-lo.

— Prossiga.

— Você vem aqui há algum tempo. Tempo suficiente para saber como as experiências costumavam ser variadas, especialmente nos primeiros anos.

— Creio que sim.

— Você não percebeu como o nível de excitação é consistente agora? Afinal, você continua voltando, não é?

— Eu apenas pensei que estava em uma maré de sorte. Sempre sinto um zumbido intenso, mas não questiono o motivo.

— Isso não é sorte. Temos um sistema. Em primeiro lugar, existe um sedativo que relaxa as inibições ao mesmo tempo em que torna a penetração secundária muito mais fácil. Em segundo lugar, existem as mentes que estão sendo abertas. Mentes excitantes, sensuais e perigosas. Mentes como a sua.

— Mas eu venho aqui de qualquer maneira. Qualquer um poderia levar meu sonho.

— Sim, mas desta forma, com a droga, atinge os recantos mais sombrios. Além disso, você é mais facilmente acessível.

— Então, me dê a pílula. Todos nós conseguimos o que queremos, não é?

— Não totalmente. Conseguimos o que queremos. Você não experimenta um sonho, nem mesmo o seu próprio. É um efeito colateral da droga.

— Ah, que ótimo. Então, o que eu ganho?

— Nossa gratidão e a chance de não ir preso. — Ellen fez uma pausa ao ver o maxilar dele enrijecer de raiva, observando seus olhos tremerem enquanto ele calculava suas possíveis opções de fuga. — Olha, Andrew, não fique todo arrasado com isso. Há um incentivo. Você recebe duas sessões gratuitas por semana. — Ela olhou sorrindo enquanto suas feições ficaram mais suaves.

— Duas por semana?

— Sim, e nada de assaltos. Não é tão ruim, concorda? Há apenas mais uma coisa. — Ellen o observou ficar tenso novamente.

— Eu deveria saber, há sempre uma pegadinha. — Andrew balançou a cabeça e tomou um longo gole.

— Sem pegadinhas, minha oferta permanece. Tenho uma proposta adicional para ajudar com nossa pesquisa neste campo. É

tudo muito novo. E não há problema se você disser não. — Ellen observou Andrew assentir. — Ótimo. Você está ciente, é claro, de quão vívida é a experiência do sonho, como ela pode permanecer com você?

— Sim, é por isso que voltamos. — Era tão óbvio que Andrew estava intrigado.

— Você estaria preparado para gravar seu sonho? Seria nisto. — Ellen colocou um pequeno gravador no bar na frente de Andrew. — Ao acordar você descreve o sonho, a pessoa que sonhou, cada detalhe. Tem que ser feito imediatamente e depois repassado para nós.

— Parece um pouco demais para mim. — Andrew não se sentia à vontade para revelar detalhes de alguém.

— É para pesquisa. Não é um segredo, você já viu, então isso não é um problema, não mesmo. E é apenas um sonho. Não é como se você pudesse ser preso pelo que sonha. Não há polícia do sono... ainda. — Ellen riu e ficou satisfeita ao ver Andrew relaxar, embora ele claramente ainda não tivesse certeza.

— Olha, Andrew, isso ajuda na pesquisa. Pesquisa que é mantida em segurança. E você é pago. — Ellen observou Andrew registrar interesse. — Pagaremos bem por boas descrições.

— Isso é permitido por lei? — Andrew questionou. Ellen não mostrou nenhuma emoção.

— Isso é tudo novo, então há muitas áreas nebulosas. No entanto, certamente é mais legítimo do que roubo e você ainda recebe um salário regular. — Ellen observava enquanto Andrew avaliava suas opções, embora ela já soubesse de sua decisão.

Andrew sentiu seu coração desacelerar enquanto sua respiração se acalmava. Uma fresca serenidade retornou. Olhando para cima, ele estendeu a mão.

— Pode deixar.

VÍCIO

Maria chegou cedo ao hotel, com seus olhos vasculhando o saguão em busca de sinais da gerente. Ao mesmo tempo nervosa e empolgada, ela se sentia como se estivesse indo para um encontro. O mais cego dos encontros. Embora não conhecesse ninguém diretamente, ela se preparou como se fosse para impressionar alguém especial. Seu cabelo escuro estava perfeitamente escovado e brilhava sob as luzes. Linhas de rímel acentuavam seus grandes olhos castanhos, exibindo os cílios longos. Sua pele brilhava, bronzeada e saudável; complementada por seu sorriso brilhante. Uma beleza europeia em plena floração da juventude.

Ela havia se vestido com muito cuidado, desde a delicada renda de sua calcinha até o vestidinho preto sexy, mas chique. O fato de ela usar saltos confirmava sua crença de que aquele era um dia especial. Não vendo nenhuma figura óbvia de autoridade, Maria se aproximou da mesa principal, sorrindo amplamente quando o recepcionista olhou para cima.

— Boa noite, madame, como posso ajudá-la?

— Ah, boa noite. Tenho uma reserva para esta noite, mas... gostaria de saber se eu poderia falar com o gerente?

— Nesse caso, a gerente?

— O que disse?

— É uma gerente. Senhorita St Peters.

— Ah, tá. Posso vê-la?

— Por favor, aguarde um minuto. — O homem pegou o telefone, mas não havia necessidade de ligar.

— Srta. Roman? Você queria me ver? — Maria se virou rapidamente, chocada com a voz em seu ombro. — Sou a Srta. St. Peters, a gerente daqui.

— Ah... bem, sim. Desculpe-me, quero dizer olá, Srta. St Peters. Sim, eu queria te fazer uma pergunta. Poderia ser em particular?

— Claro, venha por aqui. — A loira alta abriu caminho pelo corredor e, ao segui-la, Maria ficou aliviada por ter escapado de seu olhar intenso. Uma vez dentro de seu escritório, ela fez questão de não olhar diretamente para ela.

— Então, como posso ajudá-la, srta. Roman?

— Tenho uma reserva para esta noite.

— Sim, quarto 110. Sua terceira visita.

— Sim, isso mesmo. Você está muito bem informada.

— Faço questão de saber sobre todos que ficam aqui. Na verdade, é minha responsabilidade.

— Minha última visita foi extraordinária. Emocionante. Continuo pensando nisso.

— Não é nada incomum, Maria. Posso chamá-la de Maria?

— Sim, mas é claro.

— Então, Maria, faz apenas alguns dias desde as suas duas primeiras visitas e, embora você tenha uma reserva, você veio me ver. Estaria certa em pensar que você quer o sonho da mesma pessoa?

Maria olhou para cima agora, com sua expressão de perplexidade encontrando aquele frio olhar azul.

— Sim, mas como você poderia saber disso?

— Conheço este lugar e conheço as pessoas. No entanto, não sei de quem era o sonho que você teve. Tenho uma ideia porque a proximidade pode ser importante, mas não tenho certeza.

— O nome dele era Andy; no sonho, quero dizer. Ou devo dizer sonhos? Ele estava em ambos.

— Hum... Posso perguntar qual era o conteúdo do sonho? Pelo menos até onde você desejar me contar.

— Bem, eu sei que você vai me achar estranho por voltar aqui atrás disso, mas parecia haver algum tipo de roubo e uma perseguição. Nas duas vezes.

— Certo, já sei quem você quer. Ele está aqui esta noite e posso colocá-lo no quarto ao lado. Isso não garantirá uma visita repetida, mas lhe dará uma boa chance. É tudo o que podemos prometer. Embora, como vocês já se conectaram duas vezes, pareça que já estão em sincronia.

— Entendo, obrigada.

— Ah, Maria, por favor, desculpe-me por dizer isso, mas acho que devo ser clara. Já disse que este homem, seja qual for o seu nome, estará no quarto ao lado. Isso não é um convite para tentar encontrá-lo. Nós evitaremos isso, mas mesmo uma tentativa de fazer tal ação resultará em sua expulsão e banimento vitalício.

— Senhorita St Peters, entendo perfeitamente e nem sonharia em fazer uma coisa dessas. — Na verdade, Maria nem havia considerado essa possibilidade, mas agora achava difícil não pensar nisso. Ellen já estava olhando para o seu computador, digitando rapidamente nas teclas.

— Seu quarto está pronto e a chave está na recepção. Ainda assim, temos um bar bem abastecido, caso queira tomar uma bebida primeiro. Maria se levantou quando a gerente sorriu para ela, mas não sentiu calor no gesto e se viu um pouco intimidada.

Feliz por ter resolvido as coisas e aliviada por estar fora do escritório, Maria pegou seu cartão de acesso e se dirigiu para o bar. Uma bebida para relaxar seria muito bem-vinda agora. O fato de alguém saber tanto sobre ela era perturbador, tirando o brilho de sua expectativa. Distraída ao entrar no bar, Maria não percebeu seu efeito no ambiente, os olhares de admiração que ela atraía. Entretanto, ela costumava ignorar a extensão de sua aparência, considerando qualquer elogio como mera bajulação.

Ela pediu uma vodca com tônica enquanto se sentava no bar, olhando para o celular enquanto tentava se acalmar. Não funcionava rolar para baixo os textos que já havia lido; ela já estava totalmente focada na perspectiva do sonhador que estaria ao lado. E pensar que o centro de sua atenção estaria a poucos metros de distância enquanto ela dormia. Tão perto quanto ela invadiu a mente dele. Agora, ela estava feliz por ter se arrumado e a emoção havia retornado. Tomando um gole de sua bebida, ela tentou imaginar como ele seria, o que poderia vestir? Ela não pôde deixar de sorrir.

Se sua mente não estivesse tão preocupada, suas perguntas teriam sido respondidas. A dois banquinhos de distância, Andrew estava sentado com uma camisa branca e jeans. À sua frente, no bar, havia uma água com gás com gelo e uma pequena pílula

branca. Ele estava distraidamente acariciando seu queixo mal barbeado enquanto se sentava. Então ele olhou para cima e, conseqüentemente, viu a garota. Ela parecia perdida em pensamentos, então ele a estudou, incapaz de parar de observá-la. Por fim, ela ergueu os olhos e pegou a bebida. Sabendo que não havia interação permitida, ele suspirou e colocou a pílula na boca. Preparado para o trabalho, ele se levantou e se dirigiu para seu quarto, desejando ter visto essa garota em outro lugar.

Suas entranhas estavam reviradas pela descarga de adrenalina, parte terror, parte excitação. Seu joelho balançava incontrolavelmente enquanto ele se mexia e brincava com a bolsa e a tosca balaclava de lã. Olhando para cima, seus olhos se fixaram no antigo prédio vitoriano, com uma placa desbotada ainda visível na alvenaria anunciando uma mercearia morta há muito tempo. Agora vendia de tudo um pouco mas, no interesse do Andrew, servia também como correio/banco. Pacato, mas com dinheiro, que era o que realmente importava.

Saindo do carro, ele caminhou em direção à porta e congelou. "Havia câmeras de segurança?" Com a balaclava ainda na mão, ele olhou para cima e ao redor, suspirando ao não perceber nenhuma câmera. Ele tinha que se preparar melhor do que isso. Olhando para dentro da loja, ele não viu nenhum cliente, exceto uma velha senhora olhando para alguns cartões comemorativos. Ele esperaria. O tempo todo seu coração batia forte, ameaçando explodir em seu peito, apertando sua garganta e secando sua boca. Seu corpo inteiro estava eletrizado.

O ressoar do sininho da porta da loja trouxe Andrew de volta ao presente. Enquanto a velha senhora se afastava com seu cartão comemorativo, ele puxou a balaclava sobre a cabeça e entrou rapidamente na loja. De pé, ele estreitou os olhos e falou com autoridade urgente.

— Passe o dinheiro e ninguém se machuca.

A mulher no balcão se moveu lentamente, olhando para os olhos dele e para a mão dentro de sua jaqueta. Então ela abriu cuidadosamente a gaveta do caixa.

— Coloque aqui. — Andrew disse enquanto jogava para ela a bolsa que quase havia esquecido. Sua estupidez foi quase suficiente para atrapalhar sua ação, mas ele prosseguiu. — Rápido!

A operadora de caixa se moveu um pouco mais rápido, mas não estava com pressa. Seus olhos estavam assustados, mas seu corpo estava relaxado. Andrew imaginou que ela era uma mestra zen ou, mais provavelmente, esse não era seu primeiro assalto. Fosse o que fosse, ela finalmente encheu a bolsa e ele conseguiu pegá-la e correr de volta para o carro. O sino da porta ainda soava em seus ouvidos enquanto ele disparava para a estrada em direção à rodovia principal.

Demorou cerca de dez minutos antes que ele se lembrasse de remover a balaclava e diminuir a velocidade, e mais outros dez para ele vomitar na beira da estrada. Cada ânsia de vômito era uma lembrança amarga de como isso não lhe convinha. Ele estava mental e fisicamente doente. Uma vez de volta ao carro, uma onda de ansiedade tomou conta dele. Ele não queria nada mais do que estar em casa, mas muita velocidade poderia chamar a atenção. Seria bobagem e ele poderia ser pego. Ele supôs que a polícia já estivesse vasculhando a região e sabia que não devia arriscar o contrário. Assim, uma viagem rápida, segura e anônima continuou.

Ao ver o velho relógio da praça da cidade, ele se permitiu relaxar. A hora estava fixada em três e dez, como vinha sendo há muitos anos, mas isso lhe dizia que ele estava a minutos de casa. Então a sirene soou e seu coração parou. Prendendo a respiração, ele diminuiu a velocidade, e seus olhos se fixaram no espelho retrovisor, olhando, mas não querendo ver, até que uma luz piscando surgiu quando a sirene o ensurdeceu. Agarrando o volante com força, Andrew lutou contra o instinto de correr e forçou-se a parar do lado de fora da loja de bebidas. Ao mesmo tempo em que seu motor morria, o mundo se movia em câmera lenta enquanto a sirene parecia cercá-lo. Fechando os olhos, ele rezou para todos os deuses que sabia que não estavam lá, então suas orações não foram respondidas; ainda assim, o som ficou mais alto quando as luzes o iluminaram.

Os segundos pareciam horas, esticando seus nervos com força enquanto o suor frio escorria em seus olhos e em suas bochechas. Os músculos em seu pescoço ficaram tensos como cabos enquanto ele forçava a cabeça a girar, enquanto os dentes estavam fechados na esperança de que ele tivesse sorte. O carro da polícia parecia estar cercado por uma névoa de calor ao passar; impossivelmente longa, estendia-se numa cacofonia de som e luz. Em algum lugar dentro de um policial sem expressão olhou para Andrew através de óculos espelhados que exibiam reflexos acima de um bigode preto devidamente aparado. Por um segundo, Andrew pensou que ele estava diminuindo a velocidade, mas a realidade é que ele já havia ido embora. A importância de um homem, o olhar esquecido do outro.

Andrew caiu para trás no encosto de cabeça com um estrondo.

Pum! Maria acordou com um susto. Sua respiração estava pesada, seu corpo encharcado de suor. Sentada, ela esperou que seu coração desacelerasse enquanto bebia um pouco de água de uma garrafa, engolindo ruidosamente. Quando o quarto do hotel se tornou evidente, ela sorriu largamente.

— É isso, caramba!

A mais recente visita havia sido tudo o que ela queria, tudo o que ela esperava e muito mais. Isso parecia uma experiência intensificada, como se ser outra pessoa pudesse finalmente ser considerado algo real. De fato, era real; havia sido real para Andrew e ela havia sentido tal experiência muito intensamente. O terror, a emoção, até mesmo o enjoo, eram vívidos e existenciais. As consequências, embora experimentadas plenamente, eram totalmente dele.

Maria tomou banho e vestiu-se como se o fato de apenas ser ela mesma fosse mundano demais para prestar muita atenção e, agora confiante em si mesma, voltou para casa. Horas depois, com uma grande taça de vinho, ela ainda se encontrava flutuando entre sua realidade e a memória dele. Era estranho como ela se lembrava do sonho dele com tantos detalhes quando raramente se lembrava de algum detalhe dos seus. Também parecia que ela o entendia. Que por estar em sua mente ela havia captado algumas crenças,

atitudes, sentimentos. Um pouco da sua essência. Ela sentiu que o conhecia tão bem quanto qualquer um; conhecia-o melhor do que ninguém e, no entanto, nunca o conhecera.

Ela se lembrou do velho ditado sobre "se colocar no lugar do outro", ou algo assim, e teve que sorrir.

— Você não faz ideia. — Ela riu. — Eu realmente me coloquei no lugar de outra pessoa.

Servindo-se outra taça, ela gradualmente se sentiu voltando ao presente. Maria estava em casa novamente, e estava com fome.

IMAGEM REFLETIDA

Os quartos estavam distorcidos, mas ele sabia onde estava. O hotel era tanto uma atmosfera quanto um prédio, e ele o conhecia bem. Os corredores estavam escuros, com apenas uma lâmpada defeituosa piscando e o estalo elétrico sendo a única quebra no silêncio. Ele se moveu furtivamente, verificando se havia testemunhas indesejadas, até chegar à porta que procurava, aquela que tinha visto a gerente deixar destrancada. Analisando a maçaneta gentilmente, ele a girou devagar, sorrindo ao senti-la aberta. Uma vez lá dentro, ele fechou a porta com um trinco suave e virou para o visor. Uma seleção de pequenas telas mostrava os corredores e as entradas e saídas. O espaço muito maior abaixo estava coberto por dois painéis deslizantes. Ele os tinha visto antes, mas apenas de passagem; ele costumava sentar-se do outro lado, de frente para Ellen. Estendendo a mão, ele separou os painéis, surpreso ao vê-los deslizar facilmente. Dando um passo para trás, sua respiração foi interrompida quando ele viu o mar de telas.

As telas em preto e branco reduziam o hotel a uma aparente colmeia humana, cada caixa com uma imagem de atividade silenciosa ou descanso obscurecido. Ele vasculhou rapidamente, mas com cuidado, confiante de que sabia o que estava procurando. Então lá estava ela, a garota do bar, movendo-se do banheiro para a cama, vestida apenas de calcinha e sutiã, alheia a qualquer observador. Andrew não pôde deixar de olhar, atraído por aquela figura. Sua mão tocou a tela quando ele se inclinou para frente, como se pudesse entrar na cena. A sensação de atração e frustração era vertiginosa, fazendo seu coração bater cada vez mais rápido enquanto seus olhos seguiam cada movimento. Então o som de vidro quebrando, uma garrafa se destruindo no estacionamento, o trouxe de volta à razão e à precariedade de sua situação atual.

Embora ele soubesse que tinha que sair, as telas o seguraram por mais um momento. Por que havia tantas? Na verdade, por que

diabos havia telas? Um exagero e muito além das necessidades de segurança. Ele já havia estado aqui antes, mas com Ellen, e embora soubesse que havia monitoramento, não havia imaginado nada assim. Ele não era o único voyeur. Ele levou um momento para perceber que os painéis e os números, a princípio aleatórios, eram identificados por números de quartos. Todos os quartos abrangidos. Seguindo os fios até um armário atrás da mesa de Ellen, ele viu o servidor. Eles estavam gravando tudo? Para quem mais poderia ser? Ele levou um momento para olhar a mesa de Ellen; havia arquivos e discos, nomes de convidados. Aquilo era sério, perigoso. Ele tinha que ir embora... AGORA!

Com um último olhar persistente, ele se dirigiu para a porta e emergiu cuidadosamente no corredor mais uma vez. Com a porta fechada, ele se afastou rapidamente da cena de seu delito e foi para um lugar seguro. O crepitar da luz se intensificou e, por um momento, a luz brilhou intensamente; lá no final estava Ellen, séria e imóvel. Seu olhar era inabalável e implacável enquanto a luz a emoldurava e, em seguida, com um estrondo alto, havia apenas escuridão.

Maria acordou assustada e rapidamente acendeu a luz, pegando o telefone enquanto o fazia. Seis da manhã, ela realmente estava dormindo há tanto tempo? Ela passou as mãos pelas pernas enquanto se sentava com os joelhos para cima, quase sem acreditar que era ela mesma. Então seus olhos vasculharam a sala, procurando pelas câmeras, pequenas e sem piscar, observando dos cantos da sala. Ela não podia vê-las, mas sabia onde elas deveriam estar. Será que ele a tinha observado? Ou sonhava em vê-la? Seria mesmo o Andy de novo? Havia tantas perguntas.

Quem quer que fosse, ela estava ciente dos sentimentos de um homem, seu desejo. Ela sentiu a dor física e a perturbação mental; sentiu o fluxo de testosterona ao olhar para uma mulher com pura luxúria. Esses sentimentos eram novos naquele contexto, mas ela também sabia que eram provocados por ela. Ela sabia como afetava os homens agora, ou pelo menos este homem. Tocando a si mesma, ela não teve dúvidas sobre sua própria excitação, mas parecia errado. Ela também se apaixonaria por seu reflexo; Narciso

olhando pelos olhos do outro. Ela se deitou com o corpo formigando e, embora o sono a levasse, aquele sonho não voltaria.

O vento soprou ar frio no rosto de Maria e ela sentiu os arrepios nos braços ao se inclinar para a rajada de gelo. De cabeça baixa, ela acelerou o passo, amaldiçoando a ausência de uma jaqueta e tentando se lembrar por que não tinha nenhuma. Tentando se lembrar de onde estava.

Parando brevemente, ela olhou em volta para a rua vazia em busca de uma placa ou um lugar familiar. A escuridão parecia se fechar ao seu redor, pois ela não via nada que revelasse sua localização e a luz da rua mais próxima escureceu por um segundo quando o vento aumentou novamente, fazendo-a estremecer.

"Você não deveria estar aqui, Maria, onde quer que seja", ela sussurrou para si mesma enquanto se inclinava mais uma vez e dava um passo à frente. Suas orelhas ardiam frias, e ela se abraçou para se proteger ao avistar a figura à sua direita. A princípio, ela pensou que fosse uma sombra, mas tinha um peso próprio, uma intensidade plúmbea de preto contra preto; e estava se movendo em sua direção. Mais uma vez, ela acelerou o passo quando o vento respondeu da mesma forma.

Ela avançou pelo vento de aço por um minuto antes de olhar novamente e desejar não ter feito isso. O semblante escuro estava no seu encalço. Ele caminhava com uma precisão constante, cabeça encapuzada para baixo, casaco comprido batendo contra o vendaval, mas, à medida que ela se movia cada vez mais rápido, não perdia terreno. Olhadelas regulares por cima do ombro confirmaram a perseguição e então ela percebeu que, apesar da cacofonia da tempestade que açoitava seu cabelo em volta das orelhas, ela podia ouvir seus passos firmes e, ao mesmo tempo, uma tosse estridente nas sombras. Isso fez seus pulmões doerem.

Enrijecendo o corpo, ela começou a correr, mas era uma ação quase inútil à medida que o vento combinava com seus esforços e os passos atrás ficavam mais próximos. Ela lutou contra os elementos até que seu corpo ficou dolorido e seus membros entorpecidos ficaram pesados enquanto o ar frio congelava seus

pulmões. Atrás dela, a figura mantinha um ritmo constante e implacável que igualava todos os seus esforços.

À sua frente, um poste telegráfico começou a balançar de maneira instável, como se estivesse bêbado, e caiu na estrada com um estrondo retumbante. Os fios do telégrafo se agitavam descontroladamente como se tentassem agarrar alguma coisa, lançando faíscas no ar que rapidamente se dispersavam na escuridão. Em meio a tudo isso, os passos permaneceram constantes e nítidos, uma lembrança metronômica de seu medo.

Maria percebeu que estava nadando contra a maré, e não tardaria a ficar exausta pela luta. Virando-se, ela plantou os pés enquanto gritava.

— O que você quer!? Quem é você?

A figura parou e ergueu a cabeça até que seus olhos escuros estivessem visíveis através da escuridão. Escuros e profundos, eles fixaram Maria com um olhar frio enquanto ela erguia o braço direito com a palma enluvada em sua direção. De repente, a tempestade ao seu redor se acalmou e o frio intenso diminuiu. A cacofonia se transformou em silêncio quando a figura lentamente baixou o braço novamente.

— Quem é você? — Maria murmurou desesperadamente.

A figura se aproximou e falou com uma voz que soava estranha, mas de alguma forma familiar, masculina e feminina.

— Sou o nada. O nada que mais te assusta, o nada do seu futuro.

— Por que está me seguindo? — Maria perguntou, embora o comentário tivesse levantado muitas outras questões.

— Não estou seguindo você. Sou puxado pelo seu rastro, compelido a acompanhar seu ritmo.

— Compelido por quem? O quê? — Maria disse em voz alta.

— Compelido por você, é claro. — A figura apontava enquanto ria. — Como sua criação, não posso fazer mais nada.

— Meu futuro não é nada? — Maria falava como se perguntasse a si mesma.

— Você parece achar que sim. — Enquanto a figura falava, ela foi avançando em direção a Maria com os braços estendidos.

Paralisada pelo medo, ela estava enraizada no local. — Você está pronta para me abraçar? Para enfrentar seu medo. O vazio do nada?

Quando a escuridão fria a envolveu, ela sentiu como se o ar estivesse sendo forçado para fora de seus pulmões enquanto seu corpo caía e...

Tossindo, ele acordou, seu corpo ainda tenso de terror. Esta foi uma jornada como nenhuma outra, capaz de deixá-lo abalado. Andrew tomou um gole de água e tentou acalmar a respiração. Lentamente, ele voltou a ser ele mesmo.

Os sonhos, especialmente os sonhos dos outros, eram sempre imprevisíveis. Ele havia experimentado algumas mentes verdadeiramente vis, alguns passeios selvagens, mas isso... bem, isso estava em outro nível. No início, como muitas vezes acontecia, era quase como assistir a um filme ou jogar um jogo. Havia um certo desapego se você realmente quisesse estar distante. Isso, porém, tornou-se real muito rapidamente, atraindo-o para o corpo e a alma de Maria, transformando-o nela.

O terror dela era dele, e que terror sombrio era. Ele não conseguia descrever a profundidade do sentimento, mas dentro do frio e da escuridão havia auto-aversão, dúvida, amargura e raiva. Um anseio ardente por algo que ele e ela não conseguiam explicar. Um gélido vazio personificado pelos olhos da figura. Apesar disso, ela estava lutando, correndo, desesperada para seguir em frente e além. Isso ele entendeu muito bem.

Quando seus sentidos voltaram, ele percebeu que o sonho não era para ele; não era pra ninguém. Este pesadelo era pessoal e impossível. Sua pílula abriu uma porta para sua psique, para que ela visse e experimentasse. Ele deveria estar paralisado enquanto transmitia, incapaz de receber. Isso significava que algo mais profundo estava acontecendo. Eles estavam conectados de alguma forma; por que outro motivo ele a teria procurado? Por que arriscar seu trabalho para dar uma espiada nela? Para saber quem procurar?

O pavor sombrio que a seguia estava logo atrás dele. Um rosto diferente, mas das mesmas sombras. Ele tinha certeza de que

poderia ajudá-la a lutar contra a dela se ela o ajudasse a lutar contra a dele. O peso de seus pensamentos empurrou sua cabeça de volta para o travesseiro e o fez dormir, embora desta vez não houvesse sonhos, compartilhados ou não.

FATO E FICÇÃO

A névoa familiar da manhã não foi bem recebida por Andrew e, com os olhos vidrados de sono, ele bocejou e pegou sua garrafa de água. Enquanto sua mão dançava, agarrando o ar fresco, ele forçou os olhos a se abrirem e se concentrou na mesa. A garrafa não estava lá, como poderia ser? Ele tinha uma rotina e sabia que estava com a água pronta. Merda!

— Está com sede? Procurando por isso? — A voz de Ellen era baixa, mas nítida, e ela conteve o sorriso ao ver o pânico de Andrew.

— Senhorita St Peters? O que você...?

— O que estou fazendo no seu quarto? Bem, Andrew, o hotel é meu, ou pelo menos é minha responsabilidade. É um argumento forte dizer que sou a única pessoa com direito de estar no quarto de outra. Especialmente um funcionário. Não acha?

— Creio que sim. — Andrew estava tentando desesperadamente acordar e colocar a cabeça no lugar, até porque estava com muita sede. Ellen o observou por um momento, certificando-se de absorver cada detalhe de seu corpo. Então ela jogou a água para ele.

— Aqui, pegue, parece que você precisa. — Enquanto ele engolia o conteúdo da garrafa, ela se levantou, alisando a saia preta ao mesmo tempo. — Não é muito legal ter alguém em seu quarto sem ser convidado, não é?

— Não, não é.

— Não gosto disso. Não gosto nenhum pouco. — Inclinando a cabeça, Ellen olhou atentamente para Andrew, lendo seu rosto e apreciando o desconforto. — Acho melhor a gente bater um papo, não acha? Então, levante-se, tome um banho e desça para o escritório, tá?

O coração de Andrew afundou, mas ele acenou com a cabeça. — Farei isso.

— Acho que você não entendeu, Andrew, eu quero dizer agora.

As mãos de Andrew seguravam os lençóis enquanto ele tentava ler suas feições implacáveis, uma façanha para a qual não estava qualificado. Então ele sinalizou sob os lençóis para sua nudez e depois para a porta. — Você se importaria?

— Eu me importo. Levante-se, Andrew, e vá tomar banho. Seu constrangimento não é da minha conta, então vá em frente.

Andrew saiu da cama lentamente enquanto Ellen sorria para ele, exagerando seu olhar para cima e para baixo na direção do corpo dele. Enquanto ele corria para o banheiro, ela o observava com um sorriso.

— Bom garoto. — Ela riu. — É tão bom ser objeto de um olhar indesejado, não é mesmo?

Andrew trancou a porta e enfiou o rosto na toalha. — Droga! — ele gritou.

SR. STEELE

Para a maioria das pessoas, ele não passava de um nome e, quem sabe, talvez apenas uma marca. Para aqueles que o conheciam melhor, ele era uma encarnação muito real e imensamente poderosa, embora se manifestasse apenas em voz. Como presença física, ele aparecia apenas para alguns poucos selecionados. Sua conduta inquietante era perturbadora e intimidadora, mas ele raramente aparecia quando as coisas estavam indo bem. Ellen conhecia esse homem melhor do que a maioria, mas dificilmente considerava ter algum conhecimento real sobre ele. Ele confiava nela quase completamente e dependia dela em grande parte. Mas estava claro que eles não eram colegas; ela era a funcionária.

Duas coisas que ela sabia sobre esse homem eram cruciais. Em primeiro lugar, ele era um homem intensamente secreto e reservado, obcecado com os segredos dos outros. Em segundo lugar, ele tinha um plano e, fosse ele grandioso ou trivial, seria seguido até a sua conclusão; sem questionamentos. Embora Ellen fosse contratada por sua incrível percepção e capacidade de ler as pessoas, essa era uma ferramenta a ser usada para os fins dele. Assim como as imagens das câmeras, as informações que ela encontrava eram passadas para ele. Cada detalhe, cada imagem e gravação; cada palpite ou suposição. Ele queria tudo e seus desejos não seriam negados ou ignorados.

Quando ele chegava, era sempre igual e sempre um choque. Lá estava ele, sentado à mesa de Ellen, sem nenhum aviso, olhando para as telas à frente como se estivesse hipnotizado. Seus ternos caros, sempre pretos e perfeitamente ajustados, contrastavam com o branco de seus cabelos e das suas camisas novas e engomadas. O brilho saudável da pele bronzeada e mimada revelava riqueza e privilégio; seus anéis, todos os três, eram discretos e ainda assim nitidamente caros. Essa imagem clássica de um empresário de

sucesso estava fora do roteiro de duas maneiras. Suas mãos, embora macias e bem cuidadas, tinham unhas afiladas, longas e femininas demais para um homem de cinquenta anos; extravagante demais para se passar por um cara da cidade. E, embora confiante no porte e na voz, seus olhos eram escuros e cheios de suspeita e dúvida, traindo sua obsessão.

A fofoca era de que seus bens vinham de dinheiro russo "obscuro" ou que ele havia feito fortuna na China, uma alegação sussurrada que sugeria que algo menos do que legítimo estava por trás de sua riqueza. A verdade era menos excitante, embora não menos sombria.

Nascido em Pittsburgh, James Stephenson era filho de um bem-sucedido pai que trabalhava como incorporador imobiliário e de uma mãe professora. Ele os observou prosperar, não muito ricos, mas tendo uma vida mais que confortável. Ele olhou em volta para seus amigos e começou a apreciar o que o trabalho árduo poderia alcançar. Então ele olhou mais longe para outras empresas e empresários; vendo o que poderia ser alcançado com outros métodos. Ele entendeu que a riqueza poderia ser alcançada por meio do trabalho árduo de outros indivíduos e arriscando o dinheiro de outras pessoas.

Seu pai, Kenneth, trouxe Charles para o mundo dos negócios aos vinte e um anos. Ele tinha feito trabalhos de verão, mas este era um lugar no escritório central subordinado a seu pai e a mais ninguém. Isso causou ressentimento entre os funcionários mais velhos, mas o jovem não tinha interesse em fazer amigos quando podia ganhar dinheiro. Ele estudou as formas de negócios e aprendeu rapidamente.

Aos vinte e três anos, a maioria das decisões já era tomada com suas opiniões consideradas; ele entendia como seu pai trabalhava e apreciava os processos. A esse conjunto de habilidades, acrescentou uma crueldade inflexível que viu seu pai ser afastado dos negócios quando ele tinha vinte e cinco anos e se aposentou no ano seguinte. Nos anos que se seguiram à sua morte, ele desenvolveu um carinho real por seu pai, mas era algo que ele nunca havia proporcionado ao homem enquanto estava vivo. Na

verdade, o pai em sua cabeça era uma construção totalmente feita por ele mesmo e apenas vagamente baseado na pessoa em carne e osso que ele havia rejeitado.

Sua mãe reagiu mal à falta de empatia do filho, à ausência de lealdade, à cruel indiferença onde deveria estar o amor. Ele mal notou ou se importou e, quando sua carreira decolou, decidiu mudar seu nome para Steele, pois sentiu que era um apelido mais adequado e poderoso. Foi um divórcio simbólico de sua família e agora eles estavam felizes em deixá-lo ir.

— Onde ele errou? — sua mãe soluçou.

— Quando ele esteve certo? — o pai de Steele sussurrou

Quando Ellen relatou a indiscrição de Andrew na sala de monitoramento, e ela realmente teve que denunciá-lo, ela sabia que ele viria. Os últimos meses haviam adquirido uma importância maior para o homem, quase como se houvesse algum ímpeto invisível crescendo. Ela sentiu pena de Andrew, pois o Sr. Steele não era conhecido por reagir bem à decepção, e ele ficaria desapontado. Ela fez uma pausa e sentou-se à escrivaninha, olhando para o telefone como se esperasse ser dissuadida de seu dever.

Olhando para as telas, ela podia vê-lo, de banho tomado e vestido, sentado em silêncio na ponta da cama. Ela sabia que os pensamentos dele estavam tão concentrados quanto os dela, mas tinha consciência de que a ansiedade dele estava relacionada a ela. O conhecimento de possuir tal poder era empolgante, mas, nesta ocasião, um pouco abafado. Ela não gostava de se sentir em conflito sobre os cursos de ação; eram desconfortáveis e, mais importante, eram fracos. Ela observou enquanto Andrew se levantava e se espreguiçava, até que, ereto e sério, ele se moveu para a porta. Ao vê-lo a caminho, resolveu deixar para telefonar para o Sr. Steele mais tarde.

SR. PAUL

Um homem estranho; um menino estranho antes disso; uma vida estranha. O Sr. Paul era um forasteiro e, embora isso não fosse necessariamente sua escolha, ajustava-se perfeitamente ao seu projeto. O lado de fora era silencioso e permitia visão total do mundo e de seus jogadores. O lado de fora estava fora da luz do sol e dentro das sombras.

Jake Paul nasceu em Surrey em uma família com tradição no exército, então a vida de nômade era natural para ele. Alemanha, Chipre, de volta ao Reino Unido e depois à Alemanha novamente. Uma tentativa de adotar uma vida civil levou a família para o Texas, mas o fracasso quase quebrou seu pai e o mandou de volta para a segurança de um uniforme.

Durante toda esta jornada, o menino de olhos escuros se manteve em silêncio; pensativo e sozinho, ele foi ignorado pela maioria de seus colegas e temido por alguns. Ele abraçou sua diferença e concentrou-se no diálogo interno que fervilhava diariamente em sua mente, nos pensamentos que giravam e ameaçavam dominá-lo, nos pensamentos que exigiam atenção. Os pensamentos que não eram todos seus.

Sentir o que as pessoas pensavam era perturbador e excitante, o que elas pensavam dele era indesejável. Isso era especialmente verdade com sua mãe. Seus sorrisos e abraços, dados com tanta facilidade, perdiam todo o conforto quando combinados com ansiedade e medo avassaladores. Ela estava com medo do que aconteceria com esse pequeno introvertido e, mais importante para Jake, muitas vezes com medo do próprio garoto. Os olhos negros e a falta de expressão, o silêncio que se estendia por horas e o eventual discurso muitas vezes feito em tom baixo e monótono. Ela achava difícil acreditar que ele pudesse ter vindo dela ou ser parte dela.

Seu pai contava com o exército como sua família; as regras eram mais claras e simples, um mundo preto e branco sem nuances. Sua esposa, Susan, era um mistério para ele uma vez que o desejo havia desaparecido, e ele esperava que o menino a mantivesse ocupada. Felizmente para ele, o menino era quieto e não exigia nada dele. Ele encontrava justificativa para sua indiferença, e o menino reconheceu isso tão claramente que emocionalmente não se conformava com nada. À medida que crescia, Jake, nas poucas vezes que falava, referia-se ao pai como Joe, GI Joe, ou o velho soldado. Nunca o chamava de pai. Ele era o companheiro de uniforme de sua mãe e pouco mais. Ele não o odiava; ele simplesmente não se importava.

Por muito tempo, ele não percebeu que esse conhecimento dos outros não estava disponível para todos, tanto que foi somente quando seus pensamentos se tornaram sombrios que ele soube que aqueles ao seu redor não poderiam saber. Ele ficou perturbado com tais pensamentos e sabia que os outros teriam mostrado pelo menos um leve desgosto se soubessem de tudo aquilo. Ser capaz de se antecipar às opiniões e atitudes dos outros, mesmo que fossem negativas em relação a ele, dava-lhe uma vantagem distinta, e ele usava sua inteligência e confiança em sua capacidade de ser espirituoso e mordaz de uma maneira impassível que combinava com seu discurso. Ele não falava com muita frequência, mas quando isso acontecia, fazia questão de fazer a diferença.

Após a puberdade, seus pensamentos sobre as mulheres se misturaram com suas reflexões sombrias e às vezes se tornavam parte delas. Ser capaz de sentir suas emoções lhe dava uma vantagem, mas não ajudava a fazer com que a maioria se sentisse revoltada ou atraída por ele. Ele havia crescido e se desenvolvido, pelo menos quando se tratava de regimes de condicionamento físico que Joe poderia ajudar, mas seus olhos escuros e atitude taciturna ainda perturbavam as pessoas; e sua língua afiada poderia ser cruel. Ainda assim, algumas meninas o viam como um desafio, uma curiosidade, uma experiência que trazia algum perigo. De sua parte, Jake não tinha escrúpulos em ser o desafio que elas esperavam e era talvez mais perigoso do que eles jamais imaginariam.

Ele chegou a ler alguns livros sobre leitura da mente e soube imediatamente que isso não se aplicava a ele, pois a clareza que eles afirmavam não era algo que ele reconhecia. Ele gostava de The Dead Zone de Stephen King e achava que era o que mais se assemelhava a ele, embora não precisasse de contato físico e não acessasse todo mundo. Ele não sabia por que, mas muitas pessoas eram vazias para ele, outras vagas demais para se agarrar a qualquer coisa. Só mais tarde ele descobriu sua técnica.

A inteligência aguçada de Jake era fornecida por uma fome de conhecimento, e ele devorava livros rapidamente, sugando as palavras e ideias sem qualquer prazer envolvido. A fachada silenciosa não revelava nada da mente aguçada, da intenção cruel ou dos desejos lascivos; ele olhava implacavelmente com a cara de pôquer perfeita, nunca mostrando a mão. Ele sabia que as palavras nem sempre eram suficientes e persuadiu Joe e seus amigos a ensinar o básico sobre facas e armas, autodefesa e ataque fatal. Seu pai gostava de poder compartilhar algo com seu filho, o tempo todo se preocupando com o que se escondia por trás daqueles olhos escuros. Jake aprendeu rapidamente e acrescentou seus próprios floreios. Técnicas para dar vida à crueldade, nervos de aço para combinar com o gelo que corria em suas veias, arestas afiadas para acompanhar sua língua dilacerante. Tudo o que restava era um lugar para colocar tudo para funcionar.

O CASSINO DE STEELE

À medida que seu portfólio de propriedades se expandia, a atenção de Charles se viu atraída pelo Royale Casino, um local popular com uma clientela endinheirada. Isso permitiu a ele uma oportunidade ideal para estabelecer uma rede de contatos poderosos, obtendo, ao mesmo tempo, grande prestígio e, em alguns casos, uma influência útil. Ele se certificou de que houvesse mesas privadas atrás de portas trancadas para atender à elite e aos ricos, salas de pôquer que nunca fechavam. Seus funcionários foram escolhidos a dedo e garantiram total discrição. O que acontecia no Royale Casino deveria ficar no Royale Casino; segredos nunca deveriam ser compartilhados com ninguém. Ninguém exceto Charles Steele.

O conhecimento se transformou em poder e, com o tempo, uma obsessão. Charles comprou a melhor tecnologia de vigilância para espionar cada canto, procurou homens e mulheres de boa memória para localizar os contadores de cartas e depois procurou outros com habilidades que pudessem ajudar. Ele esperava funcionários que fossem treinados em psicologia ou que tivessem um talento especial, uma habilidade comprovada para ler as pessoas. O que ele não esperava era o Sr. Paul.

Jake se candidatou a um emprego que não podia ser anunciado. E ele estava em uma lista de pré-selecionados mesmo antes disso. Ele havia elaborado uma lista de lugares onde seus talentos poderiam ser utilizados como uma vantagem e a cruzou com uma lista de locais potencialmente lucrativos. Este, ou qualquer outro cassino, não encabeçava a lista, mas havia algo obscuro sobre o empreendimento. A casa sempre ganhava e, mesmo assim, estava sempre cheia, então ele imaginou que havia pessoas dentro daquelas paredes que estavam dispostas a abrir mão de seu dinheiro, quer pudessem fazer isso ou não; e muitos podiam.

O Royale Casino não foi o primeiro que ele procurou, mas as portas privadas e os convidados bem vestidos sugeriam que algo mais estava acontecendo. Ele jogou algumas mesas. Certificando-se de perder uma quantia insignificante, sem chamar atenção como um grande gastador ou vencedor, ele trabalhou na sala, verificando o layout e procurando pelo chefe. As bonitas garçonetes olhavam para os supervisores, assim como faziam os crupiês e os carteadores, enquanto os funcionários do bar olhavam para o gerente de balcão. Todos eles olharam para a figura alta e silenciosa que se movia entre as mesas, um sussurro aqui, um sinal de cabeça ali. Ele era uma imagem de confiança satisfeita, embora Jake pudesse sentir a angústia por baixo. Um medo de ser enganado, roubado, exposto ou manipulado. O medo definitivo de que Charles Steele pudesse encontrar um Charles Steele ainda melhor e descobrir que ele era o alvo.

O escopo estreito desse medo divertia Jake, pois havia muito mais coisas com que se preocupar, muito mais pessoas. No entanto, essa era uma boa visão do homem, a arrogância de alguém que temia apenas a si mesmo. Jake poderia usar isso. Ele seguiu o homem que voltava para seu escritório, observando enquanto seu supervisor fechava a porta na cara de seu empregador e ficava parado, de braços cruzados, na frente dela. Aproximando-se, Jake relaxou o corpo, com os ombros caídos enquanto seu andar se tornava um galope preguiçoso e os olhos e a cabeça baixos, esperando que o guarda registrasse a passagem do típico 'bêbado perdedor'.

Um rápido chute lateral no joelho trouxe a cabeça do homem para baixo para encontrar a base de sua mão enquanto cortava seu queixo, mandando-o para o chão, onde mais um golpe certo garantiu que ele ficasse apagado. Rapidamente, Jake entrou pela porta, fechando-a atrás de si. Charles Steele se afastou das telas de monitoramento.

— Você não pode entrar aqui. — Ele apertou o botão em sua mesa para chamar apoio.

— Você realmente precisa de nova segurança. — O tom calmo e monótono surpreendeu Steele, embora se tornasse muito familiar.

— Seu homem está descansando um pouco.

— E você é? — Steele manteve a voz calma, mas continuou pressionando o botão.

— Eu sou — ele fez uma pausa enquanto consignava o nome Jake para a história — o Sr. Paul. Seu novo chefe de segurança e guarda-costas. Sou o futuro deste cassino. — Olhando para o dedo que ainda pressionava o botão, ele continuou. — Eu realmente não sou uma ameaça para você; sou o oposto, na verdade. Vou garantir sua segurança. Deixe-me dar uma ideia do que eu ofereço. Seu carteador de blackjack está roubando de você, não muito, mas o suficiente, enquanto a garçonete Jill é uma policial disfarçada tentando descobrir quem vem às suas sessões de 'pôquer noturno'. Joe, seu guarda-costas, é só músculos e nada de cérebro. E você, Sr. Steele, está confiante demais no que tem e não está ansioso o suficiente sobre quem mais está interessado.

— Você é muito seguro de si, Sr. Paul, e surpreendentemente certo de que me conhece. Não sei se devo ficar impressionado ou irritado; na verdade, estou um pouco dos dois agora. — Steele se levantou e caminhou para se sentar na beirada de sua escrivaninha, enquanto avaliava a seu convidado. O breve silêncio foi quebrado quando Joe entrou pela porta.

— Sr. Steele? Está tudo bem? — A raiva de Joe foi atenuada ao ver que o chefe estava ileso.

— Sim, estou bem, não graças a você. — Steele olhou para a figura ensanguentada e balançou a cabeça lentamente. — Estou desapontado, Joe, mas já que está aqui, é melhor conhecer seu novo chefe, o Sr. Paul. — Steele gesticulou para o homem atrás de Joe, com a arma apontada para a cabeça dele. — Vejo que veio armado, Sr. Paul.

— Vim preparado, Sr. Steele. Agora, presumo que você aceita minha oferta? — O Sr. Paul fez uma pausa quando Steele assentiu. Abaixando a arma, ele falou novamente. — Pode ir, Joe, está demitido.

— O quê? Sr. Steele, você não pode... ele não pode... — A mente confusa de Joe sofria para absorver a informação.

— Sim, eu posso, então saia daqui antes que você me faça tomar providências. — O Sr. Paul falou suavemente, mas com uma ameaça real. Joe sabia que havia sido derrotado e saiu com uma última ameaça.

— É melhor você me pagar.

— Você faria bem em não fazer ameaças, Joe. Você aceitará o que lhe for dado; ou não. De qualquer forma, apenas reze para que eu não precise visitá-lo. — O tom de voz dessa vez não deixou ninguém em dúvida sobre a intenção. Joe não respondeu, mas seus passos aceleraram. Ele estava feliz por partir agora.

— Por favor, sente-se, Sr. Paul, estou ansioso para ouvir mais sobre as alegações que fez sobre minha equipe. Sobre como você sabe de tudo isso. Se você sabe? — Steele caminhou e fechou a porta enquanto falava, notando como os olhos do homem nunca o deixavam, esperando até que ele voltasse ao seu lugar antes de se sentar.

— Eu sei, confie em mim. Tenho um conjunto de habilidades incrivelmente especial. É difícil de explicar, mas vou tentar.

STEPHANIE STEELE

Inicialmente, era uma exibição vertiginosa de cor e movimento, tanto algo quanto nada. Então a imagem clareou quando sua jornada começou, exceto que não era ela, nem seu corpo ou pensamentos, ela era apenas uma passageira, embora sentisse cada parte. Ela teria se perguntado sobre as incríveis propriedades da pequena pílula, para produzir tudo aquilo, se ela fosse capaz de ter seus próprios pensamentos. Seus pensamentos eram secundários enquanto ela estava na mente de outra pessoa.

Stephanie McKenzie veio de uma família rica, conhecendo apenas o privilégio e o conforto. Como seu pai, ela nasceu rica, mas não tinha interesse em investimentos imobiliários ou em jogar no mercado como ele. Sua mãe havia trabalhado muito para se tornar a gerente geral do portfólio de propriedades McKenzie, embora, em vez de assumir a liderança, Stephanie visse isso como o trabalho a ser feito. "Por que se matar trabalhando quando mamãe já faz isso?"

Longe de carecer de inteligência, ela simplesmente não encontrava nada para estimular sua mente, certamente nada que exigisse trabalho duro. Era mais porque ela tinha o que precisava, e muito mais, e aparentemente todo o tempo do mundo. Sem pressão, sem perigo, sem preocupações. Talvez por isso Charles Steele parecesse tão atraente. Ele era um desafio e era perigoso. Ele dava a entender que havia algo sombrio por trás do silêncio, algo que fascinava Stephanie. A diferença de idade, dez anos, não era problema para ela ou sua família. Ele poderia ter qualquer idade; no que dizia respeito a eles, ainda o odiariam. Seu exterior impetuoso e negócios impiedosos os deixavam indiferentes. Douglas McKenzie gostava de pensar que seus negócios imobiliários eram complexos, que sua esposa Polly era uma negociadora implacável; no entanto, isso não era nada em comparação com Steele. Ele era simplesmente brutal.

Ele primeiro se tornou parte de suas vidas ao trazê-los, juntamente com outros magnatas imobiliários, para um novo empreendimento, do qual todos lucrariam ao enfrentarem os figurões. Com o tempo, eles perceberiam que isso era uma fraude; a princípio, soava como uma oportunidade real. Ele dava festas, fazia discursos empolgantes e vendia seu sonho de uma aliança para todos os que participavam. O tempo todo ele olhava para Stephanie com o mesmo olhar aquisitivo. Ela via alguém diferente, alguém confiante em tudo o que dizia e fazia, alguém que inspirava o respeito e o medo de seus pais. Este foi o argumento decisivo.

Steele não deslumbrava Stephanie com presentes ou lugares caros; ela já tinha acesso a isso, então ele a levava em jantares e viagens de negócios. Ela observava sua total indiferença pelas pessoas e, até certo ponto, por ela, e queria entrar em sua cabeça. Não havia grande atração física envolvida, embora os desejos dele fossem realizados; caso contrário, ele procuraria isso em outro lugar. Stephanie se sentia atraída por tudo que ele não mostrava ou dizia. Atraída pelo mistério como se algum grande segredo fosse ser descoberto. Aos olhos dela, ele escondia profundidades que eram infinitamente fascinantes de todas as maneiras que seu exterior impetuoso não era. Ela se apaixonou por quem ele poderia ser, ela se apaixonou por um fantasma que nunca existiu.

Eles foram um casal por anos, embora do lado de fora fosse difícil de ver. Ela era mantida à distância dos colegas e do trabalho dele, exceto durante alguns jantares de negócios quando os dois marcavam presença. Ele a tratava como uma amante, sempre cuidadoso onde eles se encontravam e com quem, o que excitava Stephanie inicialmente e depois a deixava perplexa. Ainda assim, era outra camada do personagem misterioso que ela havia construído, um personagem no qual ela depositava cada vez mais fé com o passar dos dias. Mesmo quando a coligação dele entrou em colapso, tornando Steele um vencedor às custas de todos os outros, incluindo seus pais, ela ficou com ele. Seu homem das sombras deveria ter algum plano além de deturpações e truques financeiros.

O casamento proporcionou alguma estabilidade financeira em um mundo que ele havia tornado incerto, embora ele tomasse

cuidado para não levar os McKenzies à falência, como fez com muitos dos outros membros da aliança. Stephanie viu isso como um ato de generosidade da parte dele, ignorando seu papel de arquiteto do esquema. Nem sempre ela seria tão cega. De fato, foi a cerimônia, pequena e rápida como ele desejava, que fez com que algumas das escamas caíssem. Steele não convidou ninguém, desencorajando-a de convidar todos, exceto alguns, ao lado de seus pais. Eles se sentaram, pálidos e cansados, quase inexpressivos, enquanto observavam o homem que havia tomado seus negócios também levar sua filha. O pior de tudo era o padrinho, o Sr. Paul, uma figura silenciosa e ameaçadora; carrancudo e inalcançável. Ela nunca tinha visto um homem olhar para ela do jeito que este homem fazia. Ele a deixou arrepiada até os ossos.

Se este homem era o amigo mais próximo, o padrinho, então talvez o desconhecido Sr. Steele pudesse, e devesse, permanecer nas sombras. Isso deixou o homem à sua frente. Sexo ruim e maus modos envolvidos em um valentão arrogante. Sua noite de núpcias foi um sinal do que estava por vir, decepção e insatisfação. Steele viu isso e ficou claro que ele não se importava; afinal, a cerimônia foi feita. — Somos marido e mulher agora, muito no sentido tradicional. Seu coração, seu corpo, seu dever, enfim, é para mim.

Viver como sua esposa enquanto era tratada como uma amante era um absurdo, mas ela até gostava de vê-lo pouco. Ele estava obcecado com um novo hotel e uma nova ideia. Foi assim que ela veio parar ali, no hotel, sob o efeito de alguma pílula. Tornando-se outra pessoa.

Quando a imagem entrou em foco, ela/ele viu um longo corredor escuro. Ao descer, ela, agora ele, sentiu uma sensação de urgência e excitação com o que estava por vir. Ela estava ciente de um relógio tiquetaqueando alto, mudando seu humor de expectativa para ansiedade, todo aquele tempo perdido. Ele caminhou passando pelas portas de ambos os lados até que finalmente diminuiu a velocidade e virou para a porta preta à sua direita. Em letras douradas em negrito, ele leu o Sr. James Stephenson, tocando as letras e sentindo um sentimento de orgulho. Olhando

para cima e para baixo no corredor, ficou claro que cada porta era adornada da mesma maneira. Ele sentiu seu peito inchar.

Girando a maçaneta lentamente, ele entrou na sala, com as luzes brilhantes iluminando um cofre de banco. Ele entrou e examinou a vasta sala de mil pequenos cofres e caixas de depósito. Cada um trazia o nome de alguém ou de uma propriedade e um display na frente mostrava o total contido, um display fluido que estava sempre contando um centavo de cada vez. Algumas exibições eram lentas, algumas até paradas, mas outras giravam sem parar em alta velocidade. Acrescentando quantias a cada segundo. Toda a ansiedade se foi neste lugar, substituída por calor e conforto, seu contentamento. Ele sorriu enquanto saía pela porta.

A expectativa voltou quando ele passou pelas portas idênticas até que parou novamente, virando à esquerda desta vez, ele abriu a porta com força, permitindo que ela batesse contra a parede interna, anunciando sua chegada com um estrondo. O quarto parecia um hotel barato, com uma névoa de vermelho desbotado e iluminação ruim que o fazia parecer um filme antigo em sépia. Isso também não tinha som. Porém, não era um filme, mas uma mulher sentada na cama, triste e chorando, e que não era uma atriz. Ela era claramente Clare McKenzie, mãe de Stephanie. Passando por ela, ele pegou uma bebida da mesa e parou para admirar seu reflexo no espelho sujo. Sorrindo confiante, o Sr. Charles Steele gostou do que viu.

Clare McKenzie se levantou e falou, claramente implorando, embora nenhuma palavra pudesse ser ouvida, enquanto seus olhos exibiam uma imagem de desespero. Steele não precisava mais da conversa, pois havia sonhado com isso mil vezes antes. Ela implorando pelo marido e pelos negócios deles, pela filha. Ele não precisava destruí-los e levá-la, ele tinha mais do que o suficiente. Isso foi compreendido imediatamente, uma abreviação de sonho, assim como a oferta dele de fazer o que ela perguntou se ao menos ela...

Ele queria chegar à ação que tanto esperava, então essa peça silenciosa foi acelerada até o ponto em que ele levou um dedo aos lábios dela e abriu o zíper do vestido. A alegria absoluta de poder e desejo sexual corria por suas veias, inflamando seu corpo enquanto

ele a empurrava para a cama. Por trás de tudo estava o deleite em sua mente de que este acordo nunca seria honrado. Por que ele honraria e, bem, o que ela poderia fazer? Ele olhou para ela na cama e riu.

Stephanie se obrigou a despertar e correu para o banheiro, onde passou muito mal. Ela trancou a porta e puxou uma toalha para o rosto, abafando o som enquanto chorava, com a mente em rodopio. Como ela poderia ter sido tão tola? Ela pensou em todas as discussões que tivera com a mãe antes do casamento. As constantes sugestões de que ele não era o homem que ela imaginava. Sua defesa em nome do seu homem das sombras. Agora, porém, não havia tempo para reflexão. Ela precisava dar o fora.

Seu marido, o monstro, dormia profundamente. Seu rosto apresentava movimentos enquanto ele sonhava, seus dedos batiam enquanto sua mente era interpretada. Sabendo onde estavam seus pensamentos, ela olhou para o abajur e o pegou. Esmagar a cabeça dele em polpa não exigia muito pensamento, mas ela parou por um segundo e então baixou a lâmpada com cuidado. Lutando contra as lágrimas, ela se vestiu rapidamente, tentando não olhar para o propenso Sr. Steele. Acabar com ele não estava além dela, mas ela sabia que não acabaria ali, não enquanto o Sr. Paul ainda vivesse. "Viver para lutar outro dia", ela disse para si mesma enquanto saía do quarto, correndo para casa para fazer as malas. "Viver."

UMA CHANCE

Revigorada e totalmente acordada, Maria chamou a recepção.

— Olá?

— Olá, Srta. Roman, correto?

— Sim, quarto 110. Estou pronta para partir agora.

— Sim, e como podemos ajudá-la?

— Seu bar está aberto?

— Sim, senhorita Roman, se desejar, temos uma excelente seleção de cervejas e vinhos ou, se preferir, temos café, chá e sucos.

— Muito obrigada. Tchau.

O pensamento não estava lá antes, mas pegando sua bolsa às pressas, ela sabia que tinha que checar o bar. Parando no espelho de corpo inteiro, ela passou as mãos pelo vestido, virando-se um pouco para poder ver as costas. Satisfeita com seu visual, ela se inclinou para verificar a maquiagem e arrumar o cabelo. Era estranho, mas era quase como se ela pudesse se ver através dos olhos dele e ele gostasse do que ela via.

Descendo para o bar, foi tudo o que ela pôde fazer para se impedir de correr. Seu coração batia forte e ela teve que se concentrar para diminuir a respiração, especialmente quando entrou na sala e se aproximou do barman. Sorrindo, ela fez uma pausa, recompondo-se, mais uma vez alheia aos olhares de admiração ao seu redor.

— Posso ajudá-la, senhorita?

— Uma vodka e tônica, por favor. — Sua voz estava quase ofegante e envergonhada. Ela limpou a garganta, sentando-se quando sua bebida chegou. Com metade do corpo virada para a sala, ela tentou examinar os rostos, um exame disfarçado dos homens, muitos dos quais ainda estavam fixos nela. Alheia aos outros, ela podia ver que ele não estava lá, e a decepção era quase esmagadora.

Minutos se passaram e Maria sentiu que havia cometido um erro. A estranha excitação da noite anterior corria o risco de ser substituída pela decepção. Ela olhou para o espelho atrás dos componentes ópticos e, vendo seu triste reflexo, desejou que fosse o olhar de Andrew. Termine e vá embora, pensou ela, olhando para a porta enquanto tomava lentamente um gole de sua bebida. De repente, lá estava ele. De cabeça baixa e séria, ela tinha certeza de que era o próprio, pois ele sumiu de vista e desceu o corredor.

— Por favor, tome conta da minha bebida. — Foi uma instrução semi-falada para o barman quando ela se levantou rapidamente e se dirigiu para a porta.

Olhando para a direita, ela podia ver a figura vestida de jeans no final de um longo corredor que se estendia da recepção até uma porta verde escura no final. Instintivamente ela o seguiu, tentando andar rapidamente sem chamar a atenção. Aquele andar, um leve balançar dos ombros retos e a deliberação dos passos, era inconfundível. Ela sabia que era ele porque ela havia sido ele. Transfixada, ela tentou acelerar sua perseguição até que o viu parar na porta verde. Endireitando a camisa, ele parou como se não tivesse certeza do que estava acontecendo ao seu redor e por um momento ficou congelado. Maria desacelerou até parar. O tempo parecia ter parado, e ela percebeu que estava prendendo a respiração. Então, ele se virou e olhou para ela. Havia distância, mas ela podia sentir os olhos dele sobre ela. Por um segundo, ela viu um lampejo de reconhecimento e então ele se virou e entrou no cômodo, desaparecendo atrás da porta verde de madeira.

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Charles Steele olhou pelas persianas de seu escritório, observando enquanto sua pequena, mas dedicada equipe trabalhava diligentemente. Ele voltou para sua mesa e examinou a coleção de arquivos à sua frente, franzindo ligeiramente a testa enquanto tentava decidir qual abrir primeiro. Ele fez uma pausa e se recostou, relaxando no assento enquanto olhava para o teto. O escritório era iluminado e organizado, moderno, mas com personalidade; um design minimalista que ainda esbanjava riqueza e sucesso. Isso era uma fortuna sem fama e ainda assim não era suficiente.

Com um talento natural para os negócios, ele acumulou uma vasta riqueza, embora parecesse não ter nenhuma especialização específica. De fato, nenhum padrão ou interesse podia ser discernido. Eram seus olhos e seu julgamento que importavam. Ele podia ver aqueles com talentos e os utilizava em seu benefício. Ele também poderia identificar fraquezas e explorá-las sem hesitação.

Como ele havia mandado seu pai para as sombras da aposentadoria precoce, ele estendeu a mão para os outros incorporadores imobiliários da cidade, não os gigantes, mas a concorrência, e sugeriu que trabalhassem juntos. Os benefícios de muitas pequenas empresas capazes de se mover rapidamente eram claros e representavam uma grande ameaça para os gigantes do setor. Steele reconhecia os perigos financeiros, mas argumentava de forma persuasiva para amenizar a maioria dos temores. O mais impressionante foi que ele insistia que não seria o homem para liderar esse cartel.

O novo empreendimento exigia investimento de todos os interessados, mas o trabalho veio rápido e, mais uma vez, Steele ficou no final da fila e acenou para que os outros passassem. Ele receberia sua parte em breve e estava feliz por ver seus novos amigos terem sucesso. Jack Thomson, o CEO da TCC

Developments, uma figura importante em todo o país e além, foi menos compreensivo. Ele gostava de competição; mas só quando ganhava.

Steele era um estrategista e sabia como os figurões reagiriam; ele sabia que se eles permanecessem resolutos e juntos, sem exageros, poderiam sobreviver. No futuro, haveria trabalho suficiente para todos. Algumas dores de curta duração para ganhos de longo prazo. Pelo menos era assim que funcionava se você pudesse esperar, mas Charles Steele não era um homem paciente. Ele também não era um jogador de equipe.

Como Thomson estava pronto para agir, Steele se encontrou com ele e propôs um acordo e, ao mesmo tempo, retirou seu dinheiro do cartel. O acordo permitiria que Steele mantivesse dois terços do trabalho já acordado enquanto verificaria com a TCC quaisquer empregos futuros. O cartel estava lamentavelmente fraco financeiramente agora e, com um empurrão de Thomson, muitos iriam desistir. Steele iria ajudar com isso. Logo eram TCC e Steele, e assim seria por alguns anos até que ele os vendesse.

Na verdade, ele tinha pouco interesse por imóveis ou pelas pessoas envolvidas; ele queria dinheiro e poder, mas dinheiro para começar. A venda do negócio havia arrecadado muito. Agora, tudo o que precisava fazer era identificar as áreas de possibilidade e as janelas de oportunidade. Nem todas funcionariam, mas quando você antecipa suas ações, as recompensas potenciais podem ser substanciais. Um dos caminhos que ele percorreu foi a pesquisa médica.

Não era uma grande aposta quando você podia investir pesadamente, sem falar que ele estava ciente de que uma nova droga, uma cura, poderia ser sua descoberta de ouro. Porém, o alvo era amplo, e foi aqui que seus instintos o serviram bem. Um médico chamado Thomas Pearce foi identificado como uma estrela jovem e brilhante dentro de uma empresa farmacêutica global. Inteligente e conservador, ele foi educado em Harvard e era capaz de realizar coisas de tirar o fôlego. Isso, juntamente com uma saudável consideração pelo dinheiro, em contraste direto com sua

consideração pela ética, fez dele o tipo de homem ideal para Steele. Um homem com um preço que desejava ser comprado. O que ele também trouxe foi a compreensão do valor financeiro da ciência que praticava. Como ele conhecia o negócio da medicina e onde ficavam os mercados, tanto era provável que ele criasse uma droga para uso militar quanto para o hospital.

O que ele descobriu foi uma droga capaz de abrir a conectividade mental, permitindo literalmente entrar na cabeça de outra pessoa. Parecia funcionar a distâncias relativamente curtas e apenas quando ambas as partes dormiam, mas já era um começo. Um começo surpreendente com infinitas possibilidades. O objetivo original de rastrear a função cerebral em termos de Parkinson e Alzheimer foi 'arquivado' quando Pearce viu os dólares militares se acumulando. Steele também viu isso, mas estava ansioso para que o produto não fosse oferecido ou vendido muito cedo. Não antes de ser testado. Não antes de explorar outras possibilidades.

O Hôtel de Rêves foi criado para apelar aos espiritualistas e caçadores de fantasmas, adeptos da Nova Era e curiosos do tarô. A história por trás era intencionalmente vaga, um hotel com propriedades estranhas e experiências extracorpóreas. Um lugar único dos sonhos dos outros, um antro de ópio moderno para quem conhecia, mas que deveria ser 'mantido em segredo do grande público'. Ele trabalhou nessa base por quatro anos, trazendo grupos cada vez mais amplos, intrigados para testar as alegações. Ao mesmo tempo, um grupo foi instituído para refinar a experiência, uma equipe para aprimorar a experiência para alguns e bloqueá-la completamente para outros.

Algumas das salas, aquelas que ficavam no final dos corredores, eram dotadas de um ruído branco imperceptível. Canalizado constantemente, assegurava que os hóspedes não tivessem nada além de uma boa noite de sono; às vezes, eles nem tinham isso. Este era um elemento importante para o estabelecimento, pois era vital que um número significativo de pessoas saísse alegando que o local era uma fraude. Tinha que ser questionável o suficiente para evitar a atenção excessiva do público.

Outro fator eram os leitores. Aqueles identificados como particularmente receptivos poderiam ser contratados para observar e escutar todas as noites; treinados para lembrar e registrar. Todas as suas informações foram armazenadas; na verdade, todos os dados disponíveis foram mantidos. Informação era poder, o Sr. Steele tinha consciência disso, e sabia que ainda não tinha o suficiente. Para tanto, havia um espetáculo à parte, um projeto secundário. O que aconteceria se uma pessoa vivenciasse a mente de outra regularmente? Como eles poderiam ser afetados? Andrew e Maria eram duas dessas pessoas, enquanto Ellen, a mediadora que tudo via.

SEM CANÇÃO DE NINAR

Motivação e ambição foram as bases da vida de Thomas Pearce; elas sustentavam seu ego substancial e alimentavam sua fome de riqueza. Thomas, assim como Charles Steele, também desejava o poder, mas havia divergências quanto às formas de obter isso. Thomas não era de se esconder nas sombras, afinal, o que era a fortuna sem a fama? Steele pagava bem, muito bem, mas era um trampolim para coisas maiores. Thomas sabia que seu trabalho sobre acessibilidade mental era importante e conhecia as aplicações disponíveis. Mas suas opiniões sobre a exploração disso eram definidas e inflexíveis.

Obtenha informações sobre políticos e figuras militares, mas use essas informações para informar sua estratégia financeira. Os políticos poderiam ser substituídos por pessoas como Thomas, por exemplo; os generais identificados como ‘na mensagem’ ou não. Uma ferramenta como esta poderia elevar o tipo certo de pessoa, o calibre certo de um homem. Thomas era esse homem. Um homem que nasceu para liderar e não para seguir alguém. Nem mesmo Charles Steele.

Steele estava ciente da ambição desenfreada de seu jovem e brilhante médico, mas não da extensão de seu domínio. Por ser um homem confortável nas sombras, ele não se identificava facilmente com um indivíduo que sonhava com a Presidência. Ele não precisava. Charles Steele não confiava em ninguém e fazia questão de saber sobre sua equipe, conhecer seus sonhos (às vezes literalmente) e antecipar suas ações. Portanto, não, ele não poderia antecipar os sonhos de Thomas de ser presidente, mas Ellen poderia; e fez.

O bar estava lotado, mas era difícil não notá-la. Linda, como sempre, Ellen estava relaxada e sorridente enquanto encantava o barman, ao mesmo tempo em que atraía os olhares dos homens no salão com facilidade. Thomas nunca a tinha visto no centro dos

holofotes antes, e ele estava lá com frequência, então seu interesse foi despertado. Seletivo o suficiente para desencorajar o mainstream, os holofotes eram descontraindo o suficiente para Thomas se misturar e conversar com as mulheres, eram sempre as mulheres que frequentavam o estabelecimento, com sua mistura habitual de fanfarronice e toques indesejados. Uma praga sexual limítrofe, ele era tolerado enquanto continuava a gastar somas ridículas de dinheiro; ele não era o único.

Ellen se virou para ele e sorriu, com seus olhos verdes brilhando na penumbra, convidando-o para ela. Thomas sentiu um nó no estômago quando alguns nervos começaram a se mostrar presentes, afinal, era Ellen, mas seu ego o forçou a continuar. Seu ego sempre o fez. Juntando-se a ela, ele se sentou na banquetta ao lado e acenou para o barman que lhe trouxe um uísque com gelo.

— E outra bebida para a senhora...

— Posso comprar minhas próprias bebidas — interrompeu Ellen ao sinalizar com voz brincalhona, mas Thomas se sentiu repreendido. — Então, é aqui que você passa suas noites? — ela continuou enquanto sua vodka dupla com gelo chegava.

— Não é como se fosse todas as noites. — Thomas disse rapidamente, sentindo-se na defensiva.

— Apenas na maioria das noites. Seu ponto de venda de luxo. — Ellen sorriu.

— Eu não o chamaria assim. — Thomas manteve o tom leve, mas sentiu que estava sendo atacado.

— Você não precisa, Thomas. Tenho olhos.

— Você tem belos olhos. — Ele estava desequilibrado, mas nunca perdia uma chance.

— Eu sei — disse Ellen de maneira tão natural que ele não tinha ideia de como reagir. Desequilibrado e desconfortável, ele foi forçado a pensar rapidamente e não era assim que ele agia. Ele estava irritado agora, quase furioso. Ellen deu um tapinha no braço dele. — Tá tudo bem, estou provocando você. Não há necessidade de perder as estribeiras.

— Não estou, quero dizer, não estou com raiva, por que estaria? — O encolher de ombros de Thomas foi rígido e pouco convincente.

Ellen levantou uma sobrancelha e balançou a cabeça lentamente enquanto se virava para o barman. — Traga outro para ele, muito gelo. — Então, olhou para Thomas. — Você realmente precisa esfriar a cabeça.

Thomas se sentiu ao mesmo tempo aliviado e estúpido, o que o fez querer começar de novo, parecer charmoso e no controle. Ele decidiu tentar. — Por favor, pode me dar licença? — Ele disse com um sorriso e caminhou até o banheiro. Uma vez lá dentro, jogou água no rosto e olhou profundamente no espelho. Este era o seu bar e este era o seu jogo; nada estava além ou muito longe dele, tudo e todos estavam ao seu alcance. Ele sorriu para si mesmo e gostou do que viu. — Você é o cara, Thomas.

Ellen esperou, bebendo sua vodka e checando seu elegante relógio. Com o canto do olho, viu Thomas retornar com um olhar de nova determinação em seu rosto enquanto caminhava decididamente em direção a ela. Ela era especialista em ler as pessoas, mas Thomas era um livro aberto, o que arruinou a diversão e a persuadiu a agir rapidamente.

Thomas sorriu ao se sentar e terminar seu uísque com um gole; ciente de que ele tinha uma segunda bebida intocada. Ellen sorriu e mais uma vez consultou seu relógio enquanto falava. — Você mora perto?

Thomas quase engasgou com a bebida e teve que tomar outro gole do segundo copo para limpar a garganta.

— O quê? — ele finalmente perguntou.

— Você mora aqui por perto? Quero que me leve para casa. Sua casa.

— Claro. — Thomas sorriu, mas sua mente estava a mil por hora. Ele virou o segundo copo e estendeu a mão ao se levantar. — Por favor, venha comigo.

Ellen se levantou, alta e reta em seus calcanhares, e caminhou em direção à porta, ignorando a mão estendida. Thomas ergueu a mão, ajeitando o cabelo em uma tentativa desajeitada de evitar o rubor. Não teve sucesso e foi desnecessário, pois poucos haviam notado ou se importado. No entanto, Thomas sabia que o gesto era

apenas para ele; outro golpe para mantê-lo fora de equilíbrio. Ele também sabia que estava funcionando.

A viagem de volta para sua casa foi rápida e silenciosa. Agora, Thomas estava escolhendo suas palavras cuidadosamente, enquanto Ellen sentia que não havia nada a acrescentar. Uma vez dentro de casa, Thomas se sentiu mais confortável. O apartamento impecável e moderno era seu orgulho e alegria e nunca deixava de impressionar; quase nunca.

Ellen via o modernismo minimalista como um reflexo preciso de Thomas. Caro, mas vazio de qualquer coisa verdadeiramente valiosa. Quando ele ligou uma música e desapareceu na cozinha para pegar um pouco de vinho, Ellen olhou para o relógio e sorriu. Lentamente, ela puxou o zíper na parte de trás do vestido e o deixou cair, saindo dele assim que atingiu o carpete. — Anda logo — ela sussurrou para si mesma.

Thomas quase deixou cair os óculos ao voltar, com toda a sua postura recém-adquirida desfeita, ao ver Ellen parada, de calcinha. Ele não foi o primeiro homem a ficar tão afetado por essa visão.

— Eu realmente preciso saber por que você teve uma reunião com o General Hall. E com quem mais? — Ellen disse suavemente, mas claramente, com seus olhos fixos em Thomas enquanto seu rosto mudava de admiração para medo e confusão. Ela notou o olhar vítreo e deu um passo à frente para pegar os óculos enquanto ele dava um passo arrastado à frente. Colocando as bebidas para baixo, ela o guiou para o sofá enquanto suas pernas dobravam e ele caía para trás como se estivesse bêbado. — Lembre-se de suas conversas sobre o negócio... todas elas... lembre-se de mim e lembre-se delas — Ellen sussurrou em seu ouvido enquanto seus olhos se fechavam.

As pílulas foram facilmente colocadas em sua bebida enquanto ele fugia para o banheiro, o momento menos propício, especialmente porque ele estava dirigindo. Mas, como de costume, seu planejamento e seus instintos se mostraram corretos. Ela sabia que tinha que plantar alguns pensamentos em sua cabeça e sabia que um forte estímulo para acompanhá-lo era um bom marcador. Daí a perda da roupa. — Homens são tão fáceis. — Ellen riu

enquanto colocava o vestido de volta e se deitava. Ajustando o alarme do celular, ela tomou uma pequena pílula branca e tomou um gole de vinho. Inclinando a cabeça para trás, ela esperou pelo sono e pelos sonhos dele.

Ela não sabia exatamente a importância da informação para Steele, mas sabia que era importante. Esta era uma área estratégica na qual ela não estava envolvida, então ele era apenas outro enigma para decifrar, mas ela sentiu o peso de seus pensamentos. No entanto, esse quebra-cabeça resolvido foi um problema criado para Steele, embora não sem uma resolução. Outra de suas características era a habilidade de agir de forma decisiva e rápida; era uma qualidade que muitas vezes achava que faltava nos outros e nunca conseguia entender por quê.

Thomas voltou para seu apartamento no final de um dia agitado, mas insatisfatório. Trabalhar para melhorar sua droga estava se mostrando inútil, mas ele esperava isso. Ter sido tão bem-sucedido foi além da expectativa, além da crença de várias maneiras. No entanto, ele não estava preocupado com a falta de progresso, ou mesmo com o fato de o verdadeiro nível de sua genialidade não ter sido anunciado. Não, ele estava acostumado com aqueles ao seu redor sendo incapazes de entender a enormidade de suas realizações; afinal, esse não era um dos inconvenientes de ser tão talentoso?

Seu desapontamento se deveu à falta de progresso por parte do Sr. Steele, um homem que ele agora suspeitava de não ter nem um pouco da imaginação e ambição necessárias. Dois anos no projeto e ele ainda não se aproximava das metas óbvias para uma venda ou financiamento adicional. Exército, Marinha, CIA, FBI, Segurança Nacional? Pelo amor de Deus, eles ainda nem haviam falado com um oficial de saúde. Se havia um grande plano em ação, ele não o via, e estava ficando claro que alguém precisava assumir o controle. Ele precisava assumir o controle do que era, no fim das contas, seu próprio trabalho.

Pegando o vinho da geladeira, ele encheu uma taça e afrouxou a gravata enquanto se dirigia para a sala. Colocando o vinho na mesa, ele estendeu a mão para seu sistema de som de \$10.000, parando

ao sentir uma corrente de ar frio nas costas. Olhando através da sala, ele viu que suas janelas francesas estavam abertas; as cortinas balançavam suavemente quando a brisa as atingia.

— Mas o quê? — Thomas ficou congelado no local, tentando entender a situação quando uma figura alta surgiu à vista. — Mas que diabos...?

— Chiiiiu! — O homem, bronzeado e magro, ergueu a arma e apontou-a para Thomas, com o dedo nos lábios. Thomas não pôde fazer nada além de olhar, buscando respostas nos olhos negros do homem. Frios e sem piscar, eles não lhe disseram nada, mas gelaram até as espinhas. A arma, a primeira que ele vira tão de perto, parecia um brinquedo; de alguma forma muito pequena e limpa com seu longo silenciador. Então começou a cair a ficha para ele.

— Pegue o que quiser, só não me machuque. — Enquanto ele falava, o medo interior crescia e uma onda de pânico tomava conta dele. Ele percebeu que estava tremendo enquanto sua realidade se revelava totalmente.

— Você não está me roubando, está? Você não tem máscara. E isso não é uma arma de ladrão, um terno de ladrão. — O homem balançou a cabeça, ainda sem nenhuma emoção em seu rosto.

— Então, o que você quer?

— Nada, Thomas, nada.

— Claro, você me conhece, por que não? Isso não é coincidência, é?

— Não, Thomas, não é. Eu não acredito em coincidências. E você?

— Eu... bem, eu não sei se eu já pensei sobre isso. — A voz de Thomas começou a falhar, e ele podia sentir uma lágrima calorosa escorrendo por sua bochecha. — Você está aqui para...?

— Sim, Thomas, estou aqui para matá-lo. O Sr. Steele queria que eu dissesse a você que ele é extremamente grato pelo seu trabalho. Ele o considera brilhante. Ele o considera bastante brilhante; ou pelo menos ele acha que você era.

— Eu não entendo.

— Ellen. Você se lembra da Ellen?

— Claro, conheço Ellen, o que ela tem a ver com qualquer coisa?

— Você realmente acha que uma mulher assim iria querer algo com um homem como você?

— Eu não entendo. — Thomas soluçava agora, com sua voz suplicante e derrotada.

— Ela dormiu com você para te ler. Veja para onde você estava indo. Você estava se afastando de nós, dando uns amassos por conta própria.

— Eu não fiz nada.

— Nos poupe. Sabemos que você falou com o General Hall.

Os olhos de Thomas se arregalaram de incredulidade quando a informação lhe foi dada.

— Como você poderia saber...? Você usou meu trabalho... contra mim. — O homem levou um dedo aos lábios novamente.

— Chiiiiu! Já chega.

Sabendo que não havia argumento, Thomas caiu de joelhos, com lágrimas caindo enquanto sua voz tremia de medo. — Por favor, por favor, não faça isso. Você não precisa fazer isso. Eu posso te pagar; posso pagar o dobro do que o Sr. Steele está pagando a você. Vou embora e você nunca mais me verá.

— Eu sei que não vou. — Dois estalos agudos soaram, abafados, mas distintos, quando Thomas caiu de lado no carpete. O homem esperou um segundo, observando enquanto o sangue se acumulava na cabeça do morto, olhando como se suspeitasse que ele pudesse ressuscitar. Depois de alguns segundos, ele se virou e atravessou as portas, fechando-as com cuidado, como se quisesse evitar perturbar o cadáver.

A PERSEGUIÇÃO

ENCURRALADO

Ellen observou Andrew entrar na sala e aceitar seu convite para se sentar. Ela viu a ansiedade estampada em seu rosto, mas resistiu à tentação de relaxá-lo com um sorriso. Abrindo o arquivo à sua frente, ela colocou os óculos e se recompôs. Andrew queria olhar para qualquer outro lugar, estar em qualquer outro local, mas conseguiu olhar para frente, para Ellen, assustado com seus movimentos lentos e deliberados. Quando ela finalmente ergueu os olhos novamente, Andrew ficou surpreso com a intensidade de seus olhos. Os óculos pareciam acentuar o poder de sua aparência e só aumentavam o desconforto dele.

— Obrigada por vir, Andrew. Acho que ambos sabemos por que te chamei aqui.

— Sabemos?

— Ah, por favor, quer mesmo jogar este jogo?

— Não é um jogo no que me diz respeito. Eu realmente gostaria de saber o que está acontecendo.

Ellen fez uma pausa e revirou os olhos enquanto olhava para o céu. Ela sentiu sua raiva aumentando e lutou para se controlar.

— Lembre-se com quem você está lidando, Andrew, lembre-se de como te encontrei. Estou sendo gentil com isso, ou pelo menos tentando. Há outros que não terão o mesmo tratamento.

Andrew iria falar, mas o olhar dela o silenciou. Sua mente disparou quando ele sentiu as paredes se fechando sobre ele. Ele estava preso e não tinha escolha.

— A garota?

Ellen sorriu. — Assim está melhor. Sim, a garota. Aquela no bar. A garota na tela.

— Eu estava curioso. Não quis fazer mal algum.

— Talvez não, mas temos regras aqui. Evitar contato é uma delas. Além disso, há também o pequeno problema de sua invasão ao meu escritório. Isso é tão obviamente errado que nem precisa

estar nas regras. Um dos pecados capitais, Andrew. Que diabos você estava pensando?

O sorriso havia deixado seu rosto agora e ela parecia genuinamente perplexa.

— Eu a vi no bar e sabia que não poderia falar com ela, então quis conhecê-la melhor.

— Eu sei que você a viu no bar, verifiquei as câmeras e sei que você veio aqui. Sei que assistiu ao pequeno striptease dela, como uma espécie de tarado. Eu sei todos os detalhes, todos os delitos. Tenho uma decisão a tomar agora, mas gostaria de perguntar uma coisa.

— O quê?

— Por que ela?

— O que você quer dizer? — Andrew não pôde disfarçar sua confusão com a pergunta.

— Quero dizer, por que essa garota? Você deve ver garotas o tempo todo neste lugar. Fora daqui, em todos os lugares, então por que esta? Por que você agiu tão estupidamente por causa dela?

Andrew ficou em silêncio, com os lábios comprimidos com força e a testa franzida. Ele não havia considerado o por quê? Houve pouco tempo para tal, mas também parecia não haver necessidade. À medida que sua mente disparava, ele viu a impaciência e a raiva crescendo em Ellen.

Não pensei. Eu só queria saber mais sobre ela, precisava vê-la mais.

— Você certamente viu mais dela.

— Não, não desse jeito. É difícil explicar, mas assim que a vi, senti que precisava saber mais. Eu tinha que vê-la de novo, se não aqui, em algum outro lugar. Ela é linda, muito linda, mas há alguma coisa a mais nela.

— Alguma coisa?

— Sim, não sei o que é, mas é poderoso. Só aquele olhar no bar já foi o suficiente.

Ellen encarou Andrew pelo que pareceu uma eternidade, sem piscar e silenciosa. De parte do rapaz, ele sabia que precisava esperar, mas temia ter falado demais. Por fim, ela respirou

pesadamente e olhou para a papelada mais uma vez. Andrew sabia que isso poderia ser o fim de tudo e algo o forçou a se manifestar.

— Temos uma conexão, algo forte, algo diferente.

— Uma conexão? O que você quer dizer? — Ellen estava genuinamente interessada agora e, quando seus olhos verdes brilhantes se fixaram em Andrew, ele se sentiu compelido a continuar.

— Eu sonhei com ela, senti ela, me tornei ela quando fui dopado para o projeto. Foi vívido e forte, como nada anteriormente. Eu a conheço.

— Você definitivamente tomou sua pílula, a pílula certa? — Ellen perguntou.

— Tenho feito isso por tempo suficiente para saber o que fazer. Foi como sempre, funcionou normalmente. Eu dormi feito uma pedra; sem sonhos ou consciência, meus pensamentos estavam voltados para outra pessoa. Então, em algum momento, começou. As imagens dela dentro da minha cabeça. Foi notável.

— Parece que sim. — Enquanto falava, Ellen fazia algumas anotações em seu livro e por um momento se perdeu em pensamentos. — E isso aconteceu uma única vez?

— Uma vez até agora — disse Andrew. — A conexão era forte; não sei se são necessárias pílulas.

— E isso só aconteceu com Maria? — Ellen perguntou.

— Sim. — Andrew nunca havia considerado isso acontecendo com mais ninguém.

— Por enquanto, guarde isso para si mesmo, é notavelmente interessante, mas por enquanto não muda nada. Neste arquivo, tenho uma ficha de relatório. Um relatório que vai diretamente para o Sr. Steele. Você sabe quem ele é, não sabe?

— Ouvi a respeito.

— E o que você já ouviu falar?

— Ele é o dono, não é? Do tipo recluso, não?

— Ele é o dono, sim. O resto é fofoca de gente que não conhece nada. O que posso dizer é que ele está interessado em tudo aqui. Especialmente as violações das regras. Também posso dizer que ele não é gentil com isso.

— Então, vou ser mandado embora?

— Mandado embora? Se você tiver sorte, Andrew. O Sr. Steele tem outras penalidades.

— Outras penalidades? Então, o que eu faço? — Andrew parecia zangado agora, com a tensão do evento pesando sobre ele; a conversa em círculos.

— Acalme-se. Nunca levante a voz para mim, entendeu? Estou tentando te ajudar aqui. — Ellen se acalmou e se levantou, alisando a saia escura enquanto se movia para a janela. — Tenho que apresentar um relatório, mas a extensão deste relatório ainda está para ser decidida. Gosto de você, Andrew, e não gostaria que nada de ruim lhe acontecesse. É por isso que proponho um acordo, se você considerar. Que tal?

— Continue.

— Vou dizer ao Sr. Steele que você tentou entrar em contato com aquela garota. Mas vou explicar que você foi impedido de fazer isso e que foi punido. Vou explicar como você é um bom colaborador para nós e por que não deve ser mandado embora. Não vou mencionar que você veio aqui. Vou pedir permissão para continuar, mas já vou logo avisando que ele pode não concordar.

— E o que eu tenho que fazer? Presumo que essa generosidade tenha um preço, não?

— Você fará o que eu disser para você fazer quando eu disser para você fazer.

— Mas fazer o quê?

— Por enquanto, seu trabalho. Amanhã ou na próxima semana, quem sabe? Mas quando eu pedir, não será um pedido, será uma exigência que precisará atender. Entendido?

— Acho que sim.

— Não quero achismos, Andrew. Entendido?

— Sim, sim, entendido.

— Ótimo. Ah, e não chegue perto dela, a garota. Não se aproxime ou tente chegar perto dela nunca mais. Se eu notar você fazendo isso, enviarei todo o relatório ao Sr. Steele e deixarei que ele cuide disso.

Andrew assentiu em concordância, mas seu rosto exibia sua fúria abertamente.

— Ah, não me olhe desse jeito. Não estou pedindo nada de você, não necessariamente. Isso está muito além de simplesmente manter um emprego que você realmente não tem ideia. Com o tempo você vai perceber o quão gentil eu fui com você, agora saia daqui e vá para casa. Direto para casa.

Andrew se levantou, empurrando a cadeira com raiva, enquanto caminhava até a porta. Agradecer a ela? Ele não via por que diabos ela merecia qualquer agradecimento; ela estava quase o chantageando e para quê? Batendo a porta atrás de si, ele sentiu uma pressão familiar, como uma faixa apertando em volta de sua cabeça. Ele nunca foi bom em receber instruções sobre o que fazer.

PURO DESEJO

Olhando fixamente para a porta verde, Maria estava paralisada. O que fazer agora? Seguir em frente ou recuar? Olhando para trás, ela podia ver muita atividade ao redor do balcão da recepção, mas ninguém parecia estar olhando para o corredor. Lentamente, e tentando parecer o mais natural possível sem chamar a atenção, ela caminhou para frente. O corredor de repente pareceu cheio de perigos invisíveis e seu coração disparou. Seu corpo inteiro estava tenso e ela mal respirava, mas se sentia puxada para a frente.

Não havia como negar que havia um elemento de excitação nisso tudo, mas isso não era familiar em muitos aspectos. Sua única experiência de tamanha descarga de adrenalina não foi nem dela mesma. Ela sentira que Andrew estava sentindo isso, embora ele parecesse curtir mais do que ela agora. Ele parecia procurar isso. Ao chegar a apenas alguns metros da porta, ela prendeu a respiração e parou. Parecia um silêncio total e ela temia ser descoberta, mas estava tão perto... Um passo, dois e lá estava ela. Seu coração estava prestes a explodir.

Virando a cabeça lentamente, ela colocou o cabelo preto atrás da orelha enquanto o pressionava contra a madeira fria. Seus lábios se separaram e ela lentamente permitiu que o ar escapasse de seus pulmões; agora ela respirava uma série de arfadas silenciosas em staccato. Além da madeira, ela ouvia vozes abafadas. Uma era claramente feminina e, pelo que ela pôde entender, tinha a ver com uma garota. Ela? Ela escutou e, pela primeira vez, ouviu a voz dele, lenta e baixa, era difícil de entender. Ela tentou ao máximo ouvir mais.

— Com licença, Senhorita. — O coração de Maria quase parou quando ouviu a voz atrás dela. Ela se virou, tentando recuperar o fôlego.

— O que está fazendo aí?

Desesperada para não ser ouvida dentro da sala, Maria se moveu em direção ao homem de uniforme escarlate com passos rápidos e suaves. Com um sorriso largo no rosto, ela permitiu que seus quadris balançassem de forma exagerada e arregalou os olhos para encará-lo. De pé, muito perto, ela esvoaçou os olhos e mordeu o lábio enquanto o observava, satisfeita em ver o rubor subindo do pescoço dele até as bochechas.

— Sinto muito, qual é o problema?

— Bem... er... senhorita, você não pode andar por aqui. Não sozinha.

— Este não é o caminho para o bar? — Maria se inclinou um pouco e sorriu novamente, um sorriso radiante que iluminou seus olhos e fez o funcionário do hotel suar.

— Não, Senhorita. O bar é do outro lado. Para a esquerda, depois da mesa. — O homem apontou para trás como se não conseguisse desviar os olhos de Maria. Ela continuou a sorrir para ele, certificando-se de que esta seria a memória do homem, então finalmente ela olhou para a mesa.

— Ah, posso ver. Sou tão boba, mas às vezes só tenho um momento de burrice. — Com isso, ela riu de maneira tão exagerada que temeu ter estragado a encenação. Porém, ela não precisava se preocupar. O homem de quarenta e poucos anos estava cativado e já se virando para mostrar o caminho com um sorriso estúpido no rosto.

— Você não é nada boba, Senhorita, por favor, permita-me mostrar o caminho.

Embora seu instinto fosse fugir, ela permitiu que o homem a levasse ao bar; percebendo então que ele não era o único a suar. Ela realmente poderia precisar de uma bebida.

SEM CONVITE, SEM IMPRESSÃO

Olhando através do banco de telas, o Sr. Steele tentou parar de escanear todas e se concentrar em uma só. Como crianças em lojas de doces, ele tinha muitas opções e seus olhos vagavam enquanto sua mente lutava para acompanhá-lo. Há quatro anos em seu esquema, ele ainda não havia se cansado desse lado das coisas. Embora suas visitas pessoais tivessem diminuído um pouco, ele ainda assim estava animado com elas. Uma pena que não foram as melhores notícias que o trouxeram aqui. Na verdade, raramente era.

O relatório de Ellen não era motivo de preocupação, já que ela havia lidado com o ocorrido e explicado por completo. Era apenas uma dúvida persistente que ele sentia. Uma sensação de que havia algo nas entrelinhas que ele havia perdido. Uma sensação de que estava tudo muito arrumado. Um sentimento que foi encorajado pelo Sr. Paul. Ele era um homem que desconfiava de muitos sentimentos, mas sabia que era tolice ignorá-los. Normalmente ele perguntaria a Ellen, mas desta vez era ela que ele queria examinar; então, nada para se preocupar, mas algumas dúvidas permaneciam mesmo assim.

Enquanto ele permitia que sua mente refletisse sobre as coisas, seus olhos encontraram uma mulher de quarenta e poucos anos saindo do chuveiro. Impressionado com sua figura elegante e bem definida, ele não pôde deixar de balançar a cabeça diante de sua nudez. Embora satisfeito consigo mesmo com este show, ele não entendia como ela podia ser tão aberta na frente das câmeras. Como não poderia considerar que eles estavam lá? Ela simplesmente não se importava? Essa era uma atitude com a qual ele não tinha empatia. Ele via isso como uma impropriedade que estava abaixo de si, adequada apenas para membros inferiores da sociedade. No entanto, ele observou. O nível de desgosto que ele sentia só aumentava sua excitação.

— Sr. Steele? Não esperava encontrá-lo aqui. — Ellen ficou parada na porta, incapaz de disfarçar sua surpresa, mas rapidamente recuperando a compostura. — Deveria ter me dito que estava vindo; Eu teria preparado uma recepção adequada.

— Minha recepção foi boa, obrigado. E quando foi a última vez que contei sobre meus planos de visita? — Ele sorriu ao terminar de falar, com a mesma voz controlada de sempre, mas Ellen podia sentir sua intenção abaixo da superfície, seu perigo.

— Então, Sr. Steele, o que posso fazer por você?

— De fato, o quê? Deixe-me pensar por um minuto enquanto você me prepara uma bebida.

— Ah, claro, uísque e gelo.

— Ótimo, você se lembra.

— Claro que sim. Aqui está.

— Obrigado. Estive assistindo o show aqui. Divertido como sempre.

— Como não poderia, senhor, o lugar é seu. — Ellen tentou rir naturalmente enquanto se sentava para encarar seu chefe. Foi então que ela notou a figura silenciosa, mas imponente, encostada na parede, logo atrás da porta. Ela estava tão nervosa que não o havia notado até agora.

— Não ligue para o Sr. Paul, Ellen. Ele não se importa muito com o show aqui, mas está profundamente interessado no negócio. Não é, Sr. Paul?

Olhando para o homem alto e de pele escura com olhos negros e frios, ela agora tinha certeza de que deveria se preocupar. O Sr. Paul sempre viajava com o Sr. Steele, mas geralmente não comparecia às reuniões. Ele não costumava ter seus olhos de aço fixados em Ellen. Ela decidiu não prolongar mais a agonia.

— Sr. Steele, o senhor me conhece bem. Conhece minhas qualidades e o motivo pelo qual me contratou. Não preciso ver o Sr. Paul para saber que o senhor está incomodado com alguma coisa aqui. Qual é o problema?

— Essa é a minha Ellen, sempre lendo a situação. Pelo menos é o que espero.

— Não entendi.

— Espero que tenha lido os casos como sendo meus, Ellen. Espero que você esteja tomando decisões de acordo com nossos melhores interesses, meu melhor interesse. Você ainda está comigo?

— Sim, claro que estou. Por favor, fale para mim. O que está te preocupando, Sr. Steele.

Recostando-se em sua cadeira, ele girou para encarar Ellen, olhando-a diretamente nos olhos. Quando ela encontrou seu olhar diretamente, ele sorriu brevemente e então tomou um longo gole de uísque; sua intenção claramente era deixar sua funcionária ainda mais nervosa. Precisamente colocando o copo na mesa, ele limpou a garganta antes de falar.

— Esse tal de Andrew, você gosta dele?

— Ele é um trunfo para o hotel.

— É mesmo? Um trunfo?

— Ele é...

— Espere, eu não terminei. Esse 'trunfo', como você o descreve, como ele é como homem? Como você o vê como um homem?

— Como um homem?

— É uma pergunta simples. Você gosta dele como homem?

— Suponho que gosto dele o suficiente. Não penso nele dessa maneira.

— Ora, ora, Ellen. Não tenho a pretensão de entender as pessoas da mesma forma que você, mas acho que está claro que essa resposta não está correta.

— Sr. Steele, aonde quer chegar? Andrew é um funcionário e isso é tudo.

— Isso está ficando chato, Ellen. Chato e insultante, para ser honesto. Agora me escute e ouça com atenção. Se Andrew fosse apenas um funcionário, seu relatório teria me contado como você o demitiu. Você o manteve de propósito.

— Ele realmente é um trunfo para nós, por isso que eu não o demiti. No entanto, deixei claro que seu comportamento era inaceitável.

— O relatório diz que ele entrou no seu escritório. Meu escritório. Deus sabe o que ele viu ou o que pode saber sobre a operação.

— Ele não sabe nada, confie em mim.

— Esse é o problema, não tenho certeza se devo confiar em você.

— Depois de todos esses anos? Bem, obrigada. Ah, e se tivesse lido meu relatório, teria visto que ele estava apenas procurando por uma garota; ele não tem interesse no hotel. E também...

— E o que mais? — O Sr. Steele sorriu ao ver que estava indo direto ao ponto.

— Há algo mais, algo que eu queria te dizer frente a frente. Pensei em coletar evidências adicionais antes...

— Antes de eu dar as caras?

— Sim, em parte. Mas eu queria ter certeza. — Ellen sabia que não havia como voltar atrás agora.

— Então? — Steele se recostou na cadeira e abriu os braços, acolhendo a nova informação.

— Andrew se conectou a essa garota. Duas vezes em duas visitas. Mesmo que eles não estivessem próximos. Uma conexão forte e vívida que a faz procurá-lo. Ambos podem ser particularmente receptivos.

— Ora, ora. Isso é realmente interessante. Não acha, Sr. Paul? — O associado silencioso acenou com a cabeça, mas fora isso não demonstrou nenhuma emoção. Ellen ia falar novamente, mas Steele continuou.

— Você me leva ao meu próximo ponto. A garota.

— O que tem ela?

— Ele arriscou muito para conseguir dar uma olhada nela. Quero ver do que se trata tanto alarido.

Ellen ergueu as sobrancelhas e estendeu a mão na frente das telas.

— Temos uma ou duas câmeras.

— É bom que façamos isso para que eu possa ver as coisas por mim mesmo e isso servirá para começar, mas eu quero conhecê-la.

— Sr. Steele, sabe que não posso forçar um hóspede a conhecê-lo.

— É mesmo? E você está dizendo que não pode ou não quer?

— Vou ver o que posso fazer. — Ellen suspirou e se levantou de seu assento, tentando desesperadamente esconder sua raiva. — Vou mandar uma cópia das fitas para o senhor.

— Faça isso, Ellen. Não quero ter que pedir ao Sr. Paul para falar com a jovem. Ah, e não fique de mau humor.

Steele se levantou e abotoou o paletó, com seu rosto se transformando numa máscara vazia mais uma vez. Um último olhar para as telas além de Ellen e ele caminhou até a porta. — Sr. Paul, estamos indo embora.

A figura silenciosa e intimidadora se moveu para abrir a porta, mas seus olhos perfuraram Ellen, olhando-a de cima a baixo com uma expressão de desgosto.

Uma vez no carro, o Sr. Paul quebrou o silêncio.

— Eu estava certo. Há algo mais acontecendo aqui.

— Uma 'conexão especial', foi o que ela disse, não foi? Bem, isso é algo que vale a viagem. Por que tinha tanta certeza? — Steele sempre suspeitou, mas sentiu que o Sr. Paul o havia pressionado nessa questão.

— Eu também tenho talentos especiais.

— Talentos especiais, sério? Bem, você manteve isso incrivelmente bem guardado. — Steele riu, mas estava ciente de que o Sr. Paul não se juntou a ele. — Quero dizer, você mantém tudo bem guardado.

— Falo quando algo precisa ser dito e, neste caso, nos serviu bem. — O Sr. Paul estava claramente irritado. Steele não gostou do tom.

— Eu vi algo que precisava ser investigado. Você, bem, você concordou. Então, se isso é um talento, então você realmente é especial. — Steele não pôde resistir à farpa.

— Mais do que você imagina. — O Sr. Paul quase sussurrou, mas foi claro o suficiente para Steele ouvir. O resto da viagem foi percorrida em silêncio enquanto o Sr. Paul se lembrava do primeiro encontro deles.

TALENTOS OCULTOS

Como ele já tinha uma janela para as mentes dos outros, o Sr. Paul se sentia um pouco desconfortável com todo o exercício das jornadas oníricas. Parecia ordinário e, mais importante, fácil demais. Por que um João Ninguém deveria experimentar esse dom, o seu dom? Ele ainda estava cético quando Thomas Pearce revelou que sua pesquisa havia trazido resultados inesperados. Mas, depois de ouvir aqueles que relataram suas experiências pessoais, ele não teve mais dúvidas. Os detalhes, os sentimentos estranhos que não pertenciam, mas foram observados com atenção. A mistura de horror e euforia. Ele se lembrava de como se sentia.

Os experimentos iniciais com os convidados se tornaram um fascínio para o Sr. Paul, embora ele se sentisse desconfortável com a ciência. Ele se preocupava em colocar produtos químicos em seu sistema quando já tinha um portal que funcionava, embora de forma inconsistente. E se as pequenas pílulas tirassem dele o que davam aos outros? Ele começou a passar mais tempo no hotel, a 'observar as coisas', como disse a Ted Carter, mas nunca ficou claro o que estava a observar.

Ele alugou um quarto nos aposentos dos funcionários por algumas noites. O quarto de Ellen, para ser preciso, e foi quando eles se conheceram. Felizmente, ela foi avisada por Ted enquanto observava o Sr. Paul trazer sua pequena bolsa para dentro do prédio, então ela o encontrou no corredor.

— Precisa de um quarto, Sr. Paul? — Ellen falou enquanto ele alcançava a maçaneta do quarto dela.

— Tenho um bem aqui, obrigado. — O Sr. Paul não se virou, mas permaneceu imóvel.

— Esse é o meu quarto. — Ellen manteve um tom agradável, embora estivesse longe de estar contente. — Talvez eu possa encontrar outro para você?

— Não precisa, este servirá muito bem. — Agora ele se virou, com os olhos escuros arregalados acima de seu sorriso de tubarão. — É o seu quarto quando você está no local...

— E aqui estou eu — Ellen interrompeu.

— Mas eu também. — O Sr. Paul deu um passo à frente; os olhos dele se estreitaram em concentração.

— Entendo que você deseja evitar as câmeras. Aquelas que você ajudou a colocar aqui. Mas temos outras acomodações onde isso é possível. Ficarei feliz em encontrar para você um quarto extremamente confortável. — Ellen sorriu, mas não foi correspondida.

— Tem razão, Srta. St Peters, quero evitar as câmeras que coloquei aqui. É por isso que eu quero este quarto. Os outros são, digamos, menos seguros.

— Fiz questão de me certificar de que todos os quartos dos funcionários não tivessem câmeras. Eu insisti. — A raiva de Ellen era óbvia, mas controlada.

— Não é sobre o que você quer. É sobre o que precisávamos. — Enquanto falava, o Sr. Paul parecia intrigado, aborrecido. — As câmeras são extremamente limitadas e com backup apenas para emergências, então se isso significa muito para você, irei para outro lugar.

— Fique com o quarto. Temos bons faxineiros. — Ellen sabia quando uma discussão era inútil. Virando-se, ela se afastou rapidamente. O Sr. Paul ficou olhando para ela, com o rosto contorcido e dolorido.

— Não consigo lê-la — ele pensou. — Ela não deixa nada, nenhum vestígio. Impenetrável.

Ellen caminhou para fora e respirou fundo. Ela sabia que não adiantava insistir com os comparsas de Steele, especialmente com este homem. Ela já havia experimentado a sensação de homens desprezíveis despindo-a mentalmente, mas o Sr. Paul parecia estar tentando despojá-la de seu próprio ser. Doeui-lhe a cabeça e revirou-lhe o estômago. Ela precisava ficar longe dele, e rápido.

Ela sentiu o perigo dele, mas essa intensidade era outra coisa que a assustava muito mais. Quem era esse homem? O que era

aquilo que emanava dele? Parecia que ele estava drenando a positividade dela. Enquanto ela tentava clarear a cabeça, ela recebeu a companhia de Ted Carter.

— Presumo que tenha conhecido o Sr. Paul, não?

— Sim. Sim, eu o conheci. — Ellen estava tentando desesperadamente recuperar a compostura. Ela não queria que Ted a visse desgrenhada.

— Ele faz isso com as pessoas. Desequilibra, deixando-as desconfortáveis. — Ted suspirou. — Ele é perigoso e...

— Sombrio, ele é sombrio, Ted. Você está certo, ele desequilibra as pessoas, mas agora estou com os pés firmes. Estou preparada para ele, então não se preocupe comigo. — Ellen se endireitou e respirou fundo, sorrindo enquanto acrescentava. — Sei como posso lidar com ele agora.

— Não duvido que sim, Srta. St Peters, mas você, nós, ainda precisamos ser cautelosos. O Sr. Steele eu entendo, mas o Sr. Paul? Não tenho ideia do que ele realmente quer. — Ted parou quando Ellen levou um dedo aos lábios e falou baixinho.

— Não discordo de você, Ted, mas nunca discutiremos sobre esses homens. Não aqui. Agora, qual é a sala de funcionários mais próxima da minha?

O Sr. Paul se sentou na ponta da cama e inspecionou o quarto. Cuidadosamente, ele colocou o sedativo que havia pegado do laboratório de Thomas Pearce na mesa de cabeceira. Levantando-se, ele caminhou lentamente pelo quarto, arrastando o dedo pelas superfícies como se estivesse procurando poeira. O que ele queria era ver se o contato poderia aproximá-lo daquela mulher. Não funcionou.

Ele parou por um momento e, em seguida, verificou se a porta estava trancada. Olhando para os cantos e espelhos, ele se contentou com a ausência de câmeras, posteriormente se firgindo para as gavetas e guarda-roupas. Ao tocar nas roupas delas, em seus objetos íntimos, ele sentiu um arrepio, mas esse era um desejo primitivo além de qualquer compreensão. Ele reservou um pouco de água e voltou para a cama, demorando um segundo antes de

engolir o sedativo e se deitar, com os braços cruzados como se estivesse morto.

FAZENDO CONTATO

O Sr. Paul nunca teve problemas para dormir, mas a pílula o fez cair no sono de forma rápida e profunda. Mergulhado em um redemoinho de vozes e imagens, era quase avassalador, e ele sentiu enjoo. Ele teve que se concentrar até encontrar uma imagem para focar; uma chinesa, Soo-Li, sorriu ao montar um grande cavalo preto, trotando por um campo aberto. Enquanto ele olhava, ela reagiu à sua presença.

— Quem é você? E de onde você veio? — Soo-Li estava claramente sonhando, mas isso parecia real.

— Você me vê e me ouve, então por que se importar com quem eu sou? — De repente, o Sr. Paul se tornou um fã da viagem.

— Isso é diferente, isso é errado. — Soo-Li sentiu que algo não estava como deveria ser, ela sentiu a presença do Sr. Paul.

— Ao acordar, pergunte na recepção por Ted Carter. Diga a ele que o Sr. Paul quer o quarto por mais uma noite. Entendeu? É especialmente importante. — Ele a encarou com um olhar que esperava que permanecesse com ela, junto com sua mensagem. Ele tinha que saber o quão real isso era.

— Entendi. — Soo-Li se sentia mais acordada do que em um sonho agora enquanto memorizava a mensagem.

— Bom, vou deixá-la cavalgando então. — O Sr. Paul relaxou a mente e, como se tivesse desligado um telefone, ele se foi.

Soo-Li acordou assustada, com uma mensagem enigmática girando em sua mente. Ela saiu da cama e se vestiu rapidamente; isso não foi nada divertido. Fazendo uma pausa para verificar se havia aparelhos no quarto que pudessem ter reproduzido mensagens, ela saiu rapidamente. Os dispositivos estavam lá, mas em nenhum lugar ela os encontraria e, de qualquer maneira, como isso explicaria a figura? Era difícil acreditar que ela pudesse inventar uma figura tão horrível e, se assim fosse, por que ele teria um nome tão comum? Ela correu para a recepção.

— Posso falar com o Sr. Ted Carter? — Já era tarde, mas juntamente com todos os novos hóspedes, ele permanecera no turno da noite.

— Senhorita, posso ajudá-la...? — Ted perguntou calmamente.

— Sou a Soo-Li, mas isso não é importante. Disseram-me para lhe dizer que o Sr. Paul quer o quarto para mais uma noite. Agora, eu não aprecio esse tipo de jogo estúpido, ou este lugar estúpido. Isso não é o que chamo de ter um bom momento. — Soo-Li estava claramente perturbada.

— Sr. Paul? Bem, obrigado pela mensagem e sinto muito que tenha sido uma experiência desagradável para você. — Ted também estava perturbado, mas concentrado em apaziguar a hóspede. — Sinto muito, Srta. Li; procuramos sempre oferecer o melhor serviço. Não há garantias com este novo empreendimento, mas não deve haver dissabores.

— Sinto-me violada.

— Por favor, senhorita Li, não consigo expressar minhas desculpas o suficiente, mas tenha certeza de que não será cobrado um centavo pela sua estadia. Além disso, a qualquer momento que você desejar ficar hospedada novamente, será por conta da casa.

— Novamente?! Acho que não vai rolar, agradeço por não cobrar, mas francamente. Mais uma estadia! — Soo-Li riu enquanto deixava cair a chave sobre a mesa. Você é bem-vindo a este lugar.

Enquanto observava a hóspede infeliz ir embora, Ted pensava no que havia acontecido, no que o Sr. Paul poderia ter feito. Ele olhou para o relógio e se perguntou se deveria acordar Ellen. Nada sobre isso parecia bom. Se ele soubesse mais sobre o 'novo empreendimento', teria ficado muito mais perturbado.

Ellen havia caído em um sono profundo, o sedativo fazendo seu trabalho. Não era algo que ela havia planejado fazer, não naquela noite, mas seu encontro com o Sr. Paul mudou as coisas. Tomando o quarto mais próximo e supondo que o Sr. Paul verificaria a mercadoria, por assim dizer, ela estava apostando em ver algo do homem por trás daqueles olhos negros.

O Sr. Paul espiou pela janela do armazém abandonado, observando enquanto a chuva batia contra a vidraça rachada. Ele

acendeu um cigarro, algo que não fazia há muitos, muitos anos, e jogou o fósforo no chão.

— Por que não facilitar as coisas para você mesmo? Apenas me diga como você me bloqueia. — Ele ria enquanto falava, lembrando que havia amordaçado a mulher. Virando-se, caminhou lentamente até a figura amarrada a uma cadeira, de costas para ele. Gentilmente, ele desatou o nó e puxou o lenço da boca dela, tirando um tempo para examinar seus cabelos loiros ainda presos. Inclinando-se, ele acariciou a parte de trás de seu cabelo, respirando o perfume que fez sua pele arrepiar. Ela puxou a cabeça para frente para fugir de seu toque, mas não havia para onde ir. Ele colocou as mãos nos ombros dela e sentiu como se a eletricidade corresse por suas veias. Ainda assim, ela permaneceu em silêncio.

— É algo que você pratica? Uma agilidade mental para manter as pessoas longe de seus pensamentos. Como aprendeu isso? Você tem algo a esconder? Aposto que sim. — O Sr. Paul andava de um lado para o outro enquanto levava o cigarro à boca, tragando-o profundamente. — Se os cigarros sempre tivessem um gosto tão bom, eu teria mantido o hábito. Você fuma? Quer que eu pegue um pra você?

O silêncio continuou. Nenhuma voz, nenhum pensamento.

De volta à janela, ele respirou o ar úmido e a nicotina enquanto jogava a bituca na chuva. Ao se virar, ele vislumbrou seu reflexo na janela, exceto que não era ele, mas uma mulher que olhava de volta. Ellen. Ele parou, mas então era seu rosto novamente. Caminhando rapidamente para a frente da cadeira, ele se inclinou enquanto cuspiava suas palavras.

— Está brincando comigo? Tentando entrar na minha cabeça? Responda-me, Ellen! — A raiva estava aumentando agora, e o silêncio vazio só o deixava mais furioso. Ela estava o deixando irado e agora tentando entrar em sua cabeça. — Então, você quer me conhecer melhor? Cuidado com o que você deseja.

A adrenalina pulsava enquanto ele passava uma mão afiada no rosto de Ellen. Parando apenas para ver como sua cabeça voltou a encará-lo, com sua bochecha vermelha e brilhante. Ele sentiu a excitação percorrer seu corpo, a emoção e a sensação de

expectativa. Prendendo a respiração, ele balançou o braço novamente, tentando ouvir o doce som de um grande tapa.

Ellen acordou sobressaltada e se sentou suando.

Jogando as cobertas para longe, Ellen se moveu rapidamente para o chuveiro e ficou debaixo do poderoso spray de água tentando lavar a memória. Ela havia acabado de ter um vislumbre do Sr. Paul, e era mais do que perturbador. A alegria da violência, a facilidade de seu ódio, um ódio que tinha um sabor adocicado para ele. Sua misoginia, ousada e explícita, alimentava sua doença. O horror de ser o objeto de suas sombrias emoções, sentindo sua excitação enquanto a machucava. Este homem estava além de tudo o que ela temia e algo que ela era incapaz de imaginar.

Depois, houve aquele momento, o olhar fugaz quando ele a viu. Quão rápido ele foi em reconhecer a presença dela, em tentar falar com ela. E havia o conteúdo de seu sonho, ela o bloqueando. Ela sabia que tinha conseguido manter suas emoções e intenções escondidas, mas bloquear? Ela não estava ciente de que ele precisava ser bloqueado. Ele tinha alguma nova pílula que permitia algum tipo de acesso quando consciente, ou era um talento natural?

Secando-se rapidamente, ela vestiu as roupas e saiu dali, entrando no carro e deixando o hotel. Uma vez na estrada, ela apreciou o espaço e abaixou a janela enquanto acelerava, com o vento ajudando a afastar a sujeira de sua mente.

O Sr. Paul estava acordado e zangado, pois não havia previsto uma intrusa, não havia pedido por uma. Ele estava irritado consigo mesmo por não antecipar a possibilidade, mas ainda mais furioso com o fato de que a mulher havia planejado isso. No lado positivo, ele sabia que poderia aprimorar suas próprias habilidades, mas isso precisava da confirmação de Ted. Pegando o telefone, ele ligou para a recepção.

— É o Ted?

— Sim, Sr. Paul, aqui é o Sr. Carter.

— Eu tenho alguma mensagem? — Enquanto falava, o Sr. Paul consultou o relógio e percebeu repentinamente que era improvável que a chinesa já tivesse acordado.

— Bem, não havia nenhuma mensagem para você, mas havia uma mensagem enviada por você. Uma mensagem para mim, para te marcar para outra noite. Eu não sabia que você conhecia a Srta. Soo-Li. — Ted Carter estava cada vez mais confuso com os acontecimentos noturnos e matinais.

— Excelente, excelente. — O humor do Sr. Paul melhorou imediatamente. — E a Srta. St. Peters, ela já acordou?

— Ah, a Srta. St. Peters não está aqui, senhor. — Ted achou que não era da conta do Sr. Paul.

— Não está aqui ou não está mais aqui? A que horas ela saiu? — O Sr. Paul sorriu ao sentir o desconforto de Ted.

— Realmente não saberia dizer, senhor, só sei que ela não está aqui. — Ted realmente queria que a ligação acabasse.

— Você realmente saberia, Ted, você simplesmente não quer. Não se preocupe, eu tenho a minha resposta. — Ao desligar, pensou em como agir. No entanto, ele estava confiante de que não havia pressa. Ela fazia o trabalho dela, ele fazia o dele e, na maioria das vezes, seus caminhos não se cruzavam. A melhor coisa seria conhecê-la, suas habilidades e alianças, e aguardar seu tempo. Ele tinha muito tempo.

Ellen estava sentada em uma cafeteria, com um terceiro café forte na mão. Ela estava com raiva e desapontada por ter agido de forma tão imprudente; impulsionada por sua reação ao Sr. Paul, conduzida pela emoção. Isso estava fora do personagem e pouco profissional e ela nunca poderia permitir que isso acontecesse novamente. Ela não deveria demonstrar emoção, mas parecer lúcida e totalmente focada. Especialmente diante do Sr. Paul. Ela nunca poderia saber o quão importante ele seria em seu futuro, quão importante seu próprio conselho.

LEALDADES DIVIDIDAS

Ela se sentiu de volta ao sonho dele, esbofeteada e chocada, vítima de suas emoções. Serviu-se de um uísque, quebrando outra de suas pequenas regras, e caminhou até a janela enquanto sua mente girava. Andrew, por que ela não o demitiu? E Maria, o que ela tinha feito para arriscar uma visita do Sr. Paul? Ela veio aqui como convidada, sua convidada, e agora estava potencialmente em perigo.

Terminando a bebida rapidamente, ela colocou o copo na mesa com um estrondo e foi até sua mesa, sentando-se com toda força enquanto pressionava o interfone.

— Sarah? Traga-me o arquivo de Maria Roman. E uma cópia dos registros visuais dela.

Recostando-se, ela se lembrou da visita de Andrew que havia causado isso e do striptease que ele assistira ilicitamente. Ela sabia como o Sr. Steele reagiria a esta fita e isso a deixou arrepiada.

Ellen considerou as notícias que havia compartilhado. Um casal hiper-conectado, potencialmente, era importante, mas ela queria mais tempo. Um pouco mais de espaço para considerar se as possibilidades eram verdadeiras e, deixando de lado a intuição, havia mais evidências necessárias. Sentindo o perigo, Andrew a forçou a agir. O Sr. Steele estava intrigado, como deveria estar, e agora estava concentrado em olhar para Maria.

O último pensamento foi interrompido, substituído por pânico e pavor. O Sr. Steele mostrou interesse em Maria, mas não mencionou se encontrar com Andrew. Isso não foi um erro, Steele era muito meticuloso para isso, mas significava que qualquer visita seria por parte do Sr. Paul; e tendia a não ser uma longa conversa. Ela tinha que escolher um lado agora, mas a escolha já havia sido feita quando ela discou o número dele. O tempo havia passado, talvez muito tempo, mas ela precisava tentar.

O telefone tocou e tocou, mas ninguém atendeu e a ligação caiu na caixa postal.

— Droga, Andrew, você nunca atende o telefone? Olhe, assim que receber essa mensagem, ligue para mim. Não volte para sua casa, faça o que fizer. Não posso explicar muito, mas você corre grande perigo e há um homem vindo atrás de você. Afaste-se e fique escondido por um tempo enquanto tento entender tudo isso. Tá, tchau e me ligue, ok?

Ao desligar o telefone, ela ficou irritada ao descobrir que seu pânico não havia diminuído nem um pouco. Ainda assim, ela precisava falar com Maria, embora desta vez fosse cara a cara.

— Sarah, preciso sair um pouco, tenho meu celular comigo, mas agradeceria se você não tentasse entrar em contato, a menos que seja urgente.

— Sim, Senhorita St Peters.

Ellen mal ouviu a resposta enquanto saía, contente por estar ao ar livre e se afastando de suas preocupações.

FAZENDO A LIMPEZA

O telefone de Andrew tocou e vibrou sobre a mesa, acordando-o do seu sono desconfortável no sofá da sala. Sentando, ele se espreguiçou, tentando endireitar as dobras em seu pescoço enquanto bocejava, com seus olhos piscando para tentar se concentrar. Meu telefone?

— Deixe isso para depois. — Uma voz lenta, quase monótona, interrompeu Andrew enquanto ele se inclinava em direção ao telefone. — Apenas procure se sentar aí e eu cuidarei disso. — Recostando-se lentamente, Andrew moveu a cabeça ao redor, tentando avistar seu visitante.

— Mantenha sua cabeça para frente, por favor, você me verá em breve.

— Quem é você?

— Bem, não é a pergunta mais original, embora eu imagine que seja pertinente para você, não é? Contudo, isso realmente importa?

— Não para você, talvez. Mas eu gosto de saber quem está invadindo minha casa. Presumo que você tenha uma arma?

— Claro.

— Então, invadindo, armado e se comportando... bem... desse jeito. Claro que sim, quero saber quem você é!

— No tempo certo. — O telefone de Andrew apitou alto quando uma mensagem de correio de voz foi registrada. — Talvez deva ouvir isso primeiro.

Entrando no campo de visão, o homem pegou o telefone, com os olhos negros fixos em Andrew.

— Sua senha, por favor. Ou é identificação por impressão digital? Eu poderia arrancar seu dedo. — A diversão do Sr. Paul não foi contagiante.

— É um código. Nove, Oito, Quatro, Três. — Andrew estava ciente de que não havia sentido em prolongar a situação. O Sr. Paul clicou no correio de voz e permitiu que fosse reproduzido em voz

alta. Ele manteve o olhar fixo enquanto ambos ouviam os avisos de Ellen, erguendo ligeiramente as sobrancelhas e balançando a cabeça.

— Droga, Andrew, você nunca atende o telefone? Olhe, assim que receber essa mensagem, ligue para mim. Não volte para sua casa, faça o que fizer. Não posso explicar muito, mas você corre grande perigo e há um homem vindo atrás de você. Afaste-se e fique escondido por um tempo enquanto tento entender tudo isso. Tá, tchau e me ligue, ok?

— Andrew, onde diabos você está? Vê se me liga assim que receber esta mensagem.

— Andrew, isso está ficando chato. Pegue seu telefone e me ligue!

Quando a última mensagem terminou, o Sr. Paul largou o telefone de Andrew.

— Ellen, Ellen, Ellen. O que você fez? Eu sabia que você seria um problema.

Andrew estava determinado a não demonstrar fraqueza, mas agora estava com medo. Este homem estranhamente calmo esfriou a sala, cada movimento seu era uma ameaça velada. Se ao menos ele tivesse acordado mais cedo. Ele estava grato pelos avisos, mas qual era o sentido agora?

— Queria falar com você sobre os eventos recentes, para ver se estávamos perdendo alguma coisa. Para ver o homem 'especial' por mim mesmo. Mas esse é um ponto discutível agora. Ellen respondeu a perguntas nas quais eu não havia pensado e levantou mais do que algumas de sua autoria. No entanto, essas são para ela responder.

Quando o homem fez uma pausa e desviou o olhar por um momento, Andrew retesou o corpo para atacar.

— Não mova um músculo. Você estará morto antes de conseguir se levantar. — Ele olhava agora com uma intensidade que não deixava dúvidas sobre suas palavras. — Isso mesmo, sente-se no seu lugar. Então, o que há com você? O que faria Ellen jogar tudo fora?

Um breve sorriso cruzou seus lábios, trazendo alguma luz aos olhos por um momento. Em seguida, a escuridão voltou.

— Vou ter que me lembrar de perguntar a ela.

— Por que sou tão especial para você? Tão especial ao ponto de fazer você aparecer com uma arma e essa atitude — perguntou Andrew.

— Atitude? — O Sr. Paul estava genuinamente confuso.

— Vamos lá, a voz baixa e ameaças, os comentários enigmáticos. O que diabos eu fiz para te incomodar? — Andrew não conseguia esconder sua raiva.

— Você foi bisbilhotar em lugares que realmente não deveria — explicou o Sr. Paul.

— Eu apenas olhei para uma garota, pelo amor de Deus. — Andrew suspirou.

— Primeiro, seu relacionamento com aquela garota é diferente. Essa ligação que vocês têm pode ser importante. Em segundo lugar, não sabemos exatamente o que você viu ou sabe.

— Eu vi a garota. É muito simples. Uma garota em uma câmera colocada em seu quarto, não tenho orgulho disso, mas é isso. E a ligação? Pode haver uma, mas e daí? — Andrew estava exasperado.

— Você viu o banco de telas, então viu a garota, mas o que mais? Não sabemos. A conexão significa que você pode ser vital para o nosso negócio, pode ter visto coisas que podemos usar. O problema é que você deve ser confiável. O ato de espiar mostra que você não pode ser. — O Sr. Paul fez uma pausa, esquentando a conversa. — Você tem um dom, mas se não conseguirmos aproveitá-lo, outra pessoa poderá.

— Eu trabalho para você, de bom grado.

— Não, Andrew, você trabalha para Ellen St Peters. E ela está cuidando de você. — O Sr. Paul andava atrás de Andrew, mas a arma ainda estava apontada. — O Sr. Steele quer que você seja ‘falado’ e trazido de volta à linha, se possível. Acho que essa linha está cruzada. Muito cruzada por você e Ellen, então acho que você deveria ir embora.

— Tá, eu vou embora. — Andrew foi se levantar.

— Não, não, Andrew. Fique onde está. Quero que você vá embora para sempre. — Um leve som pareceu ecoar pela sala, quando a arma foi engatilhada.

FUGA

Ellen não conseguiu manter a calma ao jogar o carro na estrada, ao ponto de uma multa por excesso de velocidade parecer um assunto trivial. Ela tinha que ser rápida agora; ziguezagueando pelo trânsito enquanto verificava se estava sendo seguida. Mais do que isso, ela tinha que usar a cabeça, pensar com a mesma clareza como fazia antes dessa estúpida perda de juízo.

Maria inclinou a cabeça enquanto olhava para a foto; tentando vê-la a partir das perspectivas dos outros. Ela gostou, mas sentiu que um retrato do gato do vizinho poderia ter um apelo limitado. Qualquer coisa é melhor do que ficar obcecada com um sonho ambulante, certo? Ela sorriu para a foto. Mas seus pensamentos estavam em outro lugar, quer ela admitisse ou não. Todos os pensamentos foram deixados de lado quando a campainha tocou; outra vez, e de novo.

Abrindo a porta, ela mal teve tempo de registrar o rosto de Ellen antes que a mulher passasse por ela e entrasse no quarto, batendo a porta atrás dela.

— O que você pensa que está fazendo?!

— Graças a Deus você está em casa! Você precisa confiar em mim, Maria, mas arrume uma mala o mais rápido que puder, temos que ir embora.

— Ir embora? Fazer as malas? Isso é algum tipo de piada?

— Quem me dera estar brincando. Você está em perigo, e nós precisamos partir. Agora.

— Por que eu estaria em perigo? Por que eu deveria partir? Ah, e que diabos você está fazendo aqui?

— Olha, tem a ver com o Andrew. O Andrew do seu sonho, lembra? Eles o querem e, como vocês dois têm uma conexão, eles também querem você.

Ellen foi até a janela, espiando pelas cortinas de rede.

— Você está me assustando agora. Quem são esses ‘eles’ de quem você está falando? Que conexão posso ter com um cara que nunca conheci? E por que eu deveria confiar em você?

Ellen estava claramente irritada com a continuação da conversa, mas tentou se acalmar. Ela caminhou até Maria e colocou uma mão em cada ombro, com o rosto próximo enquanto explicava.

— Maria. Andrew tentou saber mais sobre você. Ele invadiu meu escritório para obter informações e para te observar. Mas meu escritório contém algumas informações especialmente importantes. Informações que pertencem ao proprietário, o Sr. Steele, e ele costuma ser muito protetor com elas. Ele teme que Andrew saiba de algo, e também está curioso sobre você. Atrair a atenção dele nunca é uma coisa boa.

— Então, o nome dele é Andrew, não Andy.

Ellen não conseguia esconder sua raiva agora. — Pegue algumas coisas e vamos dar o fora. Você pode pensar no seu amante no caminho. Ou seria melhor eu deixar você aqui? Isso, talvez, não tenha sido uma boa ideia.

Com os pensamentos girando, Maria encontrou alguma clareza nos olhos de Ellen; selvagens e assustados, eles a convenceram a ir. Uma pequena bolsa foi preenchida com alguns itens, e ela se permitiu ser conduzida para fora de casa e entrar no carro de Ellen. Com tamanha intensidade e foco, não demorou muito para que o carro voltasse a correr.

— Ei, eu agradeço por me tirar de casa, eu acho, mas não há necessidade de me matar na estrada.

— Confie em mim, sei o que estou fazendo.

— Confiar em você? Mais uma vez me pede para confiar em você. Mal te conheço e nosso único encontro consistiu em ameaças veladas.

— Eu não a ameacei; eu lhe dei alguns conselhos. Você saberia muito bem se eu te ameaçasse porque não seria velado.

— Ótimo, bem, isso me faz sentir melhor sobre tudo.

Maria notou que o maxilar de Ellen enrijeceu enquanto ela olhava para frente.

— Ellen, sinto muito. Não quero parecer ingrata por você vir me avisar, só que não consigo ver o que fiz de errado. No entanto, mesmo assim, estou aqui sendo conduzido em velocidade suicida, para longe de minha casa, com a ameaça de Deus sabe o que paira sobre mim.

— Maria, eu também sinto muito. Mas lembre-se de que eu não tinha a obrigação de contar nada a você.

— Agradeço sua ajuda, embora ainda não tenha certeza de que você realmente tenha me dito alguma coisa. É tudo uma série de frases enigmáticas e explicações opacas.

— É o melhor que posso fazer agora.

Maria parou por um momento e olhou para a paisagem que passava rapidamente.

— E quanto ao Andy, digo, Andrew? Você disse que eles estavam atrás dele, não disse?

Ellen parecia séria novamente e olhou para frente, sem falar. Maria abriu a boca para fazer a pergunta novamente, mas depois pensou melhor; sabendo que não era hora de insistir. De qualquer forma, das duas, apenas Ellen conhecia esse homem.

O silêncio se estendeu em uma pausa prolongada, com Ellen reduzindo gradualmente a velocidade e, embora ela soubesse que era melhor deixar o assunto Andrew de lado, havia outras perguntas.

— Então, para onde vamos?

— Tenho que ser honesta com você. Eu realmente não pensei muito à frente.

— Ok, bem, quando chegarmos onde diabos estamos indo, quanto tempo ficaremos lá?

Ellen sorriu e olhou; suas sobrancelhas estavam levantadas.

— Ah, ótimo! Sem destino na ida e sem tempo na passagem de volta. Existe uma passagem de volta com isso? — Havia uma pitada de pânico na voz de Maria, mas ela não queria demonstrar medo, para não se convencer. Ela tentou tornar o momento mais leve. — Eu teria embalado mais roupas íntimas se soubesse que iríamos para sempre.

Quase imediatamente ela desejou não ter falado.

— Se for por mais de alguns dias, você nunca mais precisará trocar de roupa.

Mais uma vez o silêncio reinou.

DESTINO

A campainha nunca havia soado tão alto, e Andrew estremeceu. Ele esperava que o próximo som fosse o último que ouviria. O homem fechou os olhos pela metade e balançou a cabeça quando a campainha soou novamente. Em seguida, mais duas tocadadas de campainha, acompanhadas por uma batida forte. — Andrew, sei que está aí, eu vi você estacionando seu carro. Eu te dei uma hora para arrumar suas coisas, mas agora é hora do acerto de contas. Vamos, pelo amor de Deus, abra.

Andrew olhou para a figura carrancuda, com seu coração batendo forte.

— Olha, ele não quer ir embora. Ele tem uma chave e, provavelmente, uma arma também.

— Livre-se dele então.

— Então, você pode me matar?

— Eu poderia matar vocês dois. Você agora e depois o seu amigo irritante.

A mente de Andrew disparou, e isso tinha que lhe dar algum tipo de oportunidade. Então a chave chacoalhou rapidamente na fechadura e a porta se abriu. O Sr. Riley, suando e xingando, entrou no impasse. — Que porra é essa, Andy? Por que você me fez vir...? — Quando o homem apontou a arma para o irritante, Andrew viu sua chance e se lançou com toda a força contra o assassino. O homem se ajustou para atirar, mas Andrew foi muito rápido e os tiros abafados apenas abriram buracos nas paredes.

— Puta merda, o que diabos está acontecendo? — Um Riley em pânico se virou e fugiu em direção à porta. — Vou chamar a polícia.

Andrew ouviu vagamente o comentário, mas sua mente estava fixa em seu oponente enquanto ele segurava a arma com a mão esquerda, tentando alcançar a garganta de Paul com a direita. Outro tiro estilhaçou uma janela quando ele aplicou toda a sua força, sentindo a respiração escapar do homem em suas mãos. Sabendo

que estava mais forte agora, ele socou uma, duas, três vezes e assim por diante. Golpes pesados para afastar a ameaça, punindo seu pretenso carrasco e drenando seu medo.

Ele parou quando a quietude o envolveu, liberando a figura capenga. De pé, ele olhou para o rosto ensanguentado e depois para as mãos cortadas e inchadas. Manchadas de sangue, estavam pegajosas e doloridas. As palavras de Riley foram registradas por ele. Polícia. Era melhor que ele não estivesse aqui quando eles chegassem, pois as perguntas poderiam revelar muito mais do que apenas seu visitante. Ele rapidamente passou as mãos sob as torneiras, secando-as antes de pegar sua jaqueta na porta. Ele estava prestes a bater a porta quando viu o telefone e a arma, então voltou para buscá-los. Uma última olhada no corpo e ele se foi.

A polícia não foi mais rápida nem mais lenta do que deveria, embora se pudesse entender sua ansiedade com o relato de tiros. Ainda assim, não foi a primeira vez, nem de longe. Não nesta cidade. Verificando através de portas e janelas não havia nada, nenhum som, nenhum movimento. Uma respiração profunda e eles se prepararam enquanto o primeiro oficial batia na porta.

— Polícia, abra! — Silêncio. — Ok. Um, dois, três.

Atravessando a madeira quebrada, os homens uniformizados entraram na sala, com as armas engatilhadas e prontos para a ação. Separando-se, eles começaram a busca pela cozinha e pelos quartos.

— Sargento. — Um oficial se ajoelhou junto à mesinha de centro, esperando a chegada de seu superior. — Dê uma olhada nisso. — Os dois homens observaram o sangue, fresco e úmido no tapete, enquanto os outros policiais completavam a examinação da cena. Por fim, o sargento se levantou. — O que quer que tenha acontecido aqui, eles se foram. Chame a perícia.

Outro caso de violência doméstica ou negociação do tráfico que deu errado. Mais um dia na cidade. Mais outro caso para arquivar.

O AMANHECER DA VERDADE

O Olympia Motel era o exemplo perfeito de funcionalidade suja. Camas de solteiro com lençóis cinza e uma colcha vermelha desbotada, um tapete que sustentava os pés de alguém por muito tempo e um fedor indefinível mal escondido pelo purificador de ar. Barato e desagradável, mas disponível e afastado. Ellen saiu do sinistro e deprimente banheiro e tentou erguer um sorriso fraco enquanto olhava para Maria deitada na cama oposta. Ela não conseguia gerar calor algum e Maria não esperava nenhum. Havia muitas outras merdas para se preocupar agora. Muita incerteza e medo. Ambas as mulheres se encolheram quando o telefone de Ellen tocou. Andrew?

— Você vai atender? Quem é? Ellen?

— Espere um pouco. É o número do Andrew, mas...

— Mas o quê? Atenda isso.

Ellen mordeu o lábio, percebendo agora que seu celular poderia ser rastreado, mas e se fosse ele?

— Alô?

Ellen, é você? Que merda está acontecendo?

— Andrew.

— Acordei e encontrei um psicopata com uma arma apontada para minha cabeça. É isso o que você quis me dizer sobre o Sr. Steele? Achei que você estava resolvendo o problema.

— Eu tentei, Andrew, mas avisei que ele poderia ter outras ideias.

— Eu entendi que ele ficaria zangado, mas me matar? Mas que diabos?

— Ele pode ser imprevisível.

— Jura? Entendi esse ponto com bastante clareza.

— Você precisa acreditar que fiz o meu melhor.

— Não é importante agora. Aquele psicopata que eles enviaram ouviu a sua chamada. Eles podem saber que você me avisou.

- O que você quer dizer?
 - Eu bati nele pra caramba. Não sei se ele está vivo.
 - Sr. Paul?
 - Isso eu não sei; ele não se apresentou. Um cara alto e magro, olhos pretos assustadores. Isso te lembra alguma coisa?
 - É ele. Você acha que o matou?
 - Eu não esperei para descobrir, mas como eu disse, bati muito nele.
 - Você não atirou nele?
 - Não, ao contrário de alguns de seus conhecidos, eu não sou um assassino.
 - Foi mal, não quis dizer isso. É que esse homem, Sr. Paul, é como a droga de um fantasma. Ele aparece do nada e não é facilmente morto.
 - Você olha para aqueles olhos e jura que ele era o diabo. Andrew ficou arrepiado ao se lembrar.
 - Onde você está agora?
 - Cerca de trinta quilômetros ao sul da cidade, em um posto de gasolina. E você?
 - Você está muito longe. Continue andando por mais 30 quilômetros até ver uma placa indicando o Olympia Motel. Entre e estacione seu carro na parte de trás. Em seguida, ligue pra mim e eu lhe darei o número do quarto. Eu tenho que ter cuidado aqui.
 - Todos nós temos. Vejo você em breve.
- Ellen desligou e foi até a janela, verificando com cuidado através das cortinas. Aliviada por não ver nenhum movimento, ela continuou olhando, perdida em pensamentos enquanto considerava a mudança de eventos. Mais do que mera suspeita, havia uma chance de que o Sr. Steele agora soubesse de sua conspiração. Ela também sabia que, se fosse esse o caso, o Sr. Paul, se estivesse vivo, viria buscá-la. Maria observou Ellen, mas logo sua curiosidade se tornou grande demais.
- Então, você vai explicar essa ligação?
 - Ah, me desculpe, há muito a considerar.
 - Foi o Andy?
 - Andrew, sim.

— E ele está bem? Você falou sobre atirar em alguém, um Sr. Paul? Quem é ele?

— Sr. Paul? Ele trabalha para o Sr. Steele na função de segurança, por assim dizer. Ele também arruma suas bagunças.

— Arruma?

— Ele garante que as pessoas fiquem quietas na maior parte do tempo, ou as silencia permanentemente.

— E ele veio atrás de Andrew?

— Sim, mas ele está bem.

— Ele veio para matá-lo?

— Sim.

— E ele quer me matar?

— Não sei, talvez. Você não fez nada de verdade.

— Pode apostar que não.

— É a mim que ele quer morta... Se ele sobreviveu ao espancamento de Andrew.

Maria se levantou e atravessou o quarto apertado, com os lábios apertados e a cabeça balançando. Por fim, ela parou e olhou diretamente para Ellen.

— Poderia parar de olhar pela maldita janela? Isso é loucura, loucura total. Como posso ter um homem atrás de mim? Um homem querendo me matar. Tudo o que fiz foi ficar em um hotel.

Ellen preparou uma réplica raivosa, mas então seu rosto suavizou e ela olhou para cima como se procurasse por respostas.

— É difícil de explicar. Mas o Sr. Steele tem gostos e desejos; ele não aceita um não como resposta. Ele sabia que Andrew havia assumido riscos para procurar por você e, portanto, queria te ver. Ele deixou claro que queria te conhecer. Eu já disse antes, não é bom atrair a atenção dele.

— E se ele não tivesse nenhum interesse em mim? Você parece ter tomado uma grande decisão sobre isso.

— Eu o conheço e posso ver você. Deveria se olhar no espelho um dia, Maria. Os homens gostam de você; eles gostam muito de você. O senhor Steele iria te querer muito. Eu estava tentando ser legal.

— Legal? — Maria estendeu as mãos enquanto olhava ao redor do ambiente sombrio. — Não duvido da sua sinceridade, posso ver o medo em seus olhos, mas você está dizendo que seu chefe pode me matar por eu ser 'muito bonita'?

— É mais complicado. — Ellen fez uma pausa enquanto considerava como isso poderia ser explicado. — O hotel é de propriedade do Sr. Steele, e ele não é um homem particularmente bom...

— Não me diga — Maria interrompeu.

— Ele possibilita os sonhos, as jornadas, as experiências. Mas o objetivo real é obter informações. Quanto mais poderoso for o homem ou a mulher, melhor. Pode ser um segredo ou um medo, um fetiche ou uma perversão desesperada, pode ser um desejo ardente. É surpreendente o que pode ser colhido de um sonho e o que pode ser usado. Mas e se você pudesse visar especificamente, em vez de apostar em uma chance, uma esperança de encontrar ouro? — Ellen parou quando Maria compreendeu.

Então Maria falou. — Entendi, eu acho, mas ainda assim, não consigo ver o que isso tem a ver com...

— Ele acha que você e Andrew podem atingir essa meta — Ellen interrompeu. Acharmos que vocês são especialmente talentosos e, com um pouco de ajuda, podem passar para o próximo nível. Vocês já estão em contato significativo.

— Ele quer pessoas especialmente dotadas, ele acha pessoas especialmente dotadas, então mata pessoas especialmente dotadas. Não faz sentido. — Maria se levantou e andou de um lado para o outro. Ellen sorriu diante do absurdo.

— Eu não diria que ele quer te matar; acho que não. Mas vai querer seus dons para ele. Para possuí-los, para ter você. Ele vai querer você em todos os sentidos. — Ellen esperou alguma compreensão de Maria, então continuou. — Ele desconfia de Andrew, e você está ligada a Andrew, mas ele sabe pouco sobre você, exceto seu dom. Eu só queria que você saísse da cidade por um tempo, caso o Sr. Paul viesse para ver o que você sabe. Ele não pediria com educação.

— E agora ele sabe que estamos fugindo e quer você morta? —
Maria disse notando o medo nos olhos de Ellen quando ela
assentiu.

VOTO DE SANGUE

Já havia muitos hematomas feios em seu torso enquanto ele enxugava pacientemente com uma toalha, embora o espelho lhe falasse mais de estupidez do que de dor. Mergulhando o rosto na água gelada mais uma vez, ele sentiu seu antigo eu retornar; ele sempre fora um curador rápido, mas não podia deixar sua reputação tão prejudicada por muito tempo.

Vestido com elegância, ele cobria os cortes com tiras finas de esparadrapo, os olhos escondidos atrás de óculos escuros. Isso servirá, pensou ele, não tão bem, mas aceitável; suficiente para evitar a atenção. Ele estava pronto para a abordagem e a perseguição. Ele abriu o celular e apertou a discagem rápida.

— Sr. Steele?

— Tem novidades para mim?

— Não que você queira saber, mas estou lidando com isso agora.

— O garoto, você falou com ele?

— Ele fugiu de mim, mas estou resolvendo isso. Você não precisa dizer nada, senhor, é a minha vida se eu não fizer. Mas eu prometo a você, o sangue dele. Pela minha honra, ele é um homem morto.

— Certifique-se disso.

— Ellen o advertiu.

— O quê?

— Eu ouvi o telefone dele. Ela deixou uma mensagem avisando-o.

— Onde ela está? — O Sr. Steele cuspiu sua pergunta furiosamente.

— Parece que ela fugiu. Vou encontrá-la.

— Ela está com ele?

— É possível.

— Jesus! O que há de errado com ela? Depois de todo esse tempo. Pelo amor de Deus, Ellen!

— Então, qual é a situação dela, senhor?

— Se você conseguir trazê-la aqui, faça isso. Eu gostaria de ter uma conversinha com ela. Mas esteja ciente de que a morte também lhe cai bem.

— Entendo.

— Certifique-se de fazer isso, ou esta é nossa última conversa.

O telefone desligou abruptamente. Isso não o incomodava, nem a raiva nem as ameaças, pois ele era mais duro consigo mesmo do que qualquer um. Que vida ele poderia ter se não corrigisse isso? Enfiando a mão na pasta, ele tirou a elegante pistola preta e o silenciador, aproximando-os do rosto.

— É hora de trazer seu irmão gêmeo de volta.

A mulher na recepção do Olympia Motel ficou surpresa com a aparência suja e levemente ensanguentada de Andrew, mas não ficou chocada. Pelos preços dela, era improvável que atraísse a realeza. Pegando o dinheiro dele, ela observou enquanto ele assinava, sorrindo para si mesma.

— Bem-vindo, Sr. Brown, espero que aproveite sua estadia. Talvez você queira se lavar quando chegar lá.

Andrew apenas sorriu o melhor que pôde e foi em direção ao quarto, procurando no bolso o telefone, mas mantendo os olhos no estacionamento. Ele quase relaxou agora, e a fadiga o acertou em cheio. As dores em seu corpo latejavam agora que a adrenalina havia diminuído e a tensão em sua testa pesava sobre seus olhos. Trancando a porta vinte e três atrás de si, ele olhou para o telefone, mas não tocou enquanto se deitava. Por um tempo, pelo menos, tudo isso poderia esperar. Suas pálpebras baixaram e permaneceram fechadas enquanto sua cabeça afundava no travesseiro.

Névoas escuras formavam redemoinhos, obscurecendo o mundo, e um forte vento frio soprou, gelando Andrew até os ossos. Quase cego na escuridão, ele se arrastou lentamente, com os braços estendidos à frente em busca de sinais de algo sólido. Isso era algum lugar e lugar nenhum, indistinto, mas de alguma forma

familiar. Então veio o cheiro. Enjoativamente doce, sugeria a morte e, embora Andrew não tivesse experiência nesse sentido, sabia que era disso que se tratava.

À frente dele, avançando, havia uma luz. Iluminando gradualmente o ambiente, trouxe à tona uma figura, o Sr. Paul, com os lábios curvados em um sorriso torcido.

— Olá, Andrew,

— Você!

— Sr. Paul é o meu nome. Você tem sorte em descobrir isso. Não costumo chegar ao ponto das apresentações.

A mente de Andrew disparou enquanto ele procurava entender esse sonho. Ele não sabia o nome desse homem, então havia inventado um? Por que o homem estava ciente de seu sonho? Por que era tudo tão vívido quanto as viagens do Hotel? Ele tentou se sacudir para acordar, mas essa experiência ultra-realista não mudava. O Sr. Paul se aproximou.

— Você realmente é especial, Andrew, tão receptivo, mas você não tem consciência disso.

— Como você pode entrar na minha cabeça? Você está... — Andrew foi interrompido.

— Sua habilidade me deixa entrar. Também tenho habilidades, e as melhores drogas que o Sr. Steele pode pagar. Com orientação, é surpreendente o quanto você pode fazer. Também sou especial, simplesmente diferente de você. — O Sr. Paul riu, mas não houve acolhimento. Em meio à confusão, Andrew ficou zangado.

— Especial? Você continua dizendo especial. O que isso quer dizer?

— Significa que você é útil. Perigoso. Isso significa que você pode entrar na cabeça das pessoas... desse mesmo jeito. Você e a garota, Maria, são inexperientes, mas cheios de possibilidades. Bem, ela é. Acontece que o seu tipo de especial é muito perigoso. Você quer entrar em muitas coisas que não são da sua conta. Esse é o nosso negócio. — Quando o Sr. Paul terminou a frase, um zumbido estridente invadiu os sentidos de Andrew. Seu telefone tocou. A figura do Sr. Paul começou a se desfazer em mil moléculas,

espalhadas pelo vento, dos pés à cabeça. Enquanto seu rosto permanecia, seu sorriso torto retornava.

— Obrigado pelo chamado de atenção, tenho pessoas para encontrar, pessoas para matar.

De olhos bem abertos, Andrew levou o telefone ao ouvido.

— Andrew, você deveria ter ligado. Por que não ligou?

— Ellen, acalme-se, eu ia... foi então que...

— Eu vi seu carro estacionar, então nada. Você tá bem?

— Não, não exatamente.

Houve um silêncio do outro lado da linha e Andrew começou a pensar que havia sido cortado. Então ela falou novamente.

— Tudo bem, tire uma hora para descansar, duas no máximo. Depois precisamos conversar.

— Valeu.

— Apenas durma um pouco.

— Dormir é a última coisa de que preciso. Vou tomar um banho e comer alguma coisa. Não vou demorar muito.

Ellen se sentou e olhou através da escuridão do quarto do motel como se houvesse algum panorama magnífico para explorar. Maria deitou na cama e tentou encontrar alguma distração no desenho do teto. O tempo todo o Sr. Paul acelerava o carro; seu telefone firmemente preso ao ouvido enquanto ele falava.

— Ouça com atenção, aqui é o Sr. Paul ligando em nome do Sr. Steele, seu chefe. Ele quer rastrear o celular pessoal da Srta. St Peters, e ele quer isso agora. Eu quero isso agora! Consiga isso para mim imediatamente e sem desculpas. — Ele desligou o telefone antes que o homem do outro lado pudesse responder. De que adiantava conversar com o pessoal do escritório agora?



O telefone de Ellen tocou apenas 45 minutos depois de ela ter falado com Andrew, mas não era ele quem estava ligando. Seu coração disparou ao reconhecer o número do Sr. Paul; ele estava

vivo. Sabendo que ele a estaria rastreando, ela se atrapalhou para desligar o telefone. Maria se sentou na cama.

— Quem era?

Ellen desviou o olhar novamente, perdida nos pensamentos.

— Quem era...?

— Era ele. O Sr. Paul. Ele está vivo e isso significa que ele está a caminho.

— Há muitas pousadas, casas, hotéis. Ele nem sabe se a gente fez uma parada. Somos uma agulha em um palheiro.

— Ele vai rastrear meu telefone. Ele vai tentar fazer isso com o seu também, então desligue.

Maria acatou o pedido imediatamente.

— Se você sabia disso, por que diabos não me contou antes?!

— Eu queria que Andrew fizesse algum contato. Depois, eu não sabia se o Sr. Paul estava vivo. Mas agora sei que está, e ele estará a caminho.

— Você tem certeza?

— Tão certa quanto a morte.

Ellen se levantou e balançou a cabeça lentamente enquanto se movia até a janela.

CONSEQUÊNCIAS

O silêncio era doloroso para Maria; dava muito espaço para pensar, muito tempo para o medo. Ela foi até o banheiro e jogou um pouco de água no rosto, dando um tempo para se olhar no espelho. Não havia nada físico para distinguir o ontem do hoje, mas sob sua pele a tensão era dolorosamente acentuada. O que diabos ela ia fazer? Esta era sua vida agora? Secando o rosto, ela caminhou lentamente de volta para o quarto apertado.

Ellen estava diante dela, alta e ereta, com uma expressão de determinação no rosto.

— Tenho que avisá-lo que Paul está a caminho.

— Quem?

— Andrew. Tenho que dizer a ele para vir aqui agora.

— Mas você disse que eles rastrearão os telefones.

— Eu sei disso. Não vou fazer uma ligação, então eles não terão como rastrear. Vou procurar o quarto dele.

— Você acha que é uma boa ideia ir lá fora? E, de qualquer modo, ele disse a você onde era o quarto dele?

— Ele estava um pouco distraído. Eu sei que deveria ter perguntado, mas não perguntei. De qualquer forma, nós duas o vimos. Você acha que a senhora da recepção vai se lembrar dele?

— Eu acho. Então, o que eu faço?

— Fique aqui, tranque a porta e, pelo amor de Deus, não deixe ninguém entrar.

— Ótimo. E justamente quando pensei que não poderia piorar.

— Não vou demorar, prometo, e todos juntos devem estar mais seguros.

— Tá, vá, mas não demore, por favor.

Parada na frente da porta, Ellen tentou se recompor. Ela respirou fundo e endireitou a jaqueta inconscientemente; um gesto reflexivo de quando ela precisava resolver algo complexo no trabalho. Suavemente, em silêncio, ela destrancou a porta e a abriu

lentamente, espiando enquanto o fazia. O estacionamento estava vazio e silencioso, a não ser pelo barulho do trânsito na rodovia. Ellen saiu e virou na direção do escritório, dando apenas alguns passos curtos até ouvir um clique.

— Indo a algum lugar?

Ela congelou, com o coração na boca, quando reconheceu a voz do Sr. Paul.

— Será que você estava procurando por mim? — A voz dele apresentava aquele famigerado tom monótono que a deixava irritada, mas desta vez também tinha um tom de zombaria. — Talvez não.

Congelada no local, ela buscou opções, mas não encontrou nada. Ela não podia fazer nada além de seguir suas instruções.

— Vire-se, Ellen. Pronto, assim está melhor; posso ver esses lindos olhos agora. Você realmente é uma mulher muito bonita, Ellen. Eu poderia olhar para você o dia todo, e posso, mas não aqui fora. Volte para dentro.

Ellen deu alguns passos à frente, olhando para a arma empunhada pelo Sr. Paul enquanto ele recuava. Ela passou pela porta, com a mente correndo atrás de ideias, mas ele não se deixou intimidar.

— Não, não, Ellen. Volte para o quarto 19. Sei onde estão hospedadas; as duas.

Ellen voltou para a porta e bateu com delicadeza. Lá dentro, Maria deu um pulo, verificando se havia colocado a corrente na porta. Ela prendeu a respiração quando a batida veio novamente.

— Eu sei que você está aí, garotinha. Então, pare de querer jogar esses seus joguinhos bobos e deixe-nos entrar. Diga a ela, Ellen.

Ellen se virou para o homem, um olhar questionador em seu rosto enquanto ela pensava em não dizer nada, mas com pânico e medo em seus olhos. Sua mão pairou como se fosse bater na porta novamente, mas o Sr. Paul já estava perdendo a paciência.

— Toc-Toc, alguém está aí? Ellen vai virar um cadáver se você não abrir.

Ellen ficou tensa com as palavras, mas podia ouvir o barulho da corrente e da fechadura. Do outro lado, Maria tremia ao abrir lentamente a porta lentamente. Contudo, ela mal abriu a porta antes de ser empurrada para trás quando o Sr. Paul forçou Ellen a entrar.

— Sentem-se, senhoritas. — O Sr. Paul sinalizou para a cama com o cano da arma. Então manteve o olhar fixo enquanto se dirigia ao banheiro, abrindo a porta com o pé. Acendendo a luz, ele sorriu para a penumbra semi-iluminada do quarto. Então, de cabeça para o lado, ele zombou novamente.

— Bem, dois de três não é nada ruim. Não é o que dizem?

Maria não pôde mais se conter.

— O que você quer?

O homem fez uma pausa em sua jornada ao redor do quarto para olhar para Maria. Ele a examinou lentamente, para cima e para baixo de seu corpo e então se aproximou de seu rosto. Sua língua brincava com seus lábios enquanto ele falava devagar.

— O que eu quero? Bem, agora que dei uma boa olhada, definitivamente quero você. Talvez aquele tal de Andrew não seja tão idiota assim, afinal? Mas, para responder completamente à sua pergunta, quero você e a Ellen. Ah, e o Andrew. — Ele fez uma pausa, mas não afastou a cabeça; ainda assim, por trás dos óculos escuros, ele encarava Maria. — E por falar em Andrew, onde ele está?

Ellen não estava contente em deixá-lo interrogar Maria. — Não sabemos. Você o viu por último.

— Ah, então você falou com ele. Ele está vindo para cá?

Ellen sentiu vontade de se torturar por ter sido tão estúpida ao dar informações.

— Sim, falei com ele, mas tudo que sei é que ele conheceu você e está indo embora.

— É mesmo? Mesmo sabendo que você está em apuros. Mesmo sabendo que ela está aqui?

— Por que se importar comigo? Sou apenas a chefe dele. E ele nem a conhece ou sabe que ela está aqui. — Ela fez o possível para falar com desdém, mas sua postura habitual a havia abandonado. O

Sr. Paul bateu com o cano da arma no queixo algumas vezes e depois apontou para Ellen e Maria, uma de cada vez.

— Ele se importa. E ele a conhece, ou pelo menos a viu, e quer conhecê-la. Riscos estúpidos foram assumidos por todos vocês, então não o vejo abandonando vocês duas agora. E desde o nosso primeiro encontro concussivo, temos conversado bastante. Ele sabe que é especial agora. Sabe sobre ela também. Ele não sabe por que isso importa, mas percebi que, como ele é um homem morto, não era tão importante informá-lo sobre assuntos corporativos.

— Você o viu de novo? — Ellen estava confusa.

— De certo modo, sim. Tomei algumas de suas pequenas pílulas verdes e descansei meus olhos por um tempo. Ele é mais fácil de rastrear do que rádio FM, especialmente quando está assustado. Conversamos por um tempo até que você, acho que foi você, ligou.

— O Sr. Paul fez uma pausa quando um pensamento ocorreu. — Será que ele está perto? O contato foi muito forte.

Ellen olhou para Maria e flagrou seus olhos assustados quando ela olhou de volta. Ela iria falar, mas não tinha ideia do que dizer agora. Olhando para o Sr. Paul, ela deu de ombros.

— Suponho que vocês duas servirão para começar. Vamos para o meu carro.

AUSENTE

Na terceira vez, a máquina de venda automática finalmente aceitou a nota de Andrew e colocou uma barra de chocolate na bandeja. Ao pegá-la, ele deu um passo para o lado, fora de vista, e comeu o chocolate avidamente. Não era muito, mas serviria por enquanto. Enquanto amassava o papel e jogava no lixo, ouviu uma porta de carro bater, depois outra. Olhando para fora, seu coração afundou. Dentro do carro, ele viu primeiro Ellen e depois Maria. Por fim, a figura inconfundível do Sr. Paul. As garotas olhavam para frente, assustadas e chocadas, enquanto seu pretenso assassino estava sentado no banco de trás, tão despreocupado quanto um homem sendo levado para um passeio de domingo.

De volta ao seu quarto, ele verificou o celular, mas não havia mensagens para avisá-lo. Com o telefone no bolso, ele escancarou a porta e correu para o carro, com as mãos se atrapalhando com as chaves. Assim que o motor pegou, ele pisou fundo no acelerador e segurou enquanto seus pneus cantavam e soltavam fumaça. Ele contou com os reflexos de outros motoristas enquanto seguia para o trânsito, atravessando as pistas enquanto impulsionava seu veículo para frente.

Forçada a dirigir, Ellen fez o possível para enviar algum tipo de mensagem, batendo a porta em uma demonstração fingida de raiva e esperando atrair a atenção de alguém com o barulho. Maria havia captado a ideia e agora estava sentada à direita de Ellen, esperando em silêncio. O Sr. Paul não tinha palavras próprias para acrescentar ao vácuo da conversa; em vez disso, ele olhava para frente através de seus óculos escuros, com a arma segurada frouxamente, mas com segurança em seu colo. Ele não sabia ou se importava com o lugar onde Andrew estava naquele momento. Não tinha certeza se Andrew estava ciente da situação ou se estava seguindo; ele certamente não olhava para trás para ver. Ele só esperava que estivesse. Esperava que ele viesse e viesse logo. Esse mesmo

pensamento fez com que seus lábios se abrissem em um meio sorriso. Ellen olhou pelo espelho retrovisor e essa grotesca paródia de alegria a deixou arrepiada até a espinha.

Os cerca de trinta quilômetros ao norte da cidade eram um trecho implacável quase sem características de uma via expressa. Pousadas e lanchonetes competiam com um posto de gasolina decadente pela atenção de motoristas cansados; mas este era um ambiente de paradas curtas e nenhum lugar para viver. Era sombrio, mas significava que o tráfego só podia seguir em linha reta; a principal escolha se resumia a qual pista pegar. Era uma área que Andrew conhecia bem e não demorou muito para que o carro que ele procurava estivesse à vista. Agora ele podia desacelerar um pouco, agora podia traçar um plano.

Tendo visto o sorriso e sentido a repulsa e o medo, era estranho que ela ainda o observasse; mas Ellen foi atraída por um fascínio doentio. O Sr. Paul estava atento aos olhares de Ellen e aos de Maria, que usava cada superfície reflexiva para checar a parte de trás constantemente. Ele não perdia nenhum detalhe.

— Você mal consegue tirar os olhos de mim, Ellen.

— Você está sentado atrás de mim com uma arma. Esse tipo de coisa chama minha atenção.

— Sim, sim, posso perceber. E esse é o seu raciocínio, Maria? Ou você está gostando dos meus encantos?

— Encantos? — Maria balançou a cabeça ao sentir que era melhor não dizer mais nada.

— Sim, encantos. Mas então você não me conhece tão bem assim, não como a Ellen. Ainda não.

Foi Maria quem sentiu o calafrio desta vez. O homem tinha a habilidade de adicionar arestas às palavras, quase como se estivesse corrompendo a própria linguagem. Ela olhou de novo para a janela e para o reflexo dele, não encontrando nenhum conforto em sua ameaça passiva.

— Para onde estamos indo? — Ellen sentiu que precisava falar de novo.

— Apenas dirija, Ellen. Eu direi a você para onde ir e quando. Vai saber quando chegar lá.

— Isso é útil.

— Eu deveria estar ajudando você? — Com isso, ele apontou a arma para a nuca de Ellen. — Isso mesmo, feche sua bela boca e dirija. Você perdeu o direito de me interrogar há algum tempo.

CAÇADA; CAÇADO

Quer fosse a intenção do Sr. Paul ou a estratégia de Ellen, não havia como o carro quebrar qualquer limite de velocidade. Foi fácil segui-los e não foi muito difícil ficar escondido seis ou sete carros atrás, mas por quanto tempo? Para onde ele estava sendo levado e quanto tempo levaria para chegar lá? A realidade era que Andrew não tinha ideia do que fazer quando chegasse lá, então, por enquanto, o tempo era seu amigo. Enquanto cruzava em sua perseguição, ele abriu o porta-luvas e pegou a arma. Colocando-a no banco do passageiro, seus olhos permaneceram vidrados nela por mais tempo do que o necessário. Ele se concentrou na estrada novamente balançando a cabeça. — Sempre me perguntei se conseguiria usar uma arma. Parece que vou finalmente descobrir.

— Pegue a próxima saída à direita, Ellen.

Ellen dirigiu o carro pelas faixas e saiu à direita, enquanto seus olhos procuravam sinalizações.

— Vocês devem estar animadas agora, meninas, estamos quase lá. Vire à direita novamente.

O carro virou em uma pista densamente arborizada e Ellen procurou por sinais de vida. O resultado potencial da situação também não passou despercebido por Maria.

— Aonde você está nos levando? Apenas nos diga, pelo amor de Deus.

— Chiiiiu! — Mais uma vez, a careta sem humor que disfarçava um sorriso. De novo, a frieza que tocava a alma. Agora seja uma boa menina e vire. Você realmente é adorável, mas agora não é o momento de apreciar sua beleza.

Maria virou e olhou para suas mãos trêmulas. O que aconteceria? Ela iria morrer? Ela olhou para fora e tentou avaliar a velocidade do carro. Seria possível pular fora? O carro estaria lento o suficiente para que ela pudesse fazer isso e ainda se levantar para

correr? Ela procurou a maçaneta da porta, movendo a mão direita lentamente.

— Não faça isso, Maria. Você sairá do carro em breve.

No reflexo da janela, ela podia ver a arma apontada a apenas alguns centímetros de sua cabeça. Gentilmente, ela colocou as mãos de volta em seu colo.

Andrew estava seguindo a uma distância discreta, mas ficou preocupado e frustrado quando os viu fazer a curva na pista. Como poderia segui-los até lá sem ser visto? Ele segurou o carro na entrada da via e esperou. Ele havia decidido dar-lhes cinco minutos, mas não suportou esperar mais do que dois. Entrando com o carro na estrada acidentada, ele começou a entrar em pânico. Será que este assassino matava mulheres? Era uma pergunta redundante, mas Andrew precisava se alimentar de dúvidas. Ele continuou dirigindo com uma crescente sensação de pânico.

A viagem pela estrada secundária durou menos de cinco minutos, mas pareceu uma eternidade para as duas mulheres; uma vida inteira. Foram raras as vezes em que grandes portões pretos tiveram um efeito tão edificante sobre as pessoas, mas ambas acharam difícil não sorrir quando viram o grande edifício mais adiante. O Sr. Paul levantou a mão em direção à câmera de circuito interno montada acima do interfone e os portões se abriram lentamente.

— Bem, senhoritas, aqui estamos. Estacione perto da porta e saiam devagar.

Ellen diminuiu a velocidade, ouvindo o crepitar do cascalho sob os pneus, e parou o carro na imponente porta preta. Antes que ela pudesse se mover, a porta preta se abriu e dois homens, grandes e carrancudos, emergiram. O Sr. Paul deslizou pela porta dos fundos com uma arma na mão e casualmente sinalizou para as duas mulheres.

— Leve-as para dentro.



Andrew viajou o mais devagar que seus medos permitiram, mas não havia muito para onde ir, e não demorou para que ele pudesse ver a traseira do outro carro à distância. Ele diminuiu a velocidade, com medo de ser visto, então parou. Sua visão não era aguçada, mas ele podia ver as luzes de freio vermelhas brilhantes mostrando que eles haviam parado. Parecia um sinal de alerta. Ele observou quando os portões pretos na frente deles se abriram e, ao longe, ele pôde ver um grande prédio antigo. Logo eles desapareceram quando os portões se fecharam. Engrenando a marcha, ele tirou o carro da estrada e se enfiou entre algumas árvores; o portão não seria seu ponto de entrada.

Uma vez dentro do prédio, o Sr. Paul ficou parado enquanto as mulheres eram levadas embora, observando suas cabeças virando para um lado e para o outro, observando cada curva e movimento de quadril. Com o apetite aguçado, ele teve que se forçar a se afastar de seus desejos e se reorientar. Ele foi para a sala de segurança e um familiar banco de telas. Desta vez, elas capturavam tanto do lado de fora quanto do lado de dentro, embora ele previsse que ambos seriam úteis. Diante das telas havia um homem examinando cada uma delas.

— Algo lá fora?

— Além de você, está tudo quieto. Ocasionalmente, pessoas pegando o caminho errado, como sempre, mas nada digno de nota.

— Bem, de agora em diante é. No entanto, não faça anotações, conte tudo pra mim. E faça isso imediatamente.

O homem se virou quando o Sr. Paul olhou por cima do ombro e em cada monitor.

— Ah, sim, claro, Sr. Paul. Me desculpe, eu não sabia que era você.

— Agora você sabe.

Ainda assim, ele olhou fixamente, mas agora apenas para a câmera no portão e além.

— Há algo que possa ver mais adiante na estrada?

— Não, senhor, mas isso mostra qualquer coisa que chegue a 450 metros do portão.

— Bem, você só precisa olhar bem de perto.

— Sim, senhor.

Andrew se moveu rapidamente através da vegetação rasteira, embora a sensação da arma em sua cintura não fosse confortável nem familiar. Dos portões ao redor do prédio, ele podia ver um grande muro e arame farpado acima dele. Não era a pior perspectiva que ele já havia enfrentado, então superá-la não seria problema. O outro lado era outra questão. Cães, câmeras, guardas armados? Todos eles? Ao alcance fácil do muro, ele se protegeu atrás de uma árvore e se sentou. Ele precisava de uma mente limpa.

Por que ele estava fazendo isso? Ellen o intimidou e praticamente o humilhou. Por outro lado, ela tinha lhe avisado. Ela havia arriscado e perdido tudo. Entretanto, o que ele devia a ela? Ele não tinha pedido nada. Era complexo, mas nos recônditos escuros de sua mente, ele sabia que eles estavam conectados. Ela o havia tirado de uma patética vida criminosa e confiava nele. Ela o tratou com respeito e dignidade, exceto quando ele abusou dessa confiança. Ele se importava.

Quanto a Maria, deveria ser mais complexo, novamente, mas ele havia simplificado de cabeça. Ele a colocou em apuros ao procurá-la. Ele a procurou porque estava fascinado por ela; hipnotizado por sua beleza e sua pessoa. Amor à primeira vista? Ele não podia ter certeza, mas a emoção que sentia era intensa. A conexão deles era genuína e, até onde ele sabia, única.

Às vezes, pensar demais era uma coisa ruim, às vezes era muito desconfortável. De qualquer maneira, Andrew havia cedido e estava correndo em direção à parede. Ele saltou, agarrando-se facilmente ao topo do muro, e se levantou até que seu rosto estivesse nivelado com o arame farpado. Olhando para o jardim abaixo, ele não viu cães ou guardas. Respirando fundo, ele se jogou por cima do arame, preparando-se para o forte impacto. A força da aterrissagem foi sentida nos joelhos, mas havia muita adrenalina correndo em seu sistema para considerar a dor. Agachando-se o máximo que pôde, ele correu em direção ao prédio e se escondeu atrás de um arbusto embaixo de uma janela.

VERDADE NUA E CRUA

Não havia dúvida de que a biblioteca era um exemplo de conforto caro; ou que era incomparável com o sombrio quarto da pousada. Ainda assim, as mulheres não se sentiram à vontade. Elas estavam trancadas aqui, esperando para ver o destino que as esperava. Esperando para ver quem viria. Esperando, esperando, esperando. Silenciosamente, elas se sentaram perto da janela, um entendimento não declarado de que qualquer conversa só poderia assustá-las ainda mais. Quando a porta foi finalmente destrancada, seu efeito foi o de gerar terror.

— Você vem comigo; voltarei para buscar a outra mais tarde. — O Sr. Paul apontou primeiro para Maria e depois para Ellen. Maria se levantou e tentou esconder seu medo e, estendendo a mão, tocou no ombro de Ellen.

— Vou ficar bem. Pelo menos a espera acabou. — Virando-se, ela caminhou na direção do Sr. Paul, com os olhos no chão para não encontrar os dele.

— Tão triste, Maria? Tudo bem, mesmo assim eu te acho atraente. Talvez até mais, quem sabe?

O restante da caminhada foi em silêncio. Com os belos e ornamentados corredores ignorados, eles seguiram para a grande sala na ala oeste. Uma leve batida na porta e eles entraram em outra sala lindamente decorada com sutil elegância. No belo sofá de couro verde estava sentado o Sr. Steele, bronzeado e elegantemente vestido, com um uísque na mão.

— Entre, entre. Traga nossa convidada para mim, Sr. Paul. A voz dele era acolhedora, como se ela tivesse respondido a um convite para vir, em vez de ter sido forçada sob a mira de uma arma.

— Eu o tenho na mais alta estima, Sr. Paul, mas suas palavras se mostraram inadequadas. A jovem Maria é requintada em sua beleza. Algo bastante extraordinário.

Apesar de suas palavras lisonjeiras, havia algo no modo como ele olhava para ela, algo fora de sintonia. Seu desejo era muito flagrante, muito bestial; seus olhos e mente a devoravam abertamente.

— Pode nos deixar agora, Sr. Paul. E coloque um homem na porta, não quero ser incomodado.

O Sr. Paul estava imóvel e sem expressão, como se não tivesse ouvido a instrução. Então, lentamente, ele virou a cabeça para olhar para Maria, um olhar quase de dor em seu rosto enquanto a examinava da cabeça aos pés. — Sr. Paul?

— Sim, Sr. Steele, é claro. — Virando-se, seu rosto estava em branco novamente, com todas as emoções controladas ao sair.

Maria ficou parada, de cabeça baixa, tentando captar os detalhes do cômodo com olhares furtivos. O tempo todo ela podia sentir os olhos do homem queimando nela.

— Aproxime-se, Maria.

Lentamente, ela se arrastou alguns metros para frente até ficar no centro da sala, a apenas dois metros de Steele.

— Você parece nervosa, Maria. — Sua voz mostrava certa diversão, mas Maria não sentia graça na situação. — Você não vai falar? Bem, a escolha é sua. Eu não a trouxe aqui para conversar. — Steele estava de pé agora e Maria olhava para cima, preocupada em ver o que ele estava fazendo. Ele passou por ela e foi até a janela onde seu uísque decantado estava sobre uma mesa antiga. Deliberadamente, ele encheu o copo e voltou, quase roçando contra ela. Sentado, ele tomou um gole generoso e fechou os olhos enquanto saboreava o gosto.

— Ah, isso é bom. As coisas boas não podem faltar nessa vida, não acha, Maria? Eu me orgulho de ter bom gosto, mas estou desapontado por ter sido tão lento neste caso. Ainda assim, não posso perder meu tempo com arrependimentos, especialmente um tempo tão precioso. — Alisando os cabelos grisalhos, ele sorriu e balançou a cabeça, incrédulo com sua boa sorte. — Está determinada a ficar em silêncio, Maria? — Ele bateu uma longa unha contra o copo enquanto esperava, com seus olhos nunca deixando de mirar nela. — Muito bem, a escolha é sua. Presumo

que sua audição esteja bem? Então, você consegue me entender? Tire seu vestido.

A cabeça de Maria se ergueu ao ouvir isso, com sua esperança de que em silêncio tudo isso acabaria rapidamente se dissipando. — O quê?

— Tivemos uma chance de conversar, Maria, uma chance que você não aproveitou. Agora, por favor, tire a roupa.

— Por favor, não há necessidade disso. Eu posso conversar com você, se é isso que você quer.

— Isso não é o que eu quero. O que eu quero é que você tire esse vestido. Mas, por favor, não se sinta como se eu não estivesse lhe dando uma escolha neste assunto. Você pode tirá-lo ou posso pedir a alguém para fazer isso. Seja como for, você deve saber que eu vou fazer do meu jeito.

Maria olhou ao seu redor. Ela nunca havia se sentido tão sozinha. Enquanto Steele continuava olhando para ela, ela percebeu a realidade da situação e suspirou profundamente. Alcançando lentamente as costas, ela puxou o zíper; pela primeira vez desapontada com a facilidade com que obedecia. Quando os dentes de metal se separaram, o tecido preto caiu no chão e Maria moveu as mãos para se cobrir. A renda preta de sua calcinha fio dental e sutiã, uma fonte de prazer para ela quando foram comprados, agora pareciam uma pequena e frágil barreira para sua nudez.

— Ora, ora. E eu realmente pensei que não poderia ficar melhor. Por favor, afaste as mãos.



Ellen fechou os olhos quando ouviu a chave na fechadura mais uma vez. Silenciosamente, ela implorou a qualquer deus que pudesse ouvir. — Por favor, seja qualquer um, menos ele. — Os deuses, no entanto, estavam ausentes ou rancorosos, pois foi o Sr.

Paul quem entrou com sua familiar expressão impassível e fala monótona.

— Devo me desculpar por deixá-la esperando tanto tempo. Sentiu minha falta?

— Fiquei de coração partido com a sua ausência.

Então, você ainda tem alguma força para lutar, alguma emoção? Isso é bom.

— Bom?

— Sim, eu odiaria pensar que não tive efeito sobre você.

— Você inspira sentimentos fortes em mim. Sentimentos de desgosto e repulsa, principalmente.

— Agora você está sendo puramente indelicada, Ellen. Tentando me machucar, talvez? No entanto, devo avisá-lo de que não sou um homem para competir quando se trata de ferir.

Ellen foi falar novamente, mas pensou melhor e ficou em silêncio.

— Você se lembra quando invadiu meu sonho? Tenho certeza que sim. — O Sr. Paul sorriu.

— Não foi uma invasão; foi uma experiência como qualquer outra naquele hotel. — Ellen achou suas palavras pouco convincentes, mesmo quando as pronunciou.

— Bem, podemos ter a chance de ver como a realidade se compara mais tarde. Eu nunca entendi como você fecha sua mente. Você poderia me dizer agora, poupar algum tempo.

— Não há nada a dizer, Sr. Paul, não estou fazendo nada de especial. Talvez, apenas mentes fortes possam entrar na minha. O que acha? — Ellen sorriu para seu captor, desfrutando da raiva que sua zombaria trouxe.

— Não posso dizer que estou desapontado com sua reticência em dar uma resposta honesta, deixa tudo mais divertido para mais tarde. Agora, você conhece o termo 'sentar quietinha'? Tenho certeza que sim, Ellen. Bem, isso é o que eu defendo para você agora. Você é muito bonita, então sente-se lá, quietinha e obedientemente.

— Você fala de mim como se eu fosse seu animal de estimação.

— Não é conversa. Esta tarde você é meu animal de estimação. Eu vou acariciá-la e tocá-la e até fazer você rolar se eu quiser. Ou, se preferir, posso fazer você se fingir de morta.

INVASÃO DE DOMICÍLIO

Tendo recuperado o fôlego e recolocado o coração em um nível razoável, Andrew atravessou a vegetação rasteira. Desconfortável em uma posição meio agachada, ele ficou relativamente satisfeito por ter alguma cobertura. Pouco a pouco, ele se moveu pelo prédio, parando apenas para verificar as janelas. Havia funcionários e guardas, mas o lugar parecia tranquilo. Mas então, quanto dessa segurança era realmente necessária? Já era bastante difícil encontrar o lugar, quanto mais arrombar, e o que eles estavam escondendo?

Na verdade, Andrew não sabia o quão sortudo ele era. O Sr. Paul havia causado mais problemas do que ele imaginava com sua intervenção no gabinete de monitoramento. O jovem e diligente revisor de câmeras ficou assustado e distraído com sua presença. O portão se tornou o seu foco à custa de quase todo o resto. Guardas postados em portas trancadas foram desperdiçados e deixaram o terreno quase vazio. Andrew não sabia disso, nem se importava, ele só queria entrar antes que fosse tarde demais.

O prédio parecia vasto, mas a quinta janela o fez parar no meio do caminho. Lá estava ele, o Sr. Paul; e ele tinha Ellen. Sentado ao lado dela na biblioteca, sua mão esquerda traçava para cima ao longo de sua coxa, enquanto sua mão direita segurava seu seio. No rosto dele havia um olhar de delírio quase demente; no dela, desgosto e medo. Andrew mal podia acreditar em seus olhos e não tinha certeza do que fazer, mas ao ver o rosto de Ellen mais uma vez, sua decisão estava tomada.

Alcançando a cintura, ele sentiu o cabo da arma e puxou-a deliberadamente, levando-a até a janela. Toda a surpresa seria perdida, mas ele certamente não podia esperar. Mirando o melhor que podia, sem nenhuma experiência anterior com tais coisas, ele prendeu a respiração e apertou o gatilho. O nível do som o chocou e a janela se estilhaçou quando a bala atingiu o alvo; embora não

fosse o tiro na cabeça que ele queria. Paul caiu para trás, longe da assustada Ellen e ela se virou para a fonte do tiro.

— Saia daí, Ellen, rápido.

— Andrew?

— A janela, depressa!

Olhando para baixo, ela viu o Sr. Paul enfiar a mão no paletó e soube que tinha de reagir. De pé, ela o chutou com força, primeiro no braço e depois no corpo. Ela podia ouvir as pessoas na porta agora, exigindo que ela fosse destrancada. Mais um chute com toda a força e então, vendo o sangue se acumulando no ombro dele, ela pisou com força. O Sr. Paul gritou e ela finalizou chutando a virilha dele. Virando-se, ela correu para a janela e forçou-a a abri-la, saindo com dificuldade enquanto Andrew a agarrava.

Maria havia fechado os olhos para fingir que era um pesadelo, mas ainda assim, ela sentia a língua e os lábios dele em sua pele. Suas mãos percorriam o corpo dela e seus dedos afiados buscavam encorajamento. Sua respiração quente ficava cada vez mais rápida enquanto ele pressionava sua carne inchada contra ela, envolvendo-a com um desejo não correspondido. Eis que surge o barulho. Seria um tiro ou fogos de artifício? Maria abriu os olhos; isso parecia sério pela cara dele. Os guardas agora batiam com urgência na porta.

— Sr. Steele, está tudo bem?

— Maldito seja, malditos sejam todos! — A raiva em sua voz era tão violenta quanto a maneira como ele escancarou as portas. — Quem está brincando com armas e me perturbando?

— Foi na biblioteca, senhor. O Sr. Paul está lá com a Srta. St.Peters.

— Ele matou Ellen?

— Não sabemos, senhor; a porta está trancada e o Sr. Paul é extremamente rigoroso quando se trata de não ser incomodado.

— É mesmo? E ele atendeu suas chamadas?

O homem pareceu perdido em pensamentos por um momento e então falou baixinho.

— Não, senhor.

Pegando seu paletó, Steele tirou um jogo de chaves.

— Então, cabe a mim verificar? — Virando-se, ele apontou para Maria. — Você fica bem aí. Eu ainda não terminei com você. — Batendo a porta, ele se foi.

Maria rapidamente vestiu o vestido e puxou uma cadeira até a janela, subindo nela para soltar o trinco. A velha madeira estava empenada e rígida, mas ela mal conseguia abri-la o suficiente. A passagem era apertada, mas ela foi impulsionada pelo medo enquanto tentava passar, tentando desesperadamente encolher seu corpo. A porta se abriu novamente, e seu guarda examinou a sala antes de vê-la chutando as pernas na janela.

— Pare! Fique onde está!

Maria sentiu que seu coração ia explodir ao tentar espremer os quadris pela abertura estreita. Com os olhos fechados, ela se arrastou pela abertura, chutando as pernas para ganhar impulso, com um grito soluçante na garganta. Então ela sentiu o aperto em seu tornozelo e chutou de volta, uma e outra vez, satisfeita por sentir o contato, mas ainda sem afrouxar o aperto. Outro chute, com toda a força, parecia ter esgotado suas chances até que ela conseguiu. Agarrada fortemente pelos pulsos, ela foi libertada da janela e da mão do guarda, sendo fortemente arrastada para fora.

— Vamos, temos que nos mover e rápido.

— Andrew, Ellen, como vocês conseguiram?

— Depois, agora se mexa. — Pegando a mão dela, Andrew arrastou Maria junto enquanto eles corriam em direção ao muro. Olhando em volta, havia homens em ternos escuros se espalhando pelas portas de toda a casa. A própria vastidão do lugar estava a seu favor agora. Quando chegaram ao muro, Andrew tirou a jaqueta.

— Maria, suba nos meus ombros e coloque isso sobre o arame. Em seguida, pule rapidamente; não importa o que há do outro lado, apenas pule.

— Certo.

— Você é a próxima, Ellen.

Maria subiu rapidamente nos ombros dele e usou a jaqueta o melhor que pôde enquanto se puxava sobre o arame. Estimulada pela adrenalina, ela ignorou as farpas cobertas e pulou. Ellen já

estava atrás dela, com sua altura tornando a jornada mais fácil. Andrew continuou esticando o pescoço, observando enquanto os indivíduos os avistavam e começavam a correr; então ele o viu. O Sr. Paul. Caminhando em direção a eles, seu braço esquerdo pendia frouxamente, enquanto a mão direita segurava sua arma.

— Depressa, Ellen.

As palavras mal haviam saído de seus lábios quando ele ouviu o disparo da pistola. Um grito suave, quase um gemido, veio de cima dele ao ver Ellen desaparecer do muro.

— Ellen! — ele gritou, mas não havia tempo. Ele saltou enquanto uma bala queimava sua coxa de raspão. Ele se jogou às cegas, girando enquanto passava pelo arame, para ver seu espaço de pouso, preparando-se para o impacto.

De pé e se limpando, ele olhou para a esquerda e viu Maria agachada e assustada. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ela falava.

— Ela foi baleada. Ele atirou nela.

Ellen estava deitada sangrando no chão, com a cor sumindo de seu rosto enquanto ela respirava pesadamente. Ainda assim, ela tentou manter a calma.

— Eu vou ficar bem. Vamos, vamos andando.

— Tem certeza de que você está bem para se mover?

— Andrew, é claro que não estou. Nunca levei um tiro antes.

— Você também foi atingido. Sua perna está sangrando.

— Estou bem, Maria. Quase não me pegou. Olha, ajude a Ellen e vamos andando. Deixei o carro aqui atrás.

Eles tiveram a sorte de emergir tão perto do ponto de entrada de Andrew, ainda mais a uma boa distância do portão. Isso dava a eles tempo, mas não muito. Andrew e Maria ajudaram Ellen, mas ao entrarem no carro ouviram o barulho de veículos procurando por eles. Ligando o motor, Andrew impulsionou o carro por entre as árvores, concentrando-se com uma intensidade que só a adrenalina poderia fornecer.

Maria o observava, seu rosto, suas mãos, aquelas pernas. Ela conhecia esse ímpeto tanto quanto ele. Ela sabia disso através dele, como ele. No entanto, isso estava no presente para Andrew,

enquanto era apenas uma lembrança para ela. Enquanto o carro acelerava pela floresta semi-iluminada, Maria não sentia medo nem confiança. Os eventos do dia a esgotaram emocionalmente e, a essa altura, ela estava disposta a arriscar o passeio. Sua liberdade emocional, entretanto, durou pouco, pois ela tinha outro problema para ocupá-la. Era a Ellen.

— Andrew, Ellen está inconsciente. — Maria falou enquanto Ellen caía sobre ela no banco de trás.

— Verifique o ferimento, veja quão ruim está e veja se há algo que você possa usar para estancar o sangue. — O carro acelerou, batendo todos em seus assentos, então um tiro soou.

— Não posso parar agora, Maria, eles estão atrás de nós.

Jogando o carro bruscamente para a esquerda, Andrew testou sua suspensão minuciosamente enquanto o carro saltava da floresta para a estrada. Sentindo o carro agarrar a estrada com aderência novamente, Andrew empurrou o pé no acelerador e observou o cenário se desfocar. Seu carro não era o mais novo, nem o mais caro, mas ele havia passado horas suficientes certificando-se de que realmente podia correr. Ele estava dando a eles distância e algum tempo, mas o suficiente para parar em um hospital? Mesmo assim ela estaria a salvo do Sr. Paul? Não, tinha que ser em algum lugar seguro, em algum lugar que eles pudessem levar um médico para Ellen, em algum lugar que eles não pensariam.

A velocidade do carro e a distância para seus perseguidores haviam revigorado Andrew. Sua mente estava mais clara agora, e ele sorriu para si mesmo enquanto seus pensamentos circulavam e tomavam forma.

— Não acredito que você está achando algo divertido agora.

— Eu não estou esquecendo a situação. Estou sorrindo porque tenho uma ideia de como sair disso.

— Sou toda ouvidos.

— Temos que chegar a algum lugar seguro e conseguir ajuda para Ellen, um lugar onde eles não vão procurar.

— Sim, e esse lugar é exatamente onde?

— O Hôtel de Rêves, já ouviu falar?

— Pare de brincar.

— Não estou brincando, é apenas uma ideia que nos dará tempo e ajuda. Apesar de todo o poder de Steele, Ellen administra aquele lugar. A equipe foi escolhida a dedo por ela. Eles são leais a ela. Podemos monitorar cada centímetro do local e, melhor ainda, há um médico.

— E eles não vão olhar lá?

— Não posso dizer isso. Mas não será uma escolha imediata.

— Olha, Andrew, tenho certeza que é uma ótima ideia e tudo mais, mas a respiração de Ellen não está boa. Podemos nos apressar?

GERENCIAMENTO

Os dois carros se perderam na perseguição e eles voltaram para a velha casa para se reagrupar. O Sr. Steele emergiu de sua Mercedes preta com o rosto sombrio e silencioso. O Sr. Paul estava visivelmente zangado e pálido quando desapareceu na ala leste para receber assistência médica. A segurança havia sido testada e falhado dramaticamente. Um ladrão de segunda categoria e duas mulheres não haviam apenas derrotado o sistema, mas sim o desmantelado. Com uma série de gestos e grunhidos, o Sr. Steele ordenou que homens de segurança selecionados fossem para a sala de recepção principal. Enquanto seguiam obedientemente e se reuniam em fila, o Sr. Steele serviu um grande uísque e o bebeu de um só gole. Com os olhos fechados por um momento, ele apreciou a sensação de queimação, então encheu o copo e virou mais uma vez.

— Você, qual é o seu nome? — Seus olhos e voz identificaram o jovem à esquerda da fila. O homem ficou surpreso, mas manteve os olhos à frente enquanto respondia.

— Dan Millar, senhor.

— Você supervisionou a sala de monitoramento hoje?

— Sim, senhor.

— Você está demitido, então dê o fora do meu prédio.

— Mas, senhor...

— Mas nada. Saia daqui!

— Agora você. Sim, você.

— Sou o Mike Parker.

— Mike Parker o quê?

— Mike Parker, senhor.

— Não preciso perguntar o que você faz. Vocês não fazem nada. A não ser ficar perto das portas quando há tiros lá dentro.

— A porta estava trancada, senhor. Recebi ordens do Sr. Paul.

O Sr. Paul foi baleado. Ele pediu para você deixá-lo sangrar até a morte?

— Não, senhor.

— Foi o que pensei. Você pode sair também. Na verdade, vocês dois podem ir com ele, nem me incomode em perguntar como vocês ferraram tudo. Steele balançou a cabeça e suspirou pesadamente, então olhou para os dois guardas restantes. — Quantos somos agora?

Shepherd e eu aqui, Towns e McCoy lá fora. E o Sr. Paul.

— Sim, Sr. Paul? Vá ver se já cuidaram dele; diga a ele que eu gostaria de ter uma palavra.

— Sim, senhor, obrigado por depositar sua confiança em nós.

Os homens foram embora, aliviados por ainda terem empregos. Steele havia desviado sua mente deles antes que a porta se fechasse. Ele olhou para o sofá e imaginou Maria ali, com sua raiva aumentando o tempo todo enquanto ele o fazia. Como diabos eles escaparam? Qual era o sentido de tudo isso se as pessoas pudessem entrar e sair à vontade? Mais importante, como ele poderia recuperá-los e com que rapidez?

Enquanto esperava, ele ponderou se isso era um sinal de que deveria haver mudanças maiores. O Hotel foi criado para entregar resultados reais. Os funcionários conheciam suas funções, assim como a equipe técnica que os apoiava. Os capangas, como os demitidos, eram baratos e facilmente substituídos, embora ele fizesse o recrutamento desta vez. O conforto era que as estruturas haviam sido implementadas com sucesso para permitir a mudança de pessoal sem perda de eficiência. Eram as pessoas que tiveram tanto sucesso em criar isso que agora eram o problema.

Ellen foi uma decepção esmagadora. Como a pessoa em quem ele mais confiava, com menos supervisão, ela era fundamental para tantos elementos que a tornavam quase única. "Não, não quase, ela é única", ele pensou. Ele a aceitaria de volta se ela pudesse convencê-lo de que estava realmente arrependida e que tudo havia sido um erro. Mas como ela poderia convencê-lo?

Os pontos de interrogação em relação ao Sr. Paul eram mais acentuados. Ele era seu chefe de segurança autônomo, e a

segurança havia falhado terrivelmente. Nenhum dos três procurados estava mais em sua posse, então ele havia falhado pessoalmente. O Sr. Paul era único, não havia dúvida sobre isso, mas ele era necessário agora? O trabalho sujo foi feito, com certeza, então agora era a hora do lucro.

O Sr. Steele sabia em seu coração que isso estava longe de ser verdade. Os jogos de poder haviam começado, a chantagem intelectual, e ninguém que ele conhecia era tão persuasivo quanto o Sr. Paul. Além disso, eles compartilhavam uma visão do caminho a seguir e isso tornava a vida muito mais fácil, pois muitas vezes ele agia para fazer as coisas antes que o Sr. Steele tivesse tempo de pedir. Ele tinha uma palavra a dizer em tudo. "Ele tem muito a dizer?", ele se perguntou.

Uma batida na porta e o Sr. Paul entrou com camisa e paletó limpos, o braço esquerdo em uma tipoia.

— Como está o ferimento?

— Passou pelo meu ombro. Vou ficar bem.

— Preciso de mais do que bem, Sr. Paul. — Steele não conseguia disfarçar sua raiva agora. — Você tem deixado muito a desejar ultimamente. Olhe só para você. Você não passa de um inválido.

O Sr. Paul permaneceu imóvel como sempre, seus olhos fixados em Steele, mas ele não falou ou mostrou suas emoções.

— Você deixou aquele homem, Andrew, ir embora. Outra vez. Você me prometeu que lidaria com ele.

Balançando a cabeça mais uma vez, Steele terminou sua bebida e se dirigiu à garrafa. Ele encheu o copo até a metade e atravessou a sala de volta.

— Ela estava aqui. Apenas algumas horas atrás, eu a tinha aqui. — Ao apontar para o assento, o Sr. Paul pôde ver que a mão de Steele estava tremendo. Seu pescoço estava vermelho de raiva enquanto seu discurso continuava. — Aqui eu a provei, toquei nela e você a deixou escapar. Você a deixou fugir, Sr. Paul.

— Eu vou encontrá-los. — o Sr. Paul falou baixinho.

— Perdoe-me por duvidar de você, mas já ouvi isso antes. E encontrá-los é uma coisa. Mantê-los, obviamente, é outra. — As

frustrações de Steele transbordavam enquanto ele gritava. — Traga-a de volta, seu incompetente de merda. Confiei em você para recuperá-la. — A raiva de Steele estava descontrolada agora e ele arremessou o copo pela sala, onde se espatifou ruidosamente contra a parede. Você. Consegue. Me. Entender? Sua aberração monossilábica. Pegue-a para mim.

O olhar do Sr. Paul manteve-se constante durante a explosão de raiva. Ele viu Steele quase como um observador independente enquanto testemunhava os gritos e berros. Ele não se comoveu com o homem suado de rosto vermelho enquanto falava sem parar. O copo voou em sua direção, mas ele estava calmo ao observá-lo se desintegrar contra a parede. Uma ligeira virada de cabeça para reconhecer a ocorrência foi tudo. A mente dele bloqueava o abuso. Em vez disso, ele viu Maria e se lembrou de como Steele o havia dispensado da sala. Ele se lembrou que se importava com isso.

Essa pretensão de ser um subordinado era cansativa e extremamente irritante. O pior de tudo era o fato de Steele pensar que era verdade. Ele jogava junto, mas certamente o homem tinha mais inteligência do que isso. Obviamente, ele era mais do que um guarda-costas glorificado. Talvez o Sr. Steele não fosse nada parecido com o homem que ele pensava? Talvez ele o estivesse segurando? O que ele realmente trouxe à mesa?

Steele continuou andando lentamente, mas observava o Sr. Paul com o canto do olho.

— Você vai ficar aí parado com esse seu olhar assustador? Ou você vai trazer minha garota de volta para mim.

— Não, acho que não.

— O que você disse?

Os olhos do Sr. Paul se arregalaram e ele ergueu o braço direito, com a pistola preta na mão. BANG! O primeiro tiro atingiu Steele no lado esquerdo do peito, quebrando costelas e rasgando seu pulmão. Steele respirou profundamente e deu dois passos para trás, caindo no sofá: uma expressão de choque absoluto estava estampada em seu rosto. Ele lutava para respirar e começou a tremer quando sua boca se abriu.

— Não vou pegar aquela garota de volta para você, Sr. Steele. Vou trazê-la de volta para mim. Eu nunca fiz nada por você que eu mesmo não quisesse fazer por mim mesmo. Não percebeu isso? Acabou de me ocorrer que, se ambos queremos a mesma coisa, então é uma pessoa a mais do que o necessário.

Um passo à frente e o segundo tiro ecoou - BANG! - enquanto ele perfurou a cabeça de Steele e finalizou a discussão de forma decisiva.

Devidamente advertidos e admoestados, dois guardas reagiram ao tiroteio e irromperam pelas portas com armas em punho. O Sr. Paul cumprimentou ambos com a pistola na mão, parando-os no meio do caminho.

— Nem pense em atirar. Para todos os efeitos, seria como trancar as portas depois da casa roubada.

Os homens olharam para o corpo do Sr. Steele, caído e sangrando no sofá, sem vida. Eles se entreolharam, mas não levantaram as armas.

— Estejam avisados. Estamos sob nova gestão. Contem para os outros.

Só agora ele demonstrou alguma emoção, quando o mais breve dos sorrisos passou por seus lábios, mas quase imediatamente sua máscara insensível voltou.

— Se vocês querem trabalhar aqui, livrem-se disso o mais rápido possível e depois reúnam os outros homens. Temos algumas pessoas para encontrar.

SANTUÁRIO

Eles entraram pela porta privada, acessada diretamente do estacionamento. Maria e Andrew dividiam o peso de Ellen, mas ela estava novamente acordada e tentando andar. Ao emergirem no corredor, foram abordados por Ted Carter. Vigilante como sempre, ele não era gentil com as pessoas que vagavam por seu hotel. Especialmente nos corredores que levavam aos quartos e suítes particulares. Ver três desses impostores o enfureceu instantaneamente, ainda mais porque um deles parecia estar bêbado.

— Vocês três, parados aí, vocês não têm o direito de estar aí embaixo. — Ele se movia rapidamente enquanto falava com um walkie-talkie na mão, pronto para chamar a segurança. — Vocês entenderam? Parem!

Ao se aproximar, ele reconheceu Andrew como um funcionário, mas não a garota e...

— Senhorita St Peters? Meu Deus. O que vocês fizeram com ela? — Ele levantou a mão para chamar ajuda.

— Abaixe o walkie-talkie. Não fizemos isso, mas preciso que você ouça com atenção.

O homem ouviu Andrew, mas seus olhos estavam em Ellen, com sua mente tentando processar tudo aquilo.

— Seu nome é Ted, certo? Ótimo. Certo, Ted, vamos levar Ellen para o quarto particular dela. Preciso que você se apresse e chame o médico do hotel, não há tempo a perder. Também, e isso é especialmente importante, há pessoas atrás da Ellen. Atrás de nós. Então, não estamos aqui. Não importa quem pergunte.

Ted recuperou a compostura. — Entendido; vou chamar o médico. — Ted se virou e caminhou rapidamente.

— Ted? — Ellen falou quase sem fôlego. — Não importa quem pergunte, não estamos aqui. Especialmente ele. — Ted assentiu compreendendo agora o que estava acontecendo. Enquanto ele se

afastava apressado, Ellen apertou o braço de Andrew enquanto falava. — Não no meu quarto, no quarto ao lado do meu escritório. Podemos usar as telas para ver quem está entrando e saindo, podemos obrigar ele a olhar quando chegar aqui.

Eles levaram Ellen para o quarto e a deitaram na cama. Quase imediatamente ela perdeu a consciência mais uma vez, fazendo com que Andrew e Maria trocassem olhares preocupados. A emoção dos acontecimentos voltou à tona quando Maria sentiu as lágrimas chegarem; instintivamente ela se aproximou de Andrew.

— Ela vai ficar bem, não vai?

— Não sei, Maria, espero que sim.

Sentindo os ombros dela tremerem, Andrew segurou Maria com força. Ela se sentia pequena contra ele, mas de pele suave e aquecida, e ele podia sentir o cheiro de seus cabelos enquanto se curvava para beijar sua cabeça. Ela estava inebriante e, sentindo seu toque, ergueu a cabeça para ele. Os olhos dela brilharam com lágrimas enquanto ela gentilmente puxou a cabeça dele para beijá-lo; um beijo que falava de desejo quente, embora suave e lento. Suas línguas se tocaram enquanto eles se apertavam, as mãos vagando livremente enquanto se perdiam uma na outra. Perdidas em um momento de loucura. A batida na porta os trouxe de volta à realidade, e eles se separaram com relutância. De pé, olhando um para o outro, eles pareciam congelados, mas as batidas não paravam. O oásis de sanidade acabou.

— Por favor, abra. É o Ted, eu trouxe o médico. — De volta ao presente, ele agiu rapidamente para abrir a porta, deixando os dois homens entrarem. — Ela desmaiou de novo. Tentamos estancar o sangramento, mas não sei.

— Ela vai ficar bem, não vai, doutor? — Maria gostaria de ter alguma garantia.

— Não sei, Senhorita. Deixe-me dar uma boa olhada aqui. Vocês poderiam ficar de lado e me dar algum espaço? Obrigado.

Enquanto se afastavam, Ted se virou para Andrew.

— Posso adivinhar quem fez isso, mas por quê?

Andrew se virou e esfregou a boca com a mão. Depois de alguns segundos que pareceram intermináveis, ele encarou Ted.

— Posso confiar em você?

— Claro.

— Não, quero dizer, posso realmente confiar em você? Confiar em você para cuidar de Ellen, independentemente das consequências aparentes.

— Estou cem por cento em favor da Ellen. Sempre fui leal e, gostaria de pensar, digno de confiança. — Ted estava ficando irritado quando Andrew parou novamente e franziu o rosto, balançando a cabeça enquanto tentava decidir. — Por favor, apenas me diga.

— Este lugar, os sonhos, a espionagem e tudo mais. Eles acham que eu sei demais sobre isso. Maria também, embora eles pareçam pensar que podem usá-la, de qualquer maneira Ellen nos avisou que esse psicopata do Sr. Paul estava atrás de nós e... muita coisa aconteceu, muita loucura. Ellen foi baleada e fugimos. Eles estão vindo também. — Andrew sabia que era uma resposta fraca e confusa, mas ele mal entendia a maior parte disso. Certamente não fazia sentido. Ted deu um tapinha em seu braço.

— Não sei o que você fez, mas se o Sr. Paul está de um lado, Ellen do outro, você tem meu apoio de todo o coração. Já trabalhei para aquele canalha por tempo suficiente.

Atrás dele, o médico parecia ter finalizado os trabalhos, pelo menos por ora.

— Eu fiz o que pude, mas ela realmente deveria estar no hospital. A bala ainda está lá dentro e deve ser extraída. Ela vai ficar bem aqui por um tempo, eu a tratei bem o suficiente, mas não é uma solução de longo prazo.

— Obrigado, doutor. Esta não é uma opção de longo prazo para nenhum de nós.

— Já que estou aqui, é melhor dar uma olhada nessa sua perna.

Andrew abriu o cinto e puxou o jeans até os tornozelos. O corte em sua coxa não era profundo, mas estava sangrando e dolorido. Maria não pôde deixar de olhar para o ferimento e depois para o resto da carne exposta. Enquanto o médico limpava a ferida e colocava alguns pontos, Maria mantinha sua vigília. Seus olhares se

encontraram várias vezes e Andrew manteve o sorriso, apesar da dor.

— Isso é tudo para o seu caso. Você pode puxar seu jeans para cima agora, se não for um problema para a jovem. — O médico sorriu enquanto Maria corava e desviava o olhar.

— Você é perverso, doutor. — Andrew estava rindo pelo que parecia ser a primeira vez em uma era. — Obrigado por tudo, doutor, mas há mais uma coisa.

— Não, não há. Não há nada porque eu nunca estive aqui. Mas se você não quiser que eu esteja aqui novamente, fale com o Ted.

— Você é um bom homem, doutor.

SERVIÇO DE QUARTO

Era fim de tarde quando Andrew acordou, caído no sofá do quarto de hotel, com Maria nos braços. Movendo-a gentilmente, ele a beijou, e ela abriu os olhos sorrindo.

— Olá, linda, sente-se melhor depois de dormir?

— Eu me sinto melhor por dormir em seus braços.

— Não vá me querer me bajular agora. Eu aguento uma quantidade absurda de bajulação. — Mais uma vez, Andrew sorriu. De pé, ele se espreguiçou e se moveu pelo quarto. Ellen ainda estava dormindo, mas sua cor e sua temperatura estavam melhores. Andrew usou o banheiro e se lavou, surpreso com o quanto o repouso tinha ajudado. Tudo o que ele precisava agora era de café.

— Maria, posso pegar um café para você?

— Vai sair?

— Só até o escritório. Não posso ficar aqui para sempre. Além disso, posso verificar as telas.

— Tome cuidado, por favor.

Andrew sorriu e, em seguida, abriu a porta silenciosamente. Olhando para a esquerda e para a direita, ele não viu ninguém no corredor. No outro extremo, ele viu que Ted Carter estava cuidando da recepção. Ele havia permanecido no local para manter o controle da situação. Saindo, Andrew foi rapidamente até a porta do escritório e usou as chaves de Ellen para entrar. Trancando a porta atrás de si, ele olhou através das telas, desesperado para não encontrar nada fora do lugar. Satisfeito com a normalidade, ligou a máquina de café e preparou três xícaras.

Equilibrando as xícaras, ele abriu a porta com o cotovelo e se moveu o mais rápido que pôde sem derramar. Ao chegar ao quarto, ele chutou a porta.

— Abra, é o Andrew.

Maria abriu a porta sorrindo e ele entrou abaixando as xícaras.

— Tá tudo bem?

— Não vi nada, graças a Deus. Vou saborear este café e depois voltar para o escritório.

— Só o café? — Maria colocou os braços em volta de Andrew e se levantou para beijá-lo. Ele a beijou de volta com força, segurando-a firmemente contra seu corpo.

— Ah, por favor, vocês dois podem me poupar disso. — A fala estava meio rouca, mas audível mesmo assim.

— Ellen, você está acordada. — Maria se virou com um sorriso radiante. — Como está se sentindo?

— Sinto-me feliz por estar viva. — Andrew se aproximou com o café. — Aqui, tome isso.

— Valeu. — Ellen bebeu o café e devolveu a xícara. Então ela gemeu enquanto tentava se sentar corretamente. — Quem sabe que estamos aqui?

— Ted Carter e o médico.

— Ted é confiável, assim como o Dr. Morris. — Você fez uma boa escolha.

— Talvez, mas não é um esconderijo, é uma fortaleza. Uma boa posição defensiva.

— Então, estamos esperando? — Maria ficou alarmada com as notícias. — Eu achava...

— Temos que terminar isso e terminar rapidamente. Ellen precisa de um hospital e eu preciso parar de olhar para trás.

Maria assentiu e caminhou em direção ao banheiro, fechando a porta atrás de si.

— Isso foi rápido.

— O que você quer dizer?

— Você e Maria. Vocês estão apaixonados. E durante esse tempo todo eu aqui morrendo no canto.

— Pare com isso. Eu gosto dela, mas... e sabíamos que você ficaria bem. Sério.

— Sei como você se sente. Vi os seus sonhos.

— Você o quê?

— Você sempre foi muito acessível, Andrew, e eu sou muito receptiva. Não é a primeira vez que entro na sua cabeça. Por que você acha que te ajudei?

— Isso é algo que sempre me incomodou.

— Eu te conheci e depois gostei de você. No final, achei que te entendia. Eu sei que você sonhou comigo.

Andrew parou e olhou para Ellen, incapaz de conter o rubor. — Quantas vezes?

— Com que frequência você dormia neste lado do hotel?

— Meu Deus. Por que você não me contou?

— Achei que tínhamos mais tempo.

— E agora?

— Agora nada. Eu vi você com Maria no sonho, pude ver o que você queria. Era uma coisa forte e meio estranha se sentir parte disso. Parecia como se eu estivesse dormindo com vocês dois, e ao mesmo tempo não.

Andrew suspirou profundamente, sacudindo a cabeça enquanto falava. — Não temos o direito de entrar na cabeça de outras pessoas. O mundo real já é difícil o suficiente sem precisar lidar com o sonho de outra pessoa.

Enxugando o rosto, Maria ouviu seu nome e parou para escutar. Ela quase se sentiu culpada por se interpor entre Ellen e Andrew. Quando ela soube do sonho de Andrew, ficou envergonhada. Rapidamente, ela deu a descarga com força para avisá-los e resolveu fingir que não tinha ouvido nada. Ao sair, ela fingiu não notar a atmosfera desconfortável no quarto. Andrew estava terminando seu café e se dirigindo para a porta.

— Vou voltar para o escritório.

— Eu vou com você. — Maria falou rapidamente. Andrew parou e olhou para Maria e depois para Ellen, com a sobrancelha erguida. Ellen balançou a cabeça e sorriu.

— Está tudo bem, vou ficar bem. Pode pelo menos me ajudar a levantar antes de ir?

— Do que precisa? Posso buscar para você. — Maria se sentia culpada agora.

— Há algumas coisas que precisamos fazer por nós mesmas, se é que você me entende. Olha, eu estou bem, é só que meu ombro está rígido. Eu não consigo me levantar.

Andrew foi até a cama e gentilmente ajudou Ellen a ficar de pé.
— Vou pedir ao Dr. Morris que venha dar uma olhada em você.

— Não, por favor, não. Deixe-me descansar.

— Certo. Talvez depois?

— Talvez.

Andrew e Maria foram até o escritório, verificando os corredores ao longo do trajeto.

— Merda! — Andrew estava com uma cara séria.

— Qual é o problema? —

— Não tranquei a porta quando saí com os cafés. Lá se vai todo o cuidado.

— Está tudo bem, você teve sorte desta vez. Quando sairmos, trancamos. E enquanto estivermos aqui.

Maria esperava tê-lo tranquilizado ao trancar a porta e eles se viraram para o banco de telas.

Os convidados e os funcionários cuidavam de seus negócios, alheios a quaisquer outras preocupações. Nada estava fora do comum, exceto pela vigilância constante de Ted Carter, com os olhos arregalados de ansiedade e cafeína. Ambos examinaram em silêncio, mas era óbvio que eles não poderiam olhar para sempre.

— Preciso de outro café. E você? — Maria assentiu e Andrew se espreguiçou enquanto se virava para a máquina de café. — Aqui está, sem açúcar, certo?

— Isso mesmo. Você me conhece tão bem. — Maria riu e penteou o cabelo para trás.

— Eu não, mas quero conhecer. — Andrew sorria, mas seus olhos estavam sérios. Maria ficou envergonhada e virou as costas enquanto corava. Ela ainda estava pensando no que dizer em resposta quando uma figura chamou sua atenção.

— Eu o reconheço. — Ela apontou para a tela cobrindo o estacionamento. Um homem de terno preto se movia lentamente; não estava claro se ele estava procurando ou vigiando.

— Tem certeza? Entendo que o traje é semelhante ao daqueles capangas, mas você o reconhece?

— Confie em mim, ele foi um dos caras que me levou com Ellen à biblioteca.

Andrew olhou mais de perto. Ele não reconheceu o rosto, mas o traje e o comportamento eram muito parecidos para ser algo além de um dos homens de Steele. Maria observava Andrew com ansiedade. — Então, o que fazemos?

— Por enquanto, esperamos. Quero ver se ele está sozinho. Essa é a única câmara no estacionamento?

— Só vi uma.

— E a porta que pegamos é a única entrada a partir de lá?

— Você sabe mais sobre este lugar do que eu.

— Sim, eu só gostaria de saber mais. Mas... diabos, a porta de acesso ao estacionamento estava destrancada quando entramos, precisamos que eles entrem pela frente, se for o caso. — Uma rápida checagem dos monitores mostrou a Andrew que havia dois homens checando os carros, então ele tinha que agir. — Espere aqui e tranque a porta, voltarei em breve.

— Para onde você está... — Maria não teve a chance de terminar a frase, pois Andrew saiu correndo pela porta, dando uma breve olhada para trás enquanto falava.

— Não há tempo, tranque a porta. — Com isso, ele se foi.

Avançando pelo corredor, ele chamou a atenção de Ted. Uma palma levantada foi o suficiente para fazê-lo permanecer calado. Em seguida, ele correu para a porta de acesso ao estacionamento, trancando a fechadura assim que a maçaneta foi empurrada para baixo três vezes. Um pontapé e uma bofetada confirmaram a frustração do outro lado. De volta ao corredor, ele acelerou, parando apenas para alertar Ted. — Prepare-se, eles estão aqui.

Vendo Ted acenar com a cabeça, ele continuou em ritmo acelerado de volta ao escritório. — Deixe-me entrar, é o Andrew. — A porta foi aberta antes mesmo que ele terminasse de falar.

— Você chegou bem a tempo; eles estavam realmente irritados. — Maria apontou para as telas enquanto fechava e trancava a porta atrás de Andrew. — Eles estão indo para a entrada principal.

Ted observou os homens de terno escuro entrarem no hotel. Ele fingiu um ar de indiferença, uma forma de manter a calma enquanto eles se aproximavam. Ele podia ver a raiva enquanto eles olhavam em volta, uma raiva nascida do desespero. Ele sorriu.

— Como posso ajudá-los, cavalheiros?

— Onde eles estão?! — o homem exigiu enquanto seu colega se dirigia à área do bar. Ted podia ver as gotas de suor na testa, a tensão nos olhos.

— Sinto muito. Onde estão quem? — Ted ignorou.

— St. Peters e os outros, você sabe. — O homem bateu a mão na mesa.

— Por favor, senhor, eu apreciaria se você baixasse sua voz e se abstivesse de gestos violentos. Agora, se você está procurando a Srta. St. Peters, ela está longe do hotel por alguns dias e não deve voltar esta semana. Posso ajudá-lo? Eu sou o gerente interino.

— Não me importo com o que você aprecia ou com o que está agindo, quero saber onde ela está! — O homem gritou enquanto batia na mesa novamente, mais forte, para fazer sua observação. Agora as pessoas começaram a se reunir, querendo testemunhar o alvoroço. Era exatamente isso que Ted queria. Ele só precisava aumentar a temperatura um pouco mais.

— Olhe, senhor, você realmente precisa se acalmar. Não me foi dado o paradeiro da viagem da Srta. St. Peters. São férias merecidas e a privacidade dela é importante. Agora, como gerente, em que posso ajudá-lo? — Ted quase sorriu com sua própria fala lenta, a calma evidente que era apenas uma provocação a mais.

— Já chega! — gritou o homem. Agora o pessoal da cozinha tinha aparecido e, vendo Ted ameaçado, eles próprios já tinham visto o suficiente. Ken, um gigante simpático, embora nem sempre tão simpático, deu um passo à frente enxugando as mãos na roupa de chef enquanto falava.

— Acho que agora você deveria ir embora, senhor. — O tom da voz era baixo, mas a intenção era clara. O homem enfiou a mão no bolso interno, mas seu colega sabia que havia muito público agora. Ele tocou o ombro do homem e balançou a cabeça, então o conduziu até a saída. O homem se virou quando eles saíram, cuspiando suas palavras.

— Nós voltaremos, ele virá!

Andrew assistiu ao espetáculo pelas câmeras. Impressionado com a performance de Ted, que conseguiu evitar uma busca, ele

sabia que era apenas uma questão de tempo agora. O Sr. Paul não seria tão facilmente desviado.

BOAS MANEIRAS

Andrew queria fechar as janelas com tábuas e trancar todas as portas; Maria queria correr e continuar correndo. Nenhuma das opções era viável, mas ficar sentado esperando não era a preferência de ninguém. Andrew ficou sentado no escritório olhando para as telas, ocasionalmente olhando para a arma, imaginando se poderia usá-la novamente. Imaginando se ele poderia matar alguém. Ele sabia que o Sr. Paul poderia e não hesitaria. O tempo se arrastava e, ainda assim, ele sentia que não tinha tempo. Maria também olhava para os monitores, com cada movimento despertando sua ansiedade. Suas unhas batiam em um ritmo aleatório na mesa, contando os segundos até sua chegada. O ar pairava pesado com tamanha antecipação e apreensão.

O médico atendeu Ellen, e ela dormiu profundamente, assim como Ted, embora apenas brevemente, uma soneca para recarregar. Andrew também estava exausto, assim como Maria, mas foi ela quem assumiu o controle.

— Deite-se por uma hora, vou ficar de vigia. — Maria deu um tapinha no braço dele e sorriu. — Você precisa descansar.

— Não, você descansa, eu vou... — Andrew foi interrompido por Maria.

— Você precisa descansar se ele estiver vindo. Não estou no topo da lista dele, pelo menos não dessa forma, então durma um pouco e fique forte. Não vou tirar os olhos dos monitores, não consigo. — A insistência silenciosa de Maria fazia sentido, então Andrew se deitou no sofá e fechou os olhos. Não demorou muito para que o sono o levasse.

Maria sorriu para a figura adormecida por apenas um segundo enquanto seus olhos eram atraídos de volta para as telas. O puro terror a mantinha acordada enquanto ela examinava cada tela, mas sempre era atraída de volta para a entrada e o estacionamento.

Observando as idas e vindas ocasionais dos veículos, procurando aquela figura distinta.

Na estrada, o Sr. Paul chegou em seu carro, estacionando fora da vista da entrada. Estacionados atrás dele estavam os dois homens, Joyce e Caton, que haviam estado lá dentro. Descendo do carro, ele fez sinal para os homens se juntarem a ele. Ao deixarem o veículo, eles ficaram nervosos diante do Sr. Paul quando ele finalmente falou.

— Vocês não encontraram nada aqui, mas ainda assim me chamaram?

— Não encontramos nada na frente do hotel, mas o homem nos impediu de ir mais longe — explicou Caton, ciente de como seu argumento era fraco.

— Um homem impediu? Que homem? — O Sr. Paul controlou sua raiva.

— Aquele engomadinho da recepção. Ele ficou jogando conversa fora, daí surgiram muitas pessoas e então... — Joyce não teve permissão para terminar.

— Carter. Vocês foram parados por Ted. — O Sr. Paul suspirou alto, sem saber se ria ou chorava. — É tarde demais agora, suponho; porém, para referência futura, se é que você terá um futuro, observe isso. Quando eu digo para você vasculhar um hotel, meu hotel, você não precisa de mais nenhuma permissão. Você não pede para olhar, você simplesmente vai e inspeciona o lugar. Você procura onde achar necessário e faz isso imediatamente. — Paul deu um passo à frente e deu um tapa forte no rosto de Joyce e depois no de Caton. Eles já esperavam a fúria do homem, mas de alguma forma aquele tapa foi humilhante, ainda mais quando o Sr. Paul se virou e disse. — Crianças. Vocês ficam aqui.

Parado na beira da estrada, ele esperou em silêncio enquanto observava a van da Millar's Maintenance se aproximando, então saiu para acenar e fazer com que ela parasse. Uma empresa local, eles cuidavam de todos os pequenos reparos e reformas no hotel. O Sr. Paul ligou para eles sabendo que estavam por perto e que com certeza responderiam rapidamente. Ele subiu na van com os operários, fechou a porta e falou.

— Obrigado pela resposta rápida, preciso que vocês me levem para o hotel sem ser notado. Podem fazer isso?

— Ah, é uma inspeção surpresa? — o motorista perguntou enquanto se afastava.

— Sim, sim. Esse é o tipo de coisa, então é importante que eu não seja visto. — O Sr. Paul olhou para a parte de trás da van. — Vocês tem um macacão sobrando?

— Nós realmente temos reparos a fazer? — o trabalhador mais jovem perguntou. Então, quando o Sr. Paul balançou a cabeça, o jovem continuou. — Tá, pode ficar com o meu, você tem mais ou menos o mesmo tamanho.

O Sr. Paul se espremeu na parte de trás da van, onde completou seu disfarce com um chapéu. Ele já estava pronto quando a van parou no estacionamento, orientando-os a parar sob a câmera, um ponto cego parcial, e saiu, levando um trabalhador com ele.

— Traga algo para arrombar aquela porta. — O homem não tinha certeza se era uma boa ideia, mas o aceno e a expressão do motorista foram suficientes para convencê-lo. Ele já conhecia o Sr. Paul.

Dentro do hotel, Andrew, agora acordado, sentia-se melhor pelo sono. Ele pegou um café preto e ofereceu outro para Maria.

— Há uma van de construtores, ou pintores, eles têm aqueles macacões brancos como pintores. — Maria apertou os olhos para ver mais detalhes. Andrew olhou por cima do ombro dela, analisando que o homem acima do peso com um boné de beisebol não se parecia com um dos homens de Paul.

— Eles têm uma empresa de manutenção, mas é melhor eu verificar com o Ted. — Andrew pegou o telefone e ligou para a recepção. Antes que pudesse falar, Maria bateu no braço dele.

— Eles estão indo embora, olhe. — Ela apontou para a tela quando o homem barrigudo subiu de volta na van. Não demorou para o veículo deixar o estacionamento e entrar na estrada. — Estranho.

Andrew discou para a recepção novamente, desta vez Ted respondeu.

— Olá, aqui é o Sr. Cart...

— Ted, há alguma visita de um homem de manutenção agendada para hoje? — Andrew interrompeu.

— Não tenho certeza, o pessoal da limpeza pode ter chamado, mas deixe-me verificar. Sinto muito, mas, com tudo isso, não consigo pensar com muita clareza. Ted disse honestamente. Estava tão cansado que mal conseguia se lembrar do próprio nome.

— Entendo, Ted, mas você poderia ser rápido, por favor? — O desespero de Andrew ficou claro. Ted ligou para o serviço de limpeza enquanto verificava o calendário do computador.

Andrew engoliu um pouco de café enquanto Maria soprou o dela antes de tomar um gole. Eles estavam cientes de algum truque em potencial, mas haviam perdido o passe de mágica.

O homem de Millar's havia forçado a porta com o mínimo de alarido ou barulho, permitindo que o Sr. Paul entrasse, deixando a porta entreaberta, mas não visivelmente aberta para a câmera, a menos que alguém olhasse de perto. O Sr. Paul entrou no banheiro e, uma vez dentro de um cubículo, tirou o macacão. Saindo, ele verificou sua imagem no espelho. Irritado com os cortes e hematomas, ele prometeu vingança a si mesmo. Movendo-se para a porta, ele espiou o corredor. De um lado, ele viu a porta do escritório e, do outro, o balcão da recepção e Ted Carter. O escritório permitia uma cobertura total, mas, se trancado, quão fácil seria entrar?

Nesse momento, da curva da porta do escritório, surgiu o médico do hotel, de maleta na mão. O Sr. Paul sorriu para si mesmo. — Ela está aqui — ele sussurrou. Ele tateou o bolso em busca do cartão-chave, outra regalia que havia escondido de Ellen. "Qual a melhor maneira de ela descobrir?" ele pensou. Analisando a situação por um momento, ele se moveu rapidamente pelo corredor e sumiu de vista. Parado na porta de Ellen.

No escritório, Andrew atendeu o telefonema de Ted.

— Não há nada agendado para hoje, não pedimos que eles viessem — explicou Ted.

— Eles pararam no estacionamento, um saiu do carro, entrou de novo e depois eles foram embora. — Andrew sabia que algo cheirava mal.

— A porta para dentro, está trancada? — Ted perguntou quando Maria se aproximou da tela, deixando de observar a figura correndo em outro monitor.

— Espere, acho que está aberta — disse Maria com o medo evidente em sua voz. — Meu Deus! Ai, meu Deus! — A cor sumiu do rosto de Maria quando outra tela chamou sua atenção.

— Maria, o que foi?

— Quem é esse com a Ellen?

Andrew seguiu o dedo de Maria até a tela à esquerda do banco de imagens. Lá estava Ellen deitada na cama, as cobertas puxadas para trás; mas quem era aquele sentado na ponta?

— Puta merda. — A voz de Andrew era baixa, mas cheia de pavor.

MORTO PARA O MUNDO

Ellen havia adormecido novamente, mas o sono não era profundo e ela percebeu um movimento na porta. Ela abriu os olhos e bocejou mais do que falou.

— Você me trouxe mais café?

— Não, mas não pretendo mantê-la acordada por muito tempo.

— O Sr. Paul apareceu com uma arma na mão direita, o braço esquerdo ainda na tipoia. — Ah, eu disse acordada? Eu quis dizer viva.

Ellen sentiu como se o quarto estivesse tremendo quando o Sr. Paul se aproximou e sentou-se na ponta da cama, com seus olhos escuros fixos e intensos. Ele apontou o cano da arma para o ombro.

— Você me machucou, Ellen. Eu te disse para não entrar em uma competição comigo. Não em uma que incluísse dor. — Inclinando-se, ele quase sorriu ao aproximar seu rosto. Então, rapidamente, uma, duas vezes, ele acertou o ferimento dela com a coronha da arma. O quarto pareceu derreter ao seu redor, enquanto uma dor quente e nauseante a invadia. Ela ofegou, incapaz de gritar, enquanto as lágrimas enchiam seus olhos. Permanecer consciente agora era um esforço, enquanto seu corpo lutava para escapar da agonia.

POF! Colocando a arma na cama, ele levou a mão ao rosto dela.

— Não se atreva a adormecer na minha frente. — Levantando-se, ele puxou os lençóis, tomando tempo para olhar o corpo dela através da camisola. — É um desperdício, não há dúvida quanto a isso. Agora, onde estão os outros?

Seu corpo inteiro estava tremendo agora, e ela fez tudo o que pôde para balançar a cabeça. Novamente, ele colocou a arma no sofá ao lado. POF! A parte de trás de sua mão atingiu a outra face. Enquanto Ellen ofegava em meio às lágrimas, ele se sentou novamente, olhando-a nos olhos. — Realmente é melhor você me contar.

Alguém bateu à porta. Em seguida, uma segunda batida forte que ecoou pelo quarto.

— Sou eu. Abra. — Os olhos do Sr. Paul se arregalaram enquanto ouvia, então ele sussurrou zombeteiramente. — Vamos ver quem é esse ‘eu’? — Pegando a pistola, ele atravessou o quarto rapidamente. Abrindo a porta, ele ficou atrás para deixar o visitante entrar. O Dr. Morris passou por ele.

— Tenho que sair em breve, então pensei em ver como nossa paciente estava se sentindo. — Ele entrou no quarto. — Meu Deus, Ellen! Quem fez isso com...?

— Eu fiz.

Morris lançou um olhar de choque em seu rosto. — Quem é... oh. Como você veio parar aqui?

— Quão rapidamente somos esquecidos. Sou o Sr. Paul, ex-segurança e, agora, o novo gerente. Tenho uma chave universal para todos os quartos.

— O que você fez com Ellen?

— Apenas metade do que eu queria. Você me interrompeu, doutor.

— Que tipo de homem você é? Você está machucando uma mulher ferida, é esse o seu nível?

— Não posso dizer que já considere isso dessa forma. Sempre me achei igualitário, para ser sincero. Mulheres, crianças... até médicos.

Quase que casualmente, a arma foi erguida e disparada em um instante. O Dr. Morris caiu no tapete, com um buraco horrendo na cabeça que espirrou sangue na parede atrás dele. Ellen agora gritava, com lágrimas históricas de desespero. O Sr. Paul a encarava com olhos frios e sem piscar, fixos e sem piedade. Ele arrastou o corpo para longe da cama e para o outro lado do quarto, satisfeito com a força de seu braço bom. Voltando-se para Ellen, ele lentamente levou o cano da arma aos lábios. — Chiiiiu! Agora, onde eu estava?

Andrew e Maria tinham visto apenas o final disso e sabiam que precisavam agir rapidamente. Não havia plano, não havia tempo

para um. Andrew procurou a arma em sua cintura, puxando-a lentamente.

— Tenho que ir lá.

— Mas, Andrew, ele vai te matar.

— Olha, Maria, ele vai matar a Ellen. Machucá-la e matá-la. Eu não posso ficar aqui e assistir. — Mesmo enquanto falavam, eles viram outro tapa forte ser dado. — Já chega.

Andrew escancarou a porta e saiu a passos largos pelo corredor. Maria ficou com as mãos estendidas, com os olhos úmidos de lágrimas. — Por favor, Andrew, por favor.

Firmando a mão, ele rapidamente colocou o cartão-chave na fechadura e abriu a porta. Entrando, ele ficou encostado na porta, atrás da pequena cobertura da parede divisória. Ele podia sentir seu coração batendo em seu peito enquanto prendia a respiração.

— Que bom que finalmente se juntou a nós. Você vai entrar agora mesmo?

Esgueirando-se ao longo da parede, Andrew se afastou da porta e esperou que ela se fechasse por conta própria. Ela não completou o movimento porque Maria estava atrás dela, segurando-a entreaberta. Andrew olhou para trás para vê-la e franziu a testa, sinalizando para fechar a porta em seguida. Maria se aproximou enquanto Andrew balançava a cabeça, desejando que ela tivesse voltado para o corredor.

— Vamos, Andrew. Ou preciso atirar nela para te trazer aqui?

Andrew fechou os olhos com força, sabendo que não tinha alternativa. Entrando em cena, ele estendeu a arma, apontando-a para o Sr. Paul. Seu alvo estava sentado na ponta da cama; a arma dele apontada para Ellen. O rosto dela estava inflamado e vermelho, e as lágrimas escorriam livremente enquanto ela soluçava. Em seu ombro, o sangue escorria através das bandagens.

— Não aponte essa coisa para mim, Andrew. Meu dedo está coçando o suficiente no que diz respeito a essa garota, e nós dois sabemos que você não é bom o suficiente para ter certeza de chegar lá primeiro. — O Sr. Paul olhou para Andrew e depois para a pequena parede que se projetava, escondendo a porta da cama e da maior parte do quarto. — Essa é uma falha real de design, não

posso acreditar que não percebi antes. Esse será o meu primeiro trabalho para este lugar... bem, o segundo.

Andrew olhou para o objeto de seu ódio e repulsa. Os olhos negros tinham um brilho doentio enquanto sua boca se aproximava de um sorriso grotesco. Então lá estava, a paródia da alegria que gelou sua própria alma.

— Largue a arma, Andrew. Eu vou matá-la, você sabe disso.

Abaixando a arma, ele a jogou para o lado, atrás da tão odiada divisória, suspirando pesadamente ao fazer isso.

— Assim está melhor. Podemos todos relaxar agora, não podemos, Ellen? — Enquanto falava, ele traçou a arma na perna de Ellen, quase rindo enquanto começava a levantar a camisola.

— Você é patético. — Andrew não conseguia esconder sua raiva e repugnância. — Um homem que precisa de uma arma para ficar com uma mulher.

Os olhos do Sr. Paul brilharam por um momento de raiva, mas ele se levantou devagar e logo voltou a sorrir.

— Não preciso de uma arma, Andrew, mas tenho uma. É tudo uma questão de conhecer suas vantagens e usá-las. — Lentamente, ele se aproximou de Andrew, com a cabeça inclinada como se estivesse procurando algo. — Falando em vantagens, eu tenho isso. — O Sr. Paul ergueu o braço esquerdo na tipoia e quase fortuitamente virou o pulso direito e disparou um tiro no ombro de Andrew.

Andrew cambaleou dando um passo para trás, mas não caiu. Ele agarrou o ferimento com a mão direita e respirou pesadamente com os olhos fixos no Sr. Paul, que se aproximava.

— Pronto, estamos quites agora, ou pelo menos quase quites. Ainda falta uma garota para mim. Quero dizer, gosto de brincar com vocês dois, mas ainda sinto falta de uma garota. Estou sentindo falta DA garota.

Mais uma vez, ele avançou lentamente, dando um passo, depois outro. Quase na altura de Andrew, seu sorriso perverso se alargou, assim como seus olhos.

— Onde está Maria?

— Tô bem aqui, seu bastardo. — Foi o mais breve dos reconhecimentos de canto de olho; Maria de pé na divisória, a arma na mão estendida. Apontando para a cabeça dele, ela puxou o gatilho e não errou. O tiro ecoou, e a expressão de choque e perplexidade no rosto do Sr. Paul naquele instante ficaria com Andrew para sempre. Ele caiu diante de Maria, que havia virado uma estátua. Com delicadeza, Andrew tirou a arma de suas mãos e a trouxe para seus braços.

— Está tudo bem, querida, agora acabou. Fique tranquila. Acabou.

— Não, haverá outros. — Ellen falou através de lágrimas e dentes cerrados. — Ele deve ter trazido outros.

Enquanto ela falava, Joyce e Caton chegaram à recepção para ver Ted Carter mais uma vez.

PONTAS SOLTAS

Ted sentiu vontade de correr, mas, mesmo assim, manteve-se firme, com um sorriso irônico enquanto falava.

— Achei que poderia ver os cavalheiros novamente.

— Sem jogos desta vez, coroa, apenas nos diga onde eles estão — disse Caton, cansado.

— Onde está quem? — Enquanto falava, Ted sentiu o golpe vindo de Joyce. Entregue com precisão, trouxe sangue para sua boca e lábios. Ted tocou seu rosto e provou o sangue, suas pernas pareciam instáveis, mas ele agarrou a mesa com a mão direita. — Vocês, homens, sempre acham que a violência é a resposta. — Caton desferiu o segundo soco e, embora as pernas de Ted cedessem, ele se segurou e se endireitou novamente. Ele percebeu que estava tremendo.

— Pelo amor de Deus, apenas nos diga, velho! — Caton gritou. — Não tenho o hábito de matar velhos, mas se for preciso... — Caton deu de ombros. Embora fosse um momento de quietude no hotel, algumas pessoas estavam se reunindo para ver a confusão.

— VAI! Entre no bar, não há nada para ver aqui. Nós somos a polícia. — Joyce exibiu algum tipo de identificação e, embora fosse rápido demais para ser visto com clareza, pareceu convencer os convidados a se afastarem. Se não foi a identidade, foi a atitude que os persuadiu. Caton se moveu rapidamente para trás da mesa e empurrou Ted em direção ao escritório dos fundos.

— Continuaremos com isso aqui.

No final do corredor, Andrew viu Ted ser empurrado para o lado, sabendo que precisava agir novamente. O doutor Morris jazia morto no quarto de Ellen em parte por causa dele; ele não estava disposto a deixar Ted se juntar ao médico. Ele deu um passo para trás, ficando fora de vista e respirou fundo. Maria ficou por perto enquanto falava.

— O que devemos fazer?

— Nós? — Andrew ergueu uma sobrancelha.

— Sim, nós. Não é tudo culpa sua. — Maria ergueu a mão mostrando a arma do senhor Paul. — Estou pronta. — Andrew sabia que era inútil discutir, pois Maria estava decidida e o tempo corria contra eles. Uma rápida olhada para ver se o caminho estava livre e eles se moveram. Abraçados à parede, eles tentaram passar despercebidos, mas vendo que os homens haviam se movido, eles saíram e correram até a mesa. Parando, eles podiam ver figuras se movendo através do vidro fosco da porta do escritório. Maria analisou a situação e deu um tapinha no braço de Andrew, apontando para cada lado da porta. Ele acenou com a cabeça e ambos se moveram para trás da mesa para tomar posição. Maria se recostou na mesa e tocou a antiga campainha duas vezes, recuando enquanto o som ecoava e as pessoas no escritório ficavam em silêncio. Eles podiam ouvir conversas sussurradas, mas as palavras eram indistintas. A porta se abriu e Joyce saiu.

— Fique quietinho — Andrew apontou a arma para a cabeça dele enquanto sussurrava. — Mova-se para lá. Arma na mesa e você no chão, de bruços. — Joyce obedeceu. Alguns minutos se passaram e a porta se abriu mais uma vez, enquanto Caton espiava o saguão.

— Joyce, que diabos você está fazendo? — No chão, seu colega começou a responder — Olhe para... — O chute de Andrew o silenciou e, antes que Caton pudesse se mover, Maria deu um passo à frente colocando a arma dela contra a testa dele.

— Largue sua arma ou... não esqueci de você na casa de Steele. Preciso de uma pequena desculpa. — Maria não deixou dúvidas de que era séria e competente. Caton largou a arma e saiu do escritório. Andrew fez sinal para ele, apontando para o chão.

— Venha, junte-se ao seu amigo aí embaixo. O Sr. Paul está morto, então qualquer heroísmo agora é apenas para seu próprio benefício.

Maria foi até o escritório para ver um Ted ensanguentado, mas aliviado.

— Você está bem, Ted? — ela perguntou.

— Eles não são os primeiros valentões que conheci e não serão os últimos, tenho certeza. — Ele tentou sorrir, mas estremeceu. — Eles bagunçaram muito meu nariz, você poderia pedir ao Dr. Morris para... — Ted viu a expressão no rosto de Maria enquanto ela balançava a cabeça lentamente. — Ah, não, o Ken não. — Ted afundou na cadeira e ficou em silêncio.

Maria saiu do escritório com raiva e foi até os dois homens no chão. Sem aviso, ela chutou Caton no rosto, com força, depois Joyce na lateral.

— Vocês bateram em homens idosos, mulheres. Vocês matam pessoas e para quê? — Maria tentou chutar novamente, mas Andrew segurou seu ombro e balançou a cabeça. Ela bateu com o pé e deu um passo para trás enquanto gritava. — Este lugar, este hotel, realmente vale a pena toda a dor? Que lugar é esse? — Maria se afastou enquanto Joyce murmurava.

— Estamos acabados, não vamos lutar mais. Se o Sr. Paul se foi, Steele se foi, então... ela está certa, não vou morrer por isso.

— Steele já era? Quando? Como assim? — Andrew questionou.

— O Sr. Paul o matou — disse Caton. — Então, já que ambos se foram, não estamos sendo pagos e não tenho interesse em vocês ou neste lugar. Fique com as armas, nós iremos embora.

Andrew recuou e apontou para a porta, depois manteve a arma apontada para os homens enquanto eles se levantavam e se afastavam com dificuldade. Maria suspirou enquanto os observava irem embora.

— Então é isso, nós simplesmente os deixamos ir embora? Sem polícia, sem justiça? Um homem está morto no quarto da Ellen, ela foi baleada, eu fui agredida. Esses homens viraram minha vida de cabeça para baixo e tudo termina com um encolher de ombros.

Andrew sabia que Maria estava certa, embora entendesse que seria melhor assim.

— Este lugar, Ellen, eu, não estamos dentro da lei. Pode ter sido Steele e o Sr. Paul os responsáveis pelo hotel, mas nós participamos e pegamos o dinheiro. Embora eu não saiba quanto poderia ser cobrado de nós como funcionários, tenho certeza de que seria o suficiente.

— Deixe-me lidar com isso. — Sangrenta e pálida, mas de pé, Ellen encostou na parede. Maria se moveu rapidamente para apoiá-la. — Você está certo sobre este lugar e sua legalidade, mas agora que Steele e Paul se foram, podemos contar a história. Ted e eu podemos bancar os tolos ignorantes, alheios à realidade do lugar e, para aqueles que sabem melhor, eu também. Tivemos muitas, muitas pessoas da lei e do sistema legal passando por essas portas e por essas camas. Eles vão ajudar. Eles terão que fazer isso.

— Eu posso ser convincente. — Ted deu um passo à frente. — Meu rosto e o ferimento de Ellen, que precisa de atenção agora, contarão uma história. Eu sei que Steele tem reputação suficiente, então isso vai parecer mais um caso de gangue. Eu sei, como disse Ellen, que há muitas pessoas poderosas que querem que isso desapareça.

— Então, isso era pouco mais que algum tipo de isca? Um lugar sórdido para fins de chantagem? — Maria descobriu agora e não gostou. — E você sabia?

— Não tenho orgulho de nada disso. Fui sugada pela oportunidade, pelos jogos mentais e, depois, aprisionada pela realidade. Tentei ser uma força para o bem por dentro, apesar de saber o quão vazio isso pode soar. Uma coisa que você vai entender é que não havia saída... não com vida. — Ellen estremeceu de dor. — Sinto muito; no entanto, esse não era meu plano ou meu lugar. Vou lidar com isso agora, então vocês dois podem ir e nos deixar fazer isso.

— Acho que nunca vou entender bem qual é a verdade desse lugar, não tenho certeza se quero. O Sr. Paul e o Sr. Steele falam por si mesmos, e você, Ellen, já sofreu o suficiente. Não consigo imaginar que uma pessoa como você ou Ted teria algo a ver com chantagem e tenho certeza de que não havia uma saída fácil. Porém, não tive nada a ver com isso e vou embora, com o Andrew, e, neste momento, não consigo ver se vou olhar para trás. — Maria se virou para a saída e caminhou. Andrew fez uma pausa para abraçar Ellen.

— Isso não é culpa sua. Em nenhuma parte. Conheço esses homens e os métodos que usaram. Olharei para trás quando a

poeira baixar, então fique bem e mantenha contato. — Andrew apertou a mão de Ted. — Você é um bom homem, Ted. — Andrew se virou e caminhou atrás de Maria, surpreso com o quão emocionado ele se sentia, mas feliz por estar saindo daquele lugar.

EPILOGUE

As feridas físicas foram tratadas com mais facilidade do que as cicatrizes mentais, mas o tempo tem o poder de curar inúmeras coisas. Era importante que todos seguissem em frente e olhassem para um futuro que não tinham certeza se algum dia teriam.

Maria e Andrew podem ter se relacionado mentalmente; contudo, eles ainda precisavam se conhecer no mundo real.

— Conheço você melhor do que qualquer homem no mundo, quase como o Adrian, e ainda assim, não sei quase nada sobre você — disse Maria enquanto dirigiam.

— Eu sinto o mesmo... quem é Adrian? — Andrew perguntou, ficando repentinamente preocupado.

— É exatamente o que quero dizer. Somos estranhos. — Ela sorriu.

— Perfeitos estranhos. — Ele riu.

— O que foi? — Maria perguntou.

— É uma música que eu gosto, nada importante. Agora, quem é Adrian? — Andrew voltou à sua principal preocupação agora.

— Meu irmão, ele se foi — Maria sussurrou tristemente.

— Sinto muito, eu pensei, quer dizer, eu não pretendia...Andrew gaguejou.

— Eu sei o que você pensou e está tudo bem. Sinto falta do Adrian, só isso. — Maria sorriu.

Eles continuaram em silêncio. Eles tinham muito o que considerar um sobre o outro e sobre si mesmos. Vidas inteiras para revelar e compartilhar. Eles tinham que encontrar um lugar para compartilhá-las. Foi um silêncio de contentamento. A satisfação de estar com a pessoa certa e ter tempo para conhecê-la melhor. Ter espaço para amar e viver.

Enquanto dirigiam, ela observou as pernas dele enquanto ele pisava no pedal e acelerava, os pés dela empurrando contra o chão

em sincronia. Eles iam ficar bem juntos; ela não achava isso, ela sabia. Ela, ele, eles podiam sentir isso.

Ellen voltou ao trabalho em pouco tempo. E, embora Ted tivesse feito um ótimo trabalho, a polícia ainda precisava de respostas. Eles enviaram o detetive Douglas para entrevistá-la. Uma boa escolha... para Ellen.

— Então, Srta. St Peters, esse é um nome estranho. — Ele falou enquanto tentava parecer indiferente ao olhar dela.

— Isso é um crime? De qualquer forma, não acho estranho. — Ela sorriu.

— Não, senhorita, bem, eu estava apenas dizendo... — O sorriso teve seu efeito.

— Não importa — ela interrompeu, aproveitando o desconforto dele. — Então, o que o trouxe aqui, além dos corpos? — Ela sorriu, novamente deixando-o desbalanceado. Ele tentou recuperar alguma autoridade.

— Você acha engraçado o rastro da morte que encontramos aqui? — ele disse, tentando retribuir o olhar dela.

— Perdi um amigo, quase minha vida, então por que você acredita que eu acharia engraçado? — O sorriso se foi.

— Olha, sinto muito pela sua perda, sério, só quero averiguar isso a fundo. Podemos começar com o Sr. Steele? — Douglas tentou voltar ao assunto em questão.

— Meu chefe, o Sr. Paul era seu braço direito. Eles me encontraram através de uma empresa de recrutamento. Eu não sabia na época, mas descobri recentemente que eles não eram nada honestos. — A apresentação em staccato de Ellen com relação aos fatos, os fatos dela, surpreendeu Douglas. Ele sorriu.

— Muito bom, porém, e é um grande porém, devo acreditar que você só descobriu sobre o homem recentemente? Os negócios dele?

— Sim, pode acreditar. Não tenho nada a ver com os outros negócios dele. Furneci funcionários para eles. E eu administrava um hotel. Eu sabia que meu chefe era um... bastardo... por falta de outra palavra. Sim, eu sabia. Não me pediram para gostar dele, ou

do Sr. Paul, esperavam que eu administrasse este lugar. — Ellen foi inabalável em sua resposta.

— Você deve ter suspeitado de alguma coisa, visto alguma coisa, com certeza. — Douglas suspirou.

— Eu suspeitei, posteriormente. Eles atiraram em mim por isso. Isso é bom o suficiente para você? — Aquele olhar, gelado, penetrante. Douglas desviou o olhar e procurou por outra pergunta enquanto Ellen continuou. — Parece que fiz bem em não ir muito longe ao longo dos anos, não acha?

— Entendo. — Douglas se distraiu verificando uma anotação em seu telefone. Posteriormente, ele falou. — O que exatamente aconteceu aqui? Ouvi rumores e, com todo o respeito, não vale a pena ser morto por este lugar.

— Isso é desrespeitoso. Muito. — Ellen suspirou. — E, quanto a se vale a pena morrer por isso, talvez você deva perguntar ao chefe de polícia Wilkinson. George gostava muito daqui. — Lá estava o sorriso de novo, embora não fosse caloroso. Douglas engoliu em seco.

— Você conhece o Chefe?

— Sim, muito bem, na verdade. Agora... — Ellen fez uma pausa e tomou um gole de água. — Eu estaria certa em pensar que foi George, Chefe Wilkinson, quem lhe pediu para vir aqui? A anotação no seu telefone com a pergunta sobre este lugar, veio dele, não foi? Ele estava particularmente interessado em saber o que eu sabia, não é?

Douglas não falou. Ele olhou para o telefone e depois de volta para Ellen, sentindo-se despojado. Novamente, ele verificou seu telefone, a próxima pergunta, mas Ellen já estava falando.

— Eles mantêm registros, e de que tipo? Quem fica com eles? Acho que isso vem a seguir. Bem, diga ao George para não se preocupar, eles estão muito seguros e protegidos. É importante que ele saiba disso. — Ellen sorriu enquanto o policial corava, tendo suas perguntas feitas e respondidas, até certo ponto. Deixou ele irritado ao se sentir tão pequeno, até que ele surtou.

— Seguros ou não, eu quero ver esses registros. Quero saber que tipo de lugar é este ou era. Você não leva um tiro do nada em

uma pousada.

— Tudo bem, vou procurar por eles assim que você conseguir um mandado. E, por favor, certifique-se de pedir autorização ao chefe. Você também pode querer falar com Michelle Saunders, do The Recorder, que também é uma grande amiga do hotel e acredito que ela acharia nossos registros fascinantes. — Ellen sorriu.

— Isso soa como uma ameaça, senhorita, e você deve saber...
— Apesar de sua indignação, Ellen o interrompeu.

— Com licença, senhor, não faço ameaças, e como exatamente poderia ser uma ameaça? Tenho certeza de que o Chefe não tem nada a esconder ou se preocupar. Ou será que tem? E com relação à editora do jornal, eu simplesmente pensei que ela poderia responder por nós... e o Bispo de Londres, já que ele foi um hóspede em várias oportunidades. Conhece o promotor Stephen Dixon? Ele é especialista em fraudes hoje em dia, mas acredito que ele era um advogado criminal e tanto naquela época. Ele se encontrou com o chefe Wilkinson e conhece sua... reputação muito bem. — Ellen se levantou. — Agora, se isso é tudo, Detetive Inspetor Douglas, tenho trabalho a fazer.

O policial se sentiu humilhado e revoltado, mas as palavras não vinham e, na verdade, não havia o que dizer. Ele havia sido superado e ultrapassado. Enviado para fazer um trabalho munido de perguntas e nenhum conhecimento, Wilkinson não confiaria nele para isso. Uma vez no carro, ele telefonou para seu chefe e não foi surpresa quando, após um longo silêncio, ele simplesmente disse — Deixe pra lá, Douglas. Nunca mais quero ouvir falar daquele lugar. Eu cuido do resto.

Ellen continuou administrando o hotel enquanto iniciava uma busca por conta própria. Charles Steele era o chefe do hotel e das propriedades, mas, para sua surpresa, uma certa Stephanie Steele era a dona. Deste lugar e de muitos outros. Ellen partiu para encontrar esta, agora, mulher extraordinariamente rica. Ficou acordado que o hotel funcionaria como de costume, mas o negócio dos sonhos seria suspenso; temporariamente ou permanentemente, ela não tinha certeza. Ela não tinha pressão para fazer nenhum dos

dois, ou mesmo qualquer coisa, pois estava simplesmente vivendo a vida e, por enquanto, isso era o suficiente.

Ted Carter permaneceu como gerente, feliz por ter uma rotina calma novamente. As mortes, principalmente do médico, pesaram sobre ele, mas o retorno do hotel à normalidade fez com que ele se sentisse em casa novamente e isso foi o maior conforto. Ele ficou até satisfeito por Ellen ter permanecido, maravilhado com sua presença e força.

Maria e Andrew se estabeleceram no norte do país. Uma pequena aldeia perto de um lago e um bosque, todo o espaço do mundo para se perder, toda a cobertura para se esconder e toda a beleza para desfrutar. Foi inspirador para as pinturas de Maria, que agora alternava entre as explorações dolorosamente belas e sombrias da mente humana. Eles já não fingiam que os eventos não haviam mudado os dois, e agora era sobre como eles poderiam aprender e evoluir com tudo o que aconteceu. Juntos, eles resolveram que fariam isso funcionar para eles; juntos, eles conseguiram.

Com o tempo, as opiniões de Maria em relação a Ellen se suavizaram, o suficiente para que ela estendesse a mão e elas se falassem novamente. Longe da morte e do horror, suas ações faziam mais sentido e sua decisão de afastá-la foi, na verdade, um ato heroico que quase a matou. Andrew ajudou a explicar como, uma vez envolvido, não era fácil sair, se é que isso fosse possível. Feito o contato e as pazes feitas, formou-se uma amizade que perduraria. Eles até visitaram o hotel, mesmo que apenas para ver Ted e enfrentar alguns demônios.

Como casal, eles eram inseparáveis, com o vínculo mental cada vez mais próximo à medida que habitavam o corpo e a mente um do outro. Eles pensavam cada vez menos no futuro, pois o presente se tornava tudo de que precisavam. Duas pessoas notáveis em uma selva pouco digna de nota.

Caro leitor,

Esperamos que você tenha gostado de ler Jogos Mentais. Reserve um momento para deixar uma crítica, mesmo que curta. A sua opinião é importante para nós.

Atenciosamente,

David McGlone e Next Chapter Team

SOBRE O AUTOR

Meu nome é David McGlone e sou um autor escocês de 58 anos que escreve romances de diversos gêneros. Talvez mais conhecido como um escritor de thrillers psicológicos, incluindo minha trilogia DCI Marlin, *Ashes and Bone*, *Deadly Intent* e *Written in Blood*, publicados pela Lume Books. Meus trabalhos mais recentes são o romance dramático *The Photograph Album* e o thriller de ficção científica *Mind Games*.

Também publiquei uma série de romances e novelas. *Bleed to Love Her* é um conto sombrio e sobrenatural, enquanto *Undressed to Kill* e *The Satan Clause* são explorações leves e engraçadas do absurdo.